

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL - UFRGS

ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA - ESEF

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO

O HÍBRIDO PARAOLÍMPICO:

**RESSIGNIFICANDO O CORPO DO ATLETA COM DEFICIÊNCIA A PARTIR
DE PRÁTICAS TECNOLOGICAMENTE POTENCIALIZADAS**

Aluno: Varlei de Souza Novaes

Orientadora: Profa. Dra. Silvana Vilodre Goellner

Porto Alegre, novembro de 2006.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL - UFRGS

ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA - ESEF

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO

O HÍBRIDO PARAOLÍMPICO:

**RESSIGNIFICANDO O CORPO DO ATLETA COM DEFICIÊNCIA A PARTIR
DE PRÁTICAS TECNOLOGICAMENTE POTENCIALIZADAS**

**Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção do grau de Mestre em Ciências do Movimento Humano**

Aluno: Varlei de Souza Novaes

Orientadora: Profa. Dra. Silvana Vilodre Goellner

Porto Alegre, novembro de 2006.

AGRADECIMENTOS

“Cada pessoa só é capaz de dizer ‘eu’ se e porque pode, ao mesmo tempo, dizer ‘nós’” (Elias, 1994, p.57).

Muitas pessoas foram importantes e de alguma forma contribuíram para a realização dessa pesquisa, porém poucas foram decisivamente cúmplices em seu processo de conclusão.

A essas pessoas gostaria de agradecer pelo incentivo, pela tolerância e, acima de tudo, pelo respeito que tiveram em relação ao meu trabalho.

Cada uma, ao seu modo e generosamente, acolheu minhas angústias e apostou em minhas possibilidades.

Delas lembrarei qualidades que por vezes se ausentam de mim.

O Seu Varlei, a Dona Lourdes e a Dona Talita, eternamente me lembrarão serenidade e fé, assim como a Arilce, o Bruno e a Paula, amor e cumplicidade, a eles dedico este trabalho.

Dos amigos cadeirantes, jamais esquecerei sua colaboração, os do Vespeiro, a parceria.

Dos colegas professores, professoras e diretoras das escolas onde leciono, lembrarei a solidariedade, de meus alunos, a tolerância.

Por fim, agradeço a generosidade e competência da professora Silvana Goellner, bússula dessa grande aventura.

RESUMO

A pesquisa analisou os significados culturais que vem sendo atribuídos aos atletas com deficiência física que utilizam como prótese a cadeira de rodas, tentando perceber de que forma potencializam seus usos. O material empírico foi coletado, no período de dezembro de 2004 a janeiro de 2006, em eventos esportivos, nas rotinas de treinamento desses atletas e, também, em alguns encontros sociais com os dirigentes de três instituições que desenvolvem ações de apoio e incentivo ao esporte adaptado na cidade de Porto Alegre, locais onde garimpei informações através da observação participante. O estudo, que se caracteriza metodologicamente como uma análise qualitativa que utiliza estratégias de captação etnográfica, consiste em descrever e analisar alguns acontecimentos carregados de enunciados que atravessam o corpo desses atletas. Para desenvolvê-lo, utilizo-me da perspectiva teórica dos Estudos Culturais e Sócio-históricos do corpo e de autores e autoras que têm problematizado a noção de corpo no pós-modernismo a partir de pressupostos teóricos pós-estruturalistas. Com base nesse procedimento aponto, a partir da relação corpo-tecnologia, possibilidades de perceber esses corpos como híbridos, ciborgues, potencializados tecnologicamente, destacando, ao final, possíveis rupturas nos significados hegemônicos que os interpelam culturalmente.

PALAVRAS-CHAVE: Atleta com Deficiência – Cadeirante – Esporte Adaptado – Estudos Culturais.

ABSTRACT

This search analyzed the cultural meaning that has been attributed to the athletes with physical deficiency that use wheel chair as prosthesis, trying to notice that forms potentiate their use. The empiric material was collected in the routines of those athletes' training and, also, in some social encounters with the leaders of three institutions that develop support actions and incentive to the sport adapted in the city of Porto Alegre, Brazil, places where I prospected informations through the participant observation. The study that methodologically is characterized as a qualitative analysis that it uses strategies of reception ethnographic, it consists of describe and to analyze some events loaded of statements that cross the athletes' body. To develop it I use of the theoretical perspective of the Cultural and Partner-historical studies of the body and of authors that have been problematizing the body notion in the powder-modernism from presupposed theoretical powder-structualist. With base in that procedure, I appear starting from the relationship body-technologically, highlighting, at the end, possible ruptures in the hegemonic meanings that they question them culturally.

KEY WORDS: Disabled Athlete – Weelchair Athlete – Sport for Disabled People – Cultural Studies.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	7
1 ESTUDOS SOBRE CORPO.....	17
1.1 Situando estudo.....	18
1.2 A pluralidade corpo.....	25
1.3 Os artifícios corpo.....	29
1.4 Normalidade, deficiência, potencialização.....	41
1.5 Esporte Adaptado, superação, rendimento.....	52
2 CAMINHOS INVESTIGATIVOS.....	62
2.1 Decisões Metodológicas.....	62
2.2 Pesquisa de Campo.....	73
2.3 Organização das informações.....	93
3 CORPOS EM CENA: EM BUSCA DA VISIBILIDADE.....	95
3.1 Cena um.....	95
3.1.1 Das práticas tecnologicamente potencializadas.....	96
3.2 Cena dois.....	109
3.2.1 A ciborguização do atleta cadeirante.....	111
3.3 Cena três.....	123
3.3.1 A performance do híbrido: superação e deficiência.....	124
TRÊS LIÇÕES.....	136
REFERÊNCIAS.....	141

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1: Competição de esgrima na paraolimpíada de Sydney, Austrália, 2000. Comitê Paraolímpico Brasileiro. Disponível em www.cpb.org.br. Acesso em 14.10.2005, **p. 62**.

Ilustração 2: Maratona de Tóquio no Japão, 2001. ABRADecAR. Disponível www.abradecar.com.br. Newsletter nº 139, de 23.11.2004, **p. 62**.

Ilustração 3: Basquete em cadeiras de rodas. Brasil e República Tcheca, amistoso preparatório para as paraolimpíadas de Atenas, 2004. Comitê Paraolímpico Brasileiro. Disponível em www.cpb.org.br. Acesso em 04.03.2006, **p.74**.

Ilustração 4: Largada da prova dos 400 metros, no circuito Paraolímpico Loterias Caixa 2005, etapa Porto Alegre. Arquivos de fotos do Clube Gaúcho de Desporto em Cadeira de Rodas – CGDCR, **p. 77**.

Ilustração 5: Copa do Mundo de esgrima adaptada, etapa Viena, Áustria, 2004. ABRADecAR. Disponível em www.abradecar.com.br. Newsletter nº 122, de 27.07.2004, **p. 82**.

Ilustração 6: Prova dos 800 metros nos Jogos Mundiais em cadeira de rodas do Rio de Janeiro. ABRADecAR. Disponível em www.abradecar.com.br. Newsletter nº 178, de 22.09.2005, **p. 88**.

Ilustração 7: Equipe de basquete do RS Paradesporto realizando aquecimento. Disponível em paradesporto.blogspot.com. Acesso em 16.03.2006, **p. 90**.

Ilustração 8: Corredor cadeirante em uma prova de pista. Arquivos de fotos do Clube Gaúcho de Desporto em Cadeira de Rodas – CGDCR, **p. 93**.

Ilustração 9: Convite oficial dos Jogos Mundiais em cadeira de rodas e amputados, realizados no Rio de Janeiro, 2005. ABRADecAR. Disponível em www.abradecar.com.br. Newsletter nº 173, de 02.08.2005, **p. 96**.

Ilustração 10: Corredores cadeirantes em prova de rua. Maratona de Porto Alegre, edição 2006, Arquivos de fotos do Clube Gaúcho de Desporto em Cadeira de Rodas – CGDCR, **p. 98**.

Ilustração 11: Corredor cadeirante após troca de cadeiras. Circuito Paraolímpico Loterias Caixa 2005, etapa Porto Alegre, Arquivos de fotos do Clube Gaúcho de Desporto em Cadeira de Rodas – CGDCR, **p. 107**.

Ilustração 12: Cadeira de rodas, de fabricação nacional, para a prática do basquete. Disponível em www.casaortopedica.com. Acesso em 12.01.2006, **p. 108**.

Ilustração 13: Cadeira de rodas de corrida, fabricada no Brasil. Disponível em www.casaortopedica.com. Acesso em 12.01.2006, **p. 109**.

Ilustração 14: Competição da Liga Sul 2006 de basquete em cadeira de rodas. Arquivo de fotos do RS Paradesporto, **p. 113**.

Ilustração 15: Atletas do basquete montando as próteses de performance. Arquivo de fotos do RS Paradesporto, **p. 120**.

Ilustração 16: Competição de esgrima dos Jogos Mundiais no Rio de Janeiro. ABRADecAR. Disponível em www.abradecar.com.br. Newsletter nº 178, de 22.09.2005, **p. 126**.

Ilustração 17: Corredor cadeirante nos Jogos Mundiais do Rio de Janeiro, ABRADecAR. Disponível em www.abradecar.com.br. Newsletter nº 178, de 22.09.2005, **p. 133**.

Ilustração 18: Corredor cadeirante nos Jogos Mundiais do Rio de Janeiro, ABRADecAR. Disponível em www.abradecar.com.br. Newsletter nº 178, de 22.09.2005, **p. 138**.

Ilustração 19: Chegada de uma prova de pista. Circuito Paraolímpico Loterias Caixa 2005, etapa Porto Alegre, Arquivos de fotos do Clube Gaúcho de Desporto em Cadeira de Rodas – CGDCR, **p. 143**.

APRESENTAÇÃO

I

Escrever um texto, relacionado com outros textos que nos conduzem a escrever nossos próprios, parece insólito, mas é exercício urgente para aqueles cuja pretensão aponta os caminhos da pesquisa. Desafio para uns e para outros, o ato de escrever cientificamente, quase sempre demanda grandes doses de esforço, superação e sacrifício, tarefa que se aproxima, especialmente, do treinamento esportivo com seus exercícios executados repetida e exaustivamente. Amálgama de dor, ansiedade e obsessão, entre tantos, o ato de escrever imbrica-nos ao desconhecido e, temendo o fracasso, muitas vezes ficamos no começo de tudo ou nem isso.

E os textos que nos conduzem a escrever nossos próprios? Bem, sobre eles descansa o mistério da surpresa misturado a pequenas doses de admiração, além da culpa pela falência de certas regras semânticas que me tomam de sobressalto. Esses textos destacam a ética, a ordem e o estilo da sintaxe, como signos territoriais que invadem a intimidade dos parágrafos, limitando formas, autenticando palavras e autorias, definindo um corpo teórico que atravessa os territórios do aceitável em um frenético monitoramento de nossas eternas tentativas.

E os nossos próprios textos? Certamente nossos textos estão impregnados de autorias alheias e, não foram poucas as vezes que os construímos dizendo de maneira diferente algo que já foi dito. Reproduzimos idéias, pensamentos, tentamos paráfrases, mas, no início só tentamos. Possivelmente sufocamos os primeiros suspiros criativos sem calar nossa intencionalidade, sem perceber que representam uma linha tênue que demarca, provisoriamente, as fronteiras do querer fazer e do fugir, um divisor de águas.

Valho-me, então, dos textos que nos conduzem a produzir nossos próprios, das leituras que capturo de lugares mágicos guardadas como receitas preciosas, analgésicas,

estimulantes que me levam ao encontro de idéias e formas do pensamento, quase sempre incompletas e provisórias, que só o ato de escrever pode organizar e estruturar.

II

Este é um texto, escrito a partir de outros tantos, que me leva por caminhos que há tempos tento não adiar, porque urgentes, inquietos e, irreversivelmente, necessários de se percorrer. Urgentes porque, esquadrihados por normas e tempos, estes caminhos produzem discursos hegemônicos que nos significam, nos modelam, reproduzindo práticas e representações tidas como naturais e por onde, com estranhamento, temos de avançar. Inquietos porque, através deles, não me cala a intenção de ver e pensar, para longe das formas preditas, aquelas práticas que tentam traduzir os ruídos não-hegemônicos que lutam por desconstruir a imposição dessas normalidades. E, necessários, porque nesses caminhos as palavras tomam outras formas, gritam, se movem crítica e energicamente, dando voz e vez aos de fora, antecipando, de forma legítima, as possibilidades de minha investigação.

Investigo um corpo “diferente”, vendo-o como território de múltiplos significados e transgressões, elemento que carrega o emblema contemporâneo da transitoriedade e, a partir dele, penso a tecnologia que o atravessa, não como a grande novidade da ciência moderna há algum tempo captada por Bacon e Descartes, mas como evento que inventa sua própria transgressão, como processo que o artificializa. Falo de um corpo recortado, suprimido, que busca mediado pela tecnologia, bem mais que a reconstrução de suas possibilidades funcionais.

Portanto, ao investigar os corpos contemporâneos e algumas das redes de significações que a eles se acoplam, debruço-me especificamente sobre os corpos dos atletas com deficiência física, que utilizam como prótese a cadeira de rodas e busco, a partir das relações que estabelecem com o aparelhamento¹ tecnológico durante a

¹ Por entender certa nebulosidade na definição do conceito de *prótese* utilizado por alguns teóricos que sustentam e referenciam essa dissertação, autorizo-me a utilizar como sinônimo, no transcórre do trabalho, os termos: *equipamento, aparelhamento, artifício, artefato, elemento técnico e utensílio*. (Nota do autor).

performance esportiva, perceber de que forma representam seus corpos, destacando os significados culturais que, por si próprios, lhes são atribuídos.

Aqui há uma consideração de imensa importância quanto à terminologia que usarei na abordagem da deficiência física. No jargão politicamente correto do “direito à diversidade”, proclamado nas últimas décadas, até há pouco tempo, a expressão “pessoa portadora de deficiência física” era a mais recorrente e considerada a mais adequada para fazer esta referência. Dessa forma, por exemplo, o decreto nº 914 de 06 de setembro de 1993, ao instituir a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, diz no seu artigo 3º: “Considera-se pessoa portadora de deficiência aquela que apresenta, em caráter permanente, perdas ou anormalidades de sua estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatômica, que gerem incapacidade para o desempenho de atividade, dentro do padrão considerado normal para o ser humano”. Embora esta definição de deficiência continue funcionando como discurso de verdade, sem merecer qualquer problematização dos grupos multiculturais, tenho notado um gradativo abandono do termo “portador/portadora”, tanto nas falas oficiais, quanto nas falas das entidades sociais, decorrente de reflexões sobre o significado pejorativo que a expressão poderia carregar. Algo como a tentativa de descolar “os sentidos contaminados” que a palavra portador/portadora traria em função de sua historicidade dentro dos saberes ligados à área biomédica. Assim, tem-se preferido usar a expressão “pessoa com deficiência física” e, no âmbito mais geral das deficiências, “pessoas com necessidades especiais”, o que, de certa forma pode atestar a presença de um novo eufemismo que, no barulho da mudança textual, reposiciona, mas não estranha o discurso da normalidade. Autorizo-me, portanto, nessa dissertação, a usar as expressões “atleta com deficiência física” e “atleta cadeirante”, assumindo a posição de querer evidenciar que a designação do outro, do diferente não tem nada de natural, mas que, ao contrário, resulta de jogos culturais de significação e constituem-se denominações acolhidas pelo mundo da norma, uma vez que não desestruturam o discurso hegemônico.

III

Meu interesse pelo tema surgiu a partir de algumas experiências que marcaram de forma significativa minha vida pessoal e profissional. Como professor de Educação Física no Ensino Fundamental, leciono em escolas regulares há 25 anos e, constantemente, me via em conflito com ranços metodológicos, dos quais pouco me envaideço. Pensava a Educação Física como uma área historicamente ligada a saúde e a formação de um corpo belo e forte, que sofreu grande influência das instituições militares, médicas e da própria instituição esportiva, de onde acabou assumindo as normas e os padrões do esporte de alto rendimento.

Objetivando retomar os estudos no sentido de possibilitar-me novas formas de olhar a Educação Física, ingressei em um curso de especialização na Universidade Federal do Rio Grande do Sul². Durante algum tempo conheci temáticas que falavam do corpo como algo construído na e pela cultura, um corpo maleável, provisório, modificado e representado ao longo de sua existência por diferentes instâncias sociais e culturais. Acabei seduzido por algumas tendências teóricas que assumiram e assumem posições de resistência frente à reprodução de modelos epistemológicos que enquadram a tudo e a todos, definindo estratégias de dominação, exclusão e exploração.

No período em que finalizava o curso de especialização, fui convidado a participar de um grupo de estudos sobre temas relacionados aos Estudos Olímpicos³ e, a partir daí, a idéia de continuar envolvido com assuntos acadêmicos, contribuiu para que participasse de algumas reuniões. Destes breves encontros surgiu o incentivo e a motivação para retornar a Universidade como pesquisador, o que se deu através de minha aproximação com uma linha de pesquisa na Escola de Educação Física da UFRGS, que desenvolve estudos na área da Representação Social do Movimento Humano.

A partir de meus estudos comecei a perceber que mesmo acessível a diversos olhares científicos, o corpo humano não é um objeto passional e universal em toda sua plenitude. Sua materialidade biossocial lhe confere uma qualidade paradoxal, ou seja, estar situado na interface entre a universalidade do seu código genético e a complexidade

² Refiro-me à primeira edição do curso *Pedagogias do Corpo e da Saúde*, realizado em 2001 e coordenado pela professora Dra. Silvana Goellner.

³ Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Estudos Olímpicos (GEPEO), da Faculdade de Educação Física e Desporto da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (FEFID/PUCRS), coordenado pelo professor Dr. Nelson Todt.

mutante da sua identidade cultural. Mesmo paradoxal este corpo ainda vive, neste início de século, a valorização de sua dignidade física, provavelmente, em decorrência de suas relações com as formações sociais estruturadas na economia capitalista, construídas a partir de critérios, fundamentalmente, econômicos. Deve ser saudável, com capacidade para o consumo, ser belo, forte e jovem, produzindo de forma intensa seu embelezamento.

Os elementos formadores da aparência interpelam esse corpo, através de verdadeiras redes de produção e normalização. Estas redes formam estruturas atravessadas por relações de poder que, além de incitarem ao prazer, criam saberes e provocam discursos, apontando para a produção de novos corpos, de novos modos de subjetivação (SANT'ANNA, 1995; 2000; SIBÍLIA, 2002).

Passei a estranhar a estrutura marginal onde se enquadravam e se enquadram os gordos, os feios, as pessoas com deficiência e outras tantas identidades, questionando os padrões estéticos contemporâneos, assim como as transformações corporais a que se submetiam os indivíduos para alcançá-los. Sustentados por um ideal de revitalização, aditados e potencializados tecnicamente, os corpos ditos normais revelam-se verdadeiras máquinas de performance e promovem repressão e clausura, especialmente, entre os que estão do lado de fora, aqueles que apresentam as marcas da anormalidade, conforme Veiga-Neto (2001, p.107) “um lugar nas intrincadas grades das classificações dos desvios, das patologias, das deficiências, das qualidades, das virtudes, dos vícios”.

Nesse lugar de fora se situa o corpo cadeirante⁴, anatomia ausente e perturbadora, que incorpora uma espécie contemporânea de panóplia, diferente da que pensou Georges Vigarello⁵ (1995), e se afasta por definitivo das normas simétricas. A evidência do artifício, neste caso, não consegue disfarçar sua obscenidade e, sem escolha, o faz

⁴ Denominação daquele e daquela que faz uso da cadeira de rodas, em oposição a andante, portador de deficiências que utiliza outros tipos de próteses (ABRADECAR, Associação Brasileira de Desportos em Cadeira de Rodas, boletim nº 131, 28/09/2004).

⁵ O termo *panóplia* foi utilizado por Vigarello, em artigo traduzido e publicado no livro *Políticas do Corpo*, organizado por Denise Sant'Anna (1995) e chamado *Panóplias Corretoras: balizas para uma história.*, no sentido de ser um aparelho utilizado para corrigir as anatomias defeituosas. Os tutores e os espartilhos são exemplos clássicos trazidos por Vigarello. Conforme o dicionário Aurélio de Holanda – Século XXI (2004), as *panóplias* eram armaduras utilizadas pelos cavaleiros medievais.

avançar pelo território proibido das formas híbridas de identidade, borrando fronteiras e tensionando a interpretação dos significados.

Atento às histórias do corpo diferente, suprimido, expulso dos espaços culturais hegemônicos, rendo-me à redenção desse estrangeiro e lanço-me ao seu estudo. Encontro esse corpo amputado ou com lesão medular que, das sombras de sua agonia, interpelado pelos discursos dominantes da sociedade, se sujeita à hegemonia da normalidade e, invisível, me desafia a desvelá-lo. Empurra-me à fatalidade dos significados políticos que o deformam, e não aceita ser um componente negativo nas relações da cultura. Autoriza-me a transitar por seu território, observar seus limites, investigar os sentidos e significados que atravessam suas práticas e faz-me inventor de sua própria subjetividade.

Então, desse lugar estranho, de tantas marcas e falas, me posiciono como sujeito autor e revelo minhas escolhas e meus encontros, os sonhos que roubei de mim mesmo. Nele lembro-me dos olhares e das formas que encontrei e como fui contestando-as, através dele revelo onde já estive e perspectivo aonde tento chegar.

IV

Construo este texto a partir de um lugar social, histórico e culturalmente contextualizado, atravessado por práticas e intervenções significantes e de representação, onde circulam sujeitos que disputam, através de relações de poder e saber, a imposição de seus significados, de suas identidades. Elementos que contemplam algumas questões que estão no centro dos interesses dos Estudos Culturais, como argumenta Veiga-Neto (2004, p.53):

“Seja na vertente mais voltada à etnografia, seja naquela mais voltada às análises textuais, os Estudos Culturais já estabeleceram sólidos avanços na compreensão dos novos jogos de poder pelos quais se estabelecem identidades, significados sociais e culturais (...)”.

Dessa forma o campo teórico dos Estudos Culturais e da História do Corpo, referenciais que estruturam este trabalho e me embalam na perspectiva pós-estruturalista,

me permitem compreender o corpo e suas marcas para além de suas características biológicas. Essa ancoragem teórica possibilita conceber a cultura como um lugar de produção de significados sociais, “como uma das condições constitutivas de existência de toda a prática social (Hall, 1997, p.33)”. Cada aspecto da vida social nos diferentes grupos é estruturado e moldado através de uma rede de representações e de poder. O corpo, nessa perspectiva, é tomado como interlocutor da sua própria história, sendo estudado por meio de seus rituais, comportamentos e de seus hábitos adquiridos e vivenciados no decorrer dos tempos.

Adotar essa perspectiva teórica significa compreender, também, como os sujeitos vivem, tornam-se conscientes e sustentam-se subjetivamente na cultura, assumindo formas de significação, de identidade e poder, ou seja, entender que a vida do ser humano é um processo ao mesmo tempo cultural e político, produtor de subjetividades e de modos de ser e agir (JOHNSON, 1999).

Pesquisar o corpo, com esse olhar, é desconfiar de suas marcas, duvidar de suas atribuições culturais, questionar suas certezas apostando em sua pluralidade. É perceber este lugar chamado cultura como espaço de conflitos e relações de poder, onde o corpo é significado e construído através de práticas impositivas. Estudar um corpo que se constrói a partir da intervenção tecnológica é enfrentar um campo de disputa entre natureza e técnica, do instrumental ao biológico, percebendo, historicamente, a intencionalidade humana em aproximar-se da técnica através de suas incansáveis tentativas de controlar a natureza.

O olhar pós-estruturalista, eminentemente crítico e investigativo, destaca a linguagem como dispositivo cultural, elemento constitutivo das representações que promove a produção discursiva dos significados⁶, fazendo com que este texto se caracterize como um exercício de descrição e análise de alguns enunciados que atravessam a relação híbrida entre corpo e tecnologia. Os diálogos aqui descritos, recheados de códigos e signos, possibilitam a percepção de significados a partir de um campo de luta e tensão, terreno político das relações de poder, que instituem este corpo

⁶ O significado, nesta perspectiva, não é produzido de forma isolada, nem se caracteriza como idéia pura, como pensamento puro. Eles se organizam em estruturas, em sistemas que se apresentam como redes de significantes, como marcas lingüísticas materiais, como textos. Ao buscarmos análises acerca destes significados nos deparamos com os códigos e as convenções que compõem os discursos (SILVA, 1999, p. 18).

de diferentes formas, identificando seus modos de disciplinamento, suas possibilidades de superação, na medida em que são interpelados por diferentes elementos técnicos potencializadores.

Sob a perspectiva dos Estudos Culturais e sócio-históricos do corpo, a questão norteadora da pesquisa é então: *quais significados culturais são atribuídos pelo atleta com deficiência física, a partir da sua relação com a tecnologia durante a performance esportiva?* Essa questão norteadora geral desdobra-se em outras mais pontuais:

- Quais os efeitos produzidos em seus corpos e suas subjetividades a partir do uso da prótese de performance?
- A performance destes corpos híbridos se estabelece a partir daquilo que chamamos de potencialização? Ou seja, como se dá a potencialização no/do corpo do atleta cadeirante?
- O que são práticas tecnologicamente potencializadas?

Desta maneira, construo um caminho guiado por esses questionamentos e outros que foram emergindo no decorrer da investigação. Fui, aos poucos, me apropriando de alguns conceitos que considerei relevantes para a construção do trabalho, dialogando com autores e autoras que olham para o corpo na mesma perspectiva. Apropriei-me, especialmente, das falas dos colaboradores da pesquisa, produzindo um conhecimento específico a partir dos relatos de alguns momentos e rotinas de suas vidas, autorizando-me o poder de eleger saberes que, dessa maneira, deram forma e sentido ao texto.

V

Na primeira parte dessa dissertação denominada *Estudos sobre o Corpo*, realizo uma discussão teórica sobre a temática "corpo", situando o trabalho inspirado na perspectiva que assume a construção do indivíduo e sua corporeidade a partir de forte intervenção cultural. Procurei, então, ressaltar a produção cultural do corpo, referenciado pelo campo teórico dos Estudos Culturais e da História do Corpo, descrevendo alguns recortes em sua história e destacando, sobretudo, sua *pluralidade* e incompletude. Ainda

na primeira parte do trabalho lanço um olhar cuidadoso sobre os *artifícios* do corpo e, a partir de um breve histórico sobre a técnica, aponto a tecnologia como mecanismo de mediação nas relações do sujeito com ele mesmo e com a natureza. Apresento ainda, a figura importante do ciborgue como “criatura que politiza a própria corporificação”⁷. Nessa primeira parte, também, construo e referencio argumentos acerca dos sentidos atribuídos e produzidos culturalmente a partir das *marcas* corporais que carregam esses sujeitos, mostrando, de certa forma, as transformações e deformações ocasionadas pela intervenção técnica como desencadeadoras dos processos de potencialização e subjetivação. Finalizo esta parte, trazendo ao texto algumas especificidades do esporte adaptado, onde faço referência a ação de superação como elemento que interpela o corpo do atleta cadeirante, na tentativa de visibilizar sua relação com aspectos inerentes ao esporte de rendimento.

Na segunda parte descrevo os *Caminhos Investigativos* por mim trilhados no decorrer da produção dessa dissertação, onde especifico minhas escolhas metodológicas, a pesquisa de campo realizada, o local onde foi realizado o estudo e a conformação do grupo de participantes. Descrevo a coleta das informações, efetivada através da observação participante, apontadas no diário de campo. Na parte final deste capítulo especifico como foi realizada a composição e a categorização das informações coletadas, bem como a análise da temática problematizada sob a luz dos Estudos Culturais e sócio-históricos do corpo.

Na terceira parte denominada *Corpos em cena: em busca da visibilidade* desenvolvo, então, a discussão final a partir da triangulação dos dados coletados no decorrer da trajetória investigativa. A partir da categorização e da análise do material empírico coletado durante as observações dos eventos, foram construídos três eixos temáticos para discutir sobre o corpo do atleta cadeirante, sendo denominados como: *Das práticas tecnologicamente potencializadas; A ciborguização do atleta cadeirante; A performance do híbrido: superação e deficiência.*

Vale ressaltar antes de avançar no texto, que minha aproximação com os atletas com deficiência física que utilizam como prótese a cadeira de rodas e minha trajetória de

⁷ Termo utilizado por Ieda Tucherman em sua *breve história do corpo e de seus monstros* (1999, p. 163).

estudos vêm-se fazendo de forma intensa nos últimos dois anos. Têm sido experiências e situações que são parte de minha própria história – pessoal ou coletiva. Mas ainda que esteja munido de um referencial que me possibilita ter um olhar crítico sobre essas experiências e situações, penso como Guacira Louro, que reconhecer os processos de construção dos novos sentidos e significados atribuídos a estes corpos, requer sempre mais do que uma apropriação racional de teorias, conceitos e princípios; supõe um investimento afetivo e político importante. “Implica, necessariamente, defrontar-se com armadilhas e jogos de poder dos quais se participou (ou se participa) e, muitas vezes, reconhecer sua cumplicidade em tais processos” (2000, p.7).

Por isso creio que o exercício de olhar/escutar/refletir sobre a relação desses corpos com a tecnologia suscita algumas questões de pesquisa que acontecem aqui, neste lugar, e não em outras condições. Portanto não considero que tenha acesso a um modo de vê-los que seja mais completo ou privilegiado, capaz de autorizar-me a dizer que investigo sua realidade tal como ela é. Acredito, sim, que tenha incorporado o compromisso de problematizar os significados hegemônicos que vêm sendo atribuídos a esses corpos, tentando, ao término do trabalho, apontar à construção de novas subjetividades.

Uma entre tantas outras possibilidades de se falar sobre o corpo com deficiências está nesse, e nos próximos textos dessa dissertação, e que estas possíveis verdades caiam sobre vocês leitores já florescendo.

1 ESTUDOS SOBRE O CORPO

O que é um corpo: um conjunto de órgãos, reflexos, sensações? Que se reconhece em uma imagem mais ou menos estável? São os discursos que o designam e o valorizam? Ao que se acresce um ritmo, uma velocidade, acelerações; territórios e extensões imaginárias, mecânicas, estéticas, médicas. Um corpo é um corpo e os outros que o sustentam, acariciam, recusam, barram, outros corpos contra os quais se bate ou com os quais, provisoriamente, se confunde. Um corpo é um corpo e o vazio dos corpos faltantes ao seu redor; inclui o sentido e o sem sentido da vida e a dura noção da morte.

Maria Rita Kehl

Falar do corpo na contemporaneidade suscita imbricar num desfiladeiro perigoso, cercado por estruturas dinâmicas, camaleônicas, por vezes simbióticas, que mascaram e confundem as possibilidades de significação e definição deste poderoso elemento emblemático. Conhecer sua história nos remete, primeiramente, a lembrança de um corpo baseado em uma concepção dualista, fortemente marcado pelo pensamento cartesiano.

Representado durante séculos como cânone da individualidade, o corpo, sobretudo, a partir do final do século XIX, se impõe na busca por uma simetria alinhada e vertical. Surgem as máquinas de correção postural e as diversas ginásticas, combatendo principalmente a imoralidade dos corpos flácidos, não hegemônicos, comuns nas classes menos favorecidas socialmente, constituindo o que Vincent Gerard (1992) chamou de uma tecnologia ortopédica.

De previsível e simétrico, o corpo assume a emergência da modelagem de suas formas, influenciado por formações sociais que sustentaram e sustentam a importância da eficiência e da produtividade. Antes profano, proibido, depois máquina, motor, suscetível de correções, passando de termodinâmico e energético para informático e virtual, o corpo vem ocupando e ocupa lugar de evidência na sociedade ocidental, desencadeando estudos em diversas áreas do conhecimento.

Muitos estudos buscam objetivar o corpo, procurando em sua materialidade orgânica algo que justifique seus modos de ser, agir e pensar, mas o que nos parece relevante é pensar esse corpo a partir de sua dimensão cultural. Sujeito e objeto não só da

biologia e da cultura, mas também de todas as ciências e das artes, o corpo garante sua característica histórica e cultural a partir de uma série de práticas e representações que o constituem e o transformam no percurso de sua existência (SANT'ANNA, 2000).

Na contemporaneidade, experimentamos a transformação tecnológica do estatuto do corpo que, atacado por múltiplas estratégias disciplinares, decorrentes dos processos de virtualização do mundo, das novas tecnologias e da engenharia genética, resiste, provocando a proliferação das mais variadas formas de subjetivação (JEUDY, 2002; VILLAÇA e GÓES, 1998).

As múltiplas alterações sofridas pelo corpo, nos obrigam pensá-lo intimamente ligado aos processos sociais e culturais, portanto as transformações porque passa não podem ser dissociadas de nenhuma outra experiência. A importância em perceber que as mudanças verificadas no corpo estão associadas à dinâmica das sociedades, nos faz compreender a cultura a partir de uma dimensão que envolve tudo que hoje está associado a ela, abordando suas concepções, como processos sociais de significação, marcados por relações de poder e diferentes efeitos políticos.

1.1 Situando o estudo

O surgimento, na década de 60, de um conjunto de pesquisas identificado como Estudos Culturais, possibilitou o desenvolvimento de um processo teórico e político que se articulou como oposição às concepções elitistas de cultura. As transformações na concepção de cultura destacam-se como questão central desse campo multidisciplinar, e algumas vezes contra-disciplinar, que caracteriza os Estudos Culturais, e que atua na tensão entre suas tendências em abranger tanto uma concepção ampla, antropológica de cultura, quanto uma concepção estreitamente humanística (COSTA, 2004).

Para Stuart Hall (2001), os Estudos Culturais reconhecem as sociedades capitalistas industriais como lugares de divisões desiguais no que se refere à etnia, sexo e classe social, por exemplo. A cultura é um dos principais locais onde são estabelecidas e contestadas tais divisões, onde se dá a luta pela significação, na qual os grupos

subordinados tentam resistir à imposição de significados que sustentam os interesses hegemônicos⁸.

Posso dizer que o chamado campo dos Estudos Culturais nasceu do discurso dos estranhos à norma; nasceu das culturas que foram situadas na periferia, desvalidas, silenciadas. E, se estão à margem, é porque pertencem à arena social do jogo do poder. Isto quer dizer que, do ponto de vista dos Estudos Culturais, as diferentes manifestações de cultura são prestigiadas e desprestigiadas eminentemente por critérios políticos, isto é, são classificadas prioritariamente em função da posição de poder que ocupam seus sujeitos no embate social. Seu campo de análise, além de dissolver qualquer hierarquização entre cultura popular, cultura de massa e cultura erudita e assumir o compromisso de “examinar práticas culturais do ponto de vista de seu envolvimento com, e no interior de relações de poder” (BENNET, 1992, apud NELSON et al, p. 11), busca articular sempre um trabalho intelectual e um trabalho político. Os Estudos Culturais rejeitam as direções que tomam a Cultura no sentido harmônico, com valores universais e absolutos. Rebatem também as classificações arbitrárias de cultura que legitimam o padrão elitizado, endeusando-o, em depreciação a outras manifestações. No avesso disso, para os Estudos Culturais, Cultura abarca todos os mecanismos de produção de sentido, desde textos e representações até práticas vividas, elementos que deram norte a definição de John Frow e Meaghan Morris, que entendem a cultura como

todo o meio de vida de um grupo social estruturado através da representação e do poder. Não é um domínio isolado de jogos de distinção social e de “bom” gosto. É uma rede de representações – textos, imagens, conversas, códigos de conduta e as estruturas narrativas que os organizam – que molda cada aspecto da vida social. [...] [Não é] como uma expressão orgânica de uma comunidade, nem como uma esfera autônoma de formas estéticas, mas como um contestado e conflituoso conjunto de práticas de representação ligadas ao processo de composição e recomposição dos grupos sociais (FROW e MORRIS, 1997, apud COSTA, 2000, p.24-25).

Assim sendo, este estudo privilegia a perspectiva cultural como forma de olhar para os corpos dos atletas com deficiência física, entendendo as condições híbridas, impostas pelo aditamento do artefato tecnológico, como uma marca identitária, um sinal de

⁸ Hall utiliza o conceito de hegemonia de Gramsci para argumentar que, nos Estudos Culturais, a cultura é o principal *locus* da luta ideológica, o palco da “incorporação” e da “resistência”; um dos locais onde a hegemonia será ganha ou perdida. (COSTA, 2004, p.25).

pertencimento a um determinado grupo social, no qual se constitui a partir desses corpos-máquina.

Muitos estudaram o corpo procurando em sua materialidade biológica todas as justificativas para sua existência, assumindo-o como sendo homogêneo e destituído de uma história particular. A concepção positivista da ciência, por exemplo, tomou o corpo de modo material, estável, porém, nele se inscreve a história, tanto do indivíduo como do grupo ao qual ele pertence.

Historicizar o corpo, portanto, se tornou possível a partir da corrente historiográfica denominada Nova História, cuja origem está associada à Escola de Annales, na França desde o início do século XX. Além de lutar contra uma história total, opondo-se, fortemente, ao paradigma tradicional da historiografia, essa corrente, possibilitou, especialmente através dos trabalhos de Marc Bloch e Lucien Febvre, a investigação de novos temas e abordagens à pesquisa historiográfica, destacando-se as pesquisas sobre a historicidade do corpo (BURKE, 1992; GOELLNER, 2003).

A história do corpo só assume todo o seu significado ao nível do cotidiano, afirma o historiador Jacques Le Goff:

Os homens – no masculino e no feminino, na infância, na juventude, na maturidade e na velhice, do nascimento até a morte – não vivem apenas no meio dos objetos e dos pensamentos de todos os dias, vivem com o seu corpo, por meio do seu corpo. Este objeto, de estudos multidisciplinares, transformou-se também em objeto da história. As representações coletivas do corpo, esse suporte da saúde, da doença, do exercício físico, da sexualidade, são diferentes, conforme as sociedades e as épocas (LE GOFF, 1996, p. 89).

Longe de ser apenas constituído por leis fisiológicas, para Denise Sant’Anna, o corpo não escapa à história. “Além de ser um processo histórico, o corpo funciona como um processador da história, por meio do qual são veiculados e modificados os legados culturais e biológicos” (2000, p. 50).

Portanto, o corpo com deficiência física, tema dessa investigação, é, nessa perspectiva, uma construção cultural, um produto histórico com características biotecnológicas que lhe atribuem significados. Elemento duplo, invadido pela tecnologia, esse corpo é interpelado historicamente por características que o marcam e por relações

de poder e saber construídas na sociedade, àquelas que produzem verdades, identidades e diferenças. Assim, pensar a relação entre corpo e máquina, entre sujeito e objeto, e buscar entender de que forma se estabelecem identidades e significados sociais e culturais que não desfrutam da visibilidade hegemônica, nos remete a olhar para práticas e fenômenos sociais que, apesar de terem uma inegável dimensão cultural, parecem residir em uma zona de pouca visibilidade e aceitação.

A pesquisa, dessa forma, estrutura-se a partir de lugares e tempos, contextualizados historicamente, atravessados por práticas culturais e relações de poder, que nos levam a estabelecer relações com o campo teórico de Michel Foucault, muito especialmente, na perspectiva pós-estruturalista⁹.

O referencial foucaultiano, âncora desse trabalho, refere-se, principalmente, a teoria analítica do poder, onde o filósofo investiga as práticas sociais e o controle da sociedade sobre os indivíduos estudando algumas instituições que se desenvolveram no decorrer do século XIX. Foucault (1996; 1997) analisou os mecanismos de poder e saber que garantiram o desenvolvimento da sociedade industrial, observando que, naquele momento, as tecnologias disciplinares tinham no corpo o foco do poder. O objetivo era adestrar e docilizar os indivíduos para extrair dos mesmos o tempo e as forças necessárias aos interesses econômicos e políticos do capitalismo moderno.

Foucault mostrou em parte de sua obra que ao contrário da lei, que visa excluir do real o objeto ao qual se aplica, a norma supõe vínculos circulares entre o poder e seu objeto: o poder normalizador é tão mais eficaz quanto mais o mundo estiver povoado de anormais, uma criação do próprio poder.

A relevância de seu estudo é urgente porque, além de revelar ser possível problematizar o corpo, investigando-o a partir de múltiplos olhares, Foucault, através de sua teoria, institui a ele talvez sua mais provável e definitiva característica, ou seja: a materialidade do corpo, inegavelmente biológica, se insere e se constitui a partir de suas

⁹ É possível caracterizar, resumidamente, o pós-estruturalismo como uma corrente teórica que desenvolveu estudos sobre a importância do papel da linguagem, como elemento que nos possibilita dar sentido as coisas que estão no mundo. De acordo com Souza (2000, p. 112) é possível conhecer com mais profundidade esta perspectiva acompanhando os trabalhos de Silva (1999) e Veiga-Neto (1995 e 1996).

interações com as práticas que circularam e circulam na cultura, revelando-o um construto sócio-histórico e cultural.

Assim como fiz em relação ao referencial foucaultiano, assumi alguns conceitos que considere relevantes para a construção da dissertação, dialogando com autores e autoras que olham para o corpo como um produto cultural. O conceito de representação, dessa forma se destaca, especialmente, porque na perspectiva pós-estruturalista, ele incorpora todas as características de indeterminação, ambigüidade e instabilidade atribuídas à linguagem. É um sistema de significação com o objetivo de produzir e construir significados e, de acordo com Tomaz Tadeu da Silva, compreendido como inscrição, marca, traço ou imagem, nunca como processo mental. “A representação envolve a relação entre um significado, que pode ser um conceito ou idéia e um significante, traduzido aqui como uma inscrição ou marca material” (SILVA, 1999, p. 35).

Nessa perspectiva, a representação é um sistema lingüístico e cultural, arbitrário, indeterminado e estreitamente ligado a relações de poder, onde, portanto, representar é uma forma de atribuir sentidos. Através da representação, a identidade e a diferença, que são criadas por meio de atos de linguagem, adquirem sentidos, são nomeadas e passam a existirem enredadas a sistemas de poder (SILVA, 2000, p. 78-91).

Apropriei-me das falas dos colabores da pesquisa, como atos de linguagem, entendendo-as como dispositivo cultural, elemento constitutivo das representações. A centralidade do papel da linguagem, nessa perspectiva, possibilita-nos capturar a redefinição de sua própria natureza, ou seja, a linguagem deixa de ser vista como fixa, estável e centrada na presença de um significado único, para ser encarada como um movimento em constante fluxo, sempre indefinida, não conseguindo estruturar-se de forma definitiva entorno de qualquer significado (SILVA, 1994).

Nessas redes de significados, aqueles que têm o poder de representar, têm o poder de definir e determinar identidades, construindo, e fortalecendo a existência, de uma

poderosa ordem discursiva¹⁰ que controla as sociedades modernas, determinando o que deve ser dito e o que deve ser calado. No meio desta trama de práticas discursivas, legitimada por regimes de verdade, hegemônicos e desiguais, constitui-se o espaço social onde são travadas batalhas pela representação das “verdades” e identidades de diferentes grupos sociais (COSTA, 2004; SOUZA, 2000).

Quando me refiro aos diferentes grupos sociais que utilizam a representação para forjar a sua identidade e as identidades de outros grupos, assumo outra vez os argumentos de Silva (1999), quando afirmo que, por meio da representação travam-se conflitos decisivos na criação e imposição de significados particulares. Como consequência, a cultura enquanto campo de produção destes significados adquire um caráter de construção, contestação e disputa, uma luta por hegemonia com resultados nunca garantidos e previsíveis.

Vale ressaltar, como argumenta Veiga-Neto (2000), que as tentativas de conectar a perspectiva foucaultiana com outros campos do conhecimento oferecem-nos situações problemáticas. O que pensar quando temos, nas extremidades dessa conexão, campos do saber que se caracterizam pela ausência de um compromisso disciplinar na organização de seus sistemas de pensamento, que se afastam da tradição sistêmica?

É o caso de Michel Foucault e os Estudos Culturais: a dispersão teórica existente entre as duas perspectivas pode ter um lado produtivo. A abordagem não-sistêmica utilizada por Foucault, caracterizada por um pensamento mais fragmentário, menos estruturado e mais aberto, possibilita-nos utilizar alguns de seus conceitos de uma forma mais livre e, principalmente, parcial, assumindo enunciados e relações que não comprometem, significativamente, a legitimidade do restante de seu conjunto teórico.

Ao partilhar o compromisso de examinar as práticas culturais a partir de seu envolvimento com, e no interior de relações de poder, os estudos culturais destacam o papel do poder, colocando-o, sobretudo, como centro das significações e identidades culturais, criando, desta forma, possibilidades de estabelecer uma forte aproximação com

¹⁰ Considera-se ordem discursiva, de acordo com a visão foucaultiana, o processo pelo qual as práticas sociais instituem o próprio discurso; é uma rede de produção de marcas lingüísticas materiais que instituem o objeto de que falam (FOUCAULT, 1996; SILVA, 1999).

o pensamento foucaultiano. Vale dizer que, na perspectiva foucaultiana, o poder em seu exercício nunca é o poder total, absoluto: “(...) a partir do momento em que há uma relação de poder, há uma possibilidade de resistência. Jamais somos aprisionados pelo poder: podemos sempre modificar sua dominação em condições determinadas e segundo uma estratégia precisa” (FOUCAULT, 2003, p.241). Não são as leis, mas as práticas regulamentadoras, disciplinadoras que dão concretude ao poder. Trata-se então, não de negarmos a existência de estruturas objetivas promotoras de poder, mas de percebermos que sua materialidade está vinculada aos processos de subjetivação dos sujeitos.

Se pensarmos na história do pensamento europeu, por exemplo, acerca de quem eram os arquitetos da modernidade – brancos, machos, eurocêntricos, colonialistas, burgueses, eventualmente cristãos, etc. – nos damos conta das marcas, que eles imprimiram, e imprimem, ao modelo de sujeito, que impuseram ao mundo como natural, necessário e universal (VEIGA NETO, 2000, p. 52-53).

E ainda nas palavras de Veiga-Neto (2000, p. 53),

se por um lado, aquela imposição [o modelo ‘natural’ de sujeito] significou uma ruptura com o autoritarismo aristocrático e o absolutismo, por outro lado, serviu para tornar hegemônico um conjunto de novas práticas sociais, econômicas e culturais cujos desdobramentos se estenderam em nível planetário, persistem até hoje e compõem a lógica de dominação, exploração e dependência da modernidade. (...) A teoria foucaultiana e os Estudos Culturais são, ao mesmo tempo, campos de conhecimentos e de militância, pois, muito embora seja bastante comum buscar-se na perspectiva foucaultiana as ferramentas para tão somente descrever, analisar e entender determinadas práticas e configurações sociais, justamente ao fazer isso se fica diante da possibilidade de se articular algum novo arranjo. (...) Em ambos os casos, está presente uma clara inconformidade, uma atitude explícita contra as condições do presente ou, no mínimo, desconfiada dessas condições.

Portanto, pesquisar esse corpo diferente, na perspectiva teórica escolhida, possibilita-me desconfiar da “naturalidade” dos significados hegemônicos de suas marcas, duvidando de suas atribuições culturais e, sobretudo, contestar os sentidos que o representa, na tentativa de melhor compreender sua pluralidade.

Sendo assim, faz-se pertinente, desde já, estabelecer um diálogo com os autores e autoras do referencial teórico escolhido, para dar fundamentação à discussão proposta, buscando em seus discursos e concepções, olhares que me permitam identificar alguns significados culturais que são atribuídos pelo atleta cadeirante, a partir da sua relação

com a tecnologia. Por conseguinte entendo como necessário trazer para discussão, alguns tópicos relacionados ao corpo, que julgo importantes na contextualização dessa dissertação, destacando elementos que possam sustentar as temáticas escolhidas, dando forma e estrutura ao trabalho de pesquisa.

1.2 A pluralidade do corpo.

A história seria uma recomposição de vestígios que permitem produzir um corpo que vem se substituir na ausência daquilo que já passou.

Georges Vigarello

O corpo, hoje, se coloca como um desafio que fascina e toca incondicionalmente o humano, um desafio dialógico enquanto mediação de uma tradição antropológica e cultural, situada entre a objetividade e a subjetividade, entre a ciência e a natureza, entre a lógica e a mística. É uma razão relacional que não estabelece limites.

Juan Guillermo Droguett

O corpo é o que não sabemos; seu caráter intangível se dá na multiplicidade das verdades que o compõem em instância subjetiva e política. O corpo é o lugar de toda a travessia na aventura humana.

Márcia Tiburi

Puro movimento, o corpo é a porção desconhecida, mutante, seu caráter provisório e intangível se dá na multiplicidade das verdades e dos significados que o compõe. As palavras de Márcia Tiburi retratam toda a dificuldade em tentar defini-lo: quando menos parece, ele sempre escapa a uma possibilidade de enquadramento. Sua ambigüidade nos arrebatava. Vivê-lo é afirmar sua potência e descobrir sua precariedade. Perceber o prazer que o acaricia, a dor que o destrói, revela toda a sua infinidade. A experiência do corpo é, portanto, plural, possível e inevitável (KEIL; TIBURI, 2004).

Lugar da biologia e das representações culturais e sociais, o corpo é, ao mesmo tempo, palavra e território, múltiplo e polissêmico. Da medicina dos humores à biotecnologia contemporânea, passando pela invenção dos regimes e das técnicas disciplinares, o corpo é como um produto de relações e práticas sociais, vivenciadas historicamente, que o produzem e o transformam ininterruptamente, tanto em seus aspectos subjetivos como em sua materialidade biológica. Tomá-lo como algo já pronto e

acabado seria, então, uma forma de empobrecê-lo, destituindo-o de sua principal qualidade que é sua provisoriedade. (SANT'ANNA, 2000; SOARES, 2001).

Por esta razão, torna-se relevante discutir as noções de corpo, contextualizando-as, e não as tomando como pré-determinadas e a-históricas. Neste sentido, Carmen Soares considera o corpo como:

Território construído por liberdades e interdições, e revelador de sociedades inteiras, o corpo é a primeira forma de visibilidade humana. O sentido agudo de sua presença invade lugares, exige compreensão, determina funcionamentos sociais, cria disciplinamentos e disputa inúmeros interesses de diversas áreas do conhecimento (Soares, 2001, s/p).

Em cada período da história o corpo foi invadido por valores, por leis e costumes referentes às sociedades que pertenceu. Sua materialidade assumiu as marcas dos discursos, das práticas sociais e outras tantas construções que circularam, e circulam na cultura.

Para Fraga (2000), em cada um destes momentos, o corpo foi marcado e distinto muito mais pela cultura do que por uma previsível essência natural dada por sua condição fisiológica. Tentar decifrá-lo, nos faz buscar no passado às representações que foram construídas a seu respeito, seus modelos de conduta, seus gestos, verdades e hábitos de vida, permitindo-nos compreender que o corpo, que visualizamos como habitual na atualidade, não foi sempre assim.

Desde os gregos, por exemplo, que o corpo e seus atributos eram significados a partir de sua funcionalidade. Os escravos garantiam o trabalho braçal diretamente produtivo, e os cidadãos nobres preocupavam-se somente com os afazeres da mente – a classe escravizada trabalhava para manter ociosa a classe da nobreza. O corpo do trabalhador era socialmente excluído, inexistente enquanto objeto de preocupação e de cuidados (FREITAS, 1999).

Na Idade Média, o corpo começa a assumir significados e representações, enfrentando três elementos antagônicos marcantes: a alma, a razão e a mente. Com o avanço no desenvolvimento das ciências, o corpo se torna objeto de estudo da medicina. Tanto esta ciência, como as demais áreas do emergente saber científico, almejava

aperfeiçoar os mecanismos corporais, desvendar os seus mistérios, deixando de lado os desígnios espirituais aos quais estavam submetidos para examinar minuciosamente o corpo, visto agora como uma complexa maquinaria. As dissecações do corpo, na época, consideradas uma ação inconcebível, um gesto de extremo sacrilégio, eram praticadas com fins educativos. As primeiras dissecações oficiais foram realizadas no início do século XIV, sendo a partir do século XVII, praticamente, banalizadas. Os estudos anatômicos de Da Vinci e Miguel Ângelo, realizando dissecações públicas, comuns naquele período, muito contribuíram para os avanços nos estudos desta área. A anatomia humana, então, torna-se o centro das atenções, tanto da pedagogia, quanto da medicina e das artes, mas, em conseqüência, o corpo teve que se tornar um cadáver, sem vida e sem conotações sagradas, que envolviam a morte e os corpos medievais, para se deixar invadir por estas áreas científicas (RODRIGUES, 1999; SANT'ANNA, 2001b).

Aos poucos, o corpo da Idade Média começa a ganhar certa autonomia com relação a sua própria identidade. Os cuidados com o corpo generalizam-se e a aparência corporal, agora, deve ser fabricada desde cedo, mantida por instrumentos e aparelhos destinados à correção de desvios posturais: coletes de ferro, de couro, alavancas de distensão corporal entre tantos outros. As roupas, os aparelhos e o espartilho impõem uma forma ao corpo, modelando sua aparência de acordo com a exclusiva preocupação em exibir suas belas maneiras. (SANT'ANNA, 1995).

Entre os séculos XVI e XVIII, as ciências aprofundam os saberes sobre o corpo, fazendo com que os sinais que nele se inscrevem exijam uma educação do corpo sem armaduras exteriores. O corpo começa a ser pensado e tratado como um conjunto de forças ativas, atravessado por potências, que possuem a capacidade de construir uma forma física, considerada socialmente correta. Os espartilhos, tutores e aparelhos fixadores, agora, obstáculos aos movimentos sadios do corpo, são substituídos pela prática da ginástica. A aparência adquire notoriedade e status na medida em que permite revelar a essência de cada um. É sobre a aparência física que os olhares são deslocados, construindo-se, dessa forma, culturas visuais, baseadas no culto ao corpo e na relevância do detalhe anatômico. (SANT'ANNA, 2001a; SOARES e FRAGA, 2003).

A partir do século XIX, a revolução industrial inventou um corpo alienado, produtor e utilitário, que era massacrado, por jornadas extenuantes de trabalho, nas fábricas, adoecendo e morrendo nas minas de carvão, fato este que veio desencadear o início dos movimentos proletários, que se caracterizaram por lutas trabalhistas na busca de melhores condições de vida (NOGUEIRA, 1990). Esse corpo, influenciado por um sistema de produção baseado na economia capitalista, é interpelado por dispositivos de controle que Foucault chamou de disciplinamento dos corpos. Diz o autor:

O modelo histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto mais é útil. (...) O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrija, o desarticula e o recompõe. Uma 'anatomia política', que é também igualmente uma 'mecânica de poder', está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficiência que se determina. A disciplina fabrica corpos submissos e exercitados, corpos dóceis (FOUCAULT, 1997, p. 127).

A sociedade industrial, então, caracterizou-se a partir dos mecanismos que promoveram a normalização dos sujeitos e seus corpos. A emergência destes mecanismos se propõe a converter os corpos e o tempo dos indivíduos em força produtiva, ou seja, um poder que focaliza a vida, administrando-a disciplinarmente, que procura estruturá-la através de padrões de normalidade, e que produz, e vêm produzindo, certos tipos de corpos e determinados modos de ser e de agir (SIBILIA, 2002).

A contemporaneidade inaugura um período, onde as técnicas de intervenção sobre o corpo tornam-se cada vez mais sofisticadas, banalizando o espaço corporal, na mídia e na medicina, construindo um novo modelo de corpo, e fazendo com que as transformações tecnocientíficas renovem a cada instante, o intuito de controlar não somente o corpo, mas a vida e o próprio destino.

Os avanços científicos e tecnológicos têm nos colocado diante de situações até pouco tempo inimagináveis. O corpo, por exemplo, passou a ter sua dimensão mais íntima revelada, em um processo que, na atualidade, parece ter alcançado o seu ponto máximo, com a pesquisa do Projeto Genoma e a conquista do nível molecular. Outras frentes de pesquisa nos mostram os laboratórios de biotecnologia anunciando a recente miniaturização nanotecnológica que, para Virilio (1996), favorece a inseminação do ser

vivo, e nos aponta como inevitável a renovação das práticas nutricionais pela ingestão não somente de excitantes e de estimulantes químicos, mas, também, através de estimulantes técnicos. E ainda, os estudos avançados sobre as tecnologias digitais sinalizam que as ações do corpo, capturadas e emitidas por diferentes tipos de dispositivos, ao entrarem no computador, são devolvidas sob a forma de paradigmas computacionais, gerando outros tipos de experiências estéticas, inaugurando, de certa forma, o corpo sem a espessura da carne, eletrônico, imune à doença, à deficiência física, à morte (LEMOS, 2002).

Pensar o corpo como máquina e matéria, ou pensá-lo como virtual são apenas alguns dos desafios contemporâneos. Entre a ambigüidade de ultrapassar a natureza ou igualarmo-nos a ela utilizando os mecanismos da ciência, diante da ameaça de a técnica alcançar limites inimagináveis, a estratégia parece ser o jogo, o controle do risco, a experiência. Esta visão não é pós-humana como sugerem Le Breton (2003), Bruno Latour (1996) e Paula Sibília (2002), entre outros, mas apenas um passo na invenção da mesma humanidade que, não controlando mais tempo ou espaço, busca não se perder de si.

Procuro algum vestígio histórico que me permita ver como as tecnologias foram sendo utilizadas para controlar o corpo, para torná-lo belo, eficiente e saudável. Transito por fragmentos de sua história, destacando sua conexão com a ciência e percebendo como os saberes técnicos foram aos poucos transformando o corpo, ditando regras e códigos de moralidade e civilidade.

1.3 Os artifícios do corpo.

Não há humanidade sem objetos técnicos, sem um ambiente técnico permanente.
Nem a humanidade nem a técnica existem em si mesmas.
Dominique Bourg

Nós humanos temos todos os poderes, mas não sabemos se podemos controlá-los.
Michel Serres

Pensar a tecnologia na sociedade contemporânea e na história, da mecânica à eletricidade, da microeletrônica às nanotecnologias, nos remete a velocidade com que esta circula na cultura, infiltrando-se tanto em objetos do cotidiano como no corpo humano, em um movimento incessante de miniaturização, de estetização, de automação e auto-regulação.

A relação do ser humano com a tecnologia é consequência da própria existência da história. A tecnologia produz nossa historicidade, transformando as fronteiras do humano, funcionando como mecanismo de mediação entre o homem e a natureza, mas, principalmente, entre o homem, ele mesmo e o seu meio sócio-cultural. A tentativa de pensar a tecnologia, sob a perspectiva mediadora, encontra referência nos trabalhos de Michel Serres (2001), segundo o qual, o que podemos ser, e pensar, depende do que somos capazes de fazer, isto é, depende do que nossas técnicas, atual ou virtualmente, tornam possível.

Desde o surgimento das primeiras sociedades até as complexas cidades pós-industriais, o ser humano inventou o fogo, cultivou a terra, domesticou animais, construiu cidades, enfim, dominou a energia, conquistando o espaço e a matéria. Durante esse trajeto, a tecnologia ganhou significados e representações diversas, na medida em que sua relação com a vida social foi alternando momentos de mediação e intervenção. Em alguns momentos a sociedade foi dominada, controlada, racionalizada pelas atividades científico-tecnológicas; em outras, a tecnociência teve que negociar, e aceitar as normas e as imposições da sociedade (LEMOS, 2002).

Alguns autores, como Bruno Latour (1996), André Lemos (2002) e Bruno Jacomy (1996), afirmam não ser possível compreender os paradoxos, as potencialidades e os conflitos da tecnologia na atualidade, sem antes, termos uma rápida visão de sua história, de seus simbolismos, revendo, brevemente, suas principais correntes filosóficas.

Começo, então, por contextualizar as diferenças entre técnica e tecnologia, pois estes conceitos não são facilmente diferenciados. Compreendo a *tecnologia* como sendo os objetos técnicos, as máquinas e seus respectivos processos de fabricação. Do mesmo modo, utilizo o termo *técnica* quando transito por áreas tão distintas como, por exemplo,

a dança, a economia, os fundamentos nas atividades esportivas, decorrendo, portanto, certa urgência em uma definição conceitual.

A palavra técnica, na sua acepção original e etimológica, vem do grego *tekhné*, que podemos traduzir por arte e, como conceito filosófico, significa o saber fazer humano. Para os gregos, todo o ato humano, o saber fazer prático, é considerado *tekhné*, e diz respeito às atividades práticas, desde a elaboração de leis, a fabricação do pão, passando pela arte do médico, do artesão, até as artes plásticas, estas últimas consideradas a mais alta expressão da tecnicidade humana (LEMOS, 2002).

A partir de Platão este *saber fazer prático*, vai ser colocado em oposição ao *saber teórico-contemplativo*. A filosofia de Platão induz nossa percepção em relação às artes práticas, que são, ainda hoje, consideradas menos relevantes em relação à atividade intelectual-conceitual. O pensamento filosófico vai então, pela primeira vez, associar a técnica aos destinos do ser humano, definindo os objetos técnicos como sendo produtos que imitam o ser (*idem*).

Já em Aristóteles, o conceito do saber fazer prático é inferior às coisas da natureza. As coisas artificiais, frutos da *tekhné*, são inferiores às coisas naturais (*physis*). A inferioridade do saber prático, em Aristóteles, está ligada à incapacidade dos seres artificiais de se reproduzirem, ou seja, “voltados à existência precária e incapazes de se autoproduzirem, os produtos da *tekhné*, não são mais do que subprodutos da *physis*”. Portanto, na filosofia grega, o saber prático, além de estar sempre em dívida com a natureza, que o restringe à ação de imitar seu produto ou sua força produtiva, caracteriza-se, também como força inferior à atividade intelectual-conceitual (BOURG, 1996, p. 17).

Além da visão filosófica, afirma Dipasquale (2002), podemos ver o fenômeno técnico na perspectiva etnológica de André Leroi-Gourhan, que o analisa como elemento zoológico da formação e da evolução dos primeiros humanos. Este teórico refere à técnica, como uma tendência universal e determinante da evolução genética da espécie humana. Para ele, os objetos técnicos ajudam na formação do córtex humano, através da simbiose entre o objeto e os neurônios, resultado da interface entre a matéria orgânica viva e a matéria inerte deixada ao acaso na natureza.

Pouco a pouco, a técnica vai desligando-se desta evolução genética, tornando-se independente, e uma vez acabado esse processo inicial (formação do córtex), os objetos técnicos vão seguir um modo de existência próprio. E é, justamente, o modo de existência dos objetos técnicos, temática estudada por Simondon, que vai caracterizar a tecnologia contemporânea.

Gilbert Simondon, um dos mais importantes filósofos da técnica do século XX, desenvolve uma teoria que destaca os objetos técnicos como formadores de um ecossistema cultural, onde a naturalização do artifício modifica o meio natural, da mesma forma que o meio natural vai impondo limites à atividade técnica humana. Simondon explica a evolução do objeto técnico, como um processo, no qual ele se torna cada vez mais concreto, ocupando um lugar intermediário entre o objeto natural e a representação científica. Nesse sentido, o objeto técnico primitivo é abstrato e artificial, enquanto o objeto técnico concreto se aproxima do modo como os objetos naturais existem. Através da evolução tal objeto perde seu caráter artificial, especialmente, pela ação artificializadora do homem, o protegendo do mundo natural e conferindo-lhe uma condição de existência separada. Simondon é um filósofo da técnica apaixonado pela técnica, afirmando ser um grande equívoco separá-la do homem. Para ele, o que define o ser humano é, justamente, sua artificialidade, sua capacidade de criar e fazer uso da técnica. (GARCIA DOS SANTOS, 1998, p. 38).

A história da técnica, como nos propõe Ruy Gama (1985; 1987), é uma disciplina que tem por objetivo estudar a lógica e a evolução dos sistemas técnicos, mas a relevância do tema para a dissertação, se dá a partir do destaque de alguns simbolismos assumidos pelo fenômeno tecnológico, em diferentes épocas até chegarmos à sociedade contemporânea.

A origem do homem, como relatamos, coincide com a origem da técnica. De acordo com Gama (1985), os primeiros sistemas técnicos instauram-se a partir de dois motivos principais: a potência Divina e a imitação da natureza. A técnica pré-histórica é, nesse período, uma arte, atividade prática manual e material, da ordem de Deus. A técnica é desvio e imitação da natureza, seguindo os passos dos deuses ancestrais. A

técnica sagrada, uma espécie de magia, podia ser traduzida como um desejo do homem primitivo em obter respostas acerca do mundo que habitava.

As primeiras civilizações vão formar o primeiro sistema técnico coerente da humanidade. A civilização helênica destacou-se por buscar explicações racionais em relação à ciência e à técnica. Para os helênicos, os deuses detinham, ainda, um grande papel na estruturação do universo simbólico, mas a técnica passa de um estado de mera intuição para um novo estado de investigação, de demonstração, sendo investida pelo discurso filosófico, pela *tekhné*. É na Grécia clássica que a técnica, na sua acepção moderna, começa a ser gestada, marcando a civilização grega como sendo a primeira a exercer uma atividade racional e filosófica coerente, mesmo que a racionalização das atividades práticas, neste momento histórico, não estivesse ligada, ainda, a uma ciência experimental (GAMA, 1985).

A partir do primeiro século antes da nossa era, os romanos empreendem um processo radical de conquistas e expansão territorial. Com a conquista de novos territórios, assimilam novas técnicas, e vão estendê-las por todo o império, sem serem, necessariamente, inovadores. A civilização romana desenvolveu técnicas sociais, como o direito romano e a administração urbana, mas não apresentou inovações significativas em relação ao sistema técnico grego. Assim, conforme Gama, influenciado pelos gregos, o simbolismo da técnica no Império Romano vai situar-se como atividade profana, ligada ao medo da transgressão da ordem divina (*idem*).

A Idade Média, o período que compreende a segunda metade do século XII até o século XIV, relata Gama (1987), foi uma época de intensa atividade técnica. A utilização da energia é capital para o sistema medieval. O maquinismo e o automatismo são bastante conhecidos, e a utilização do metal permite o começo de uma incipiente atividade industrial. Neste momento da história, o sistema técnico não será mais constituído sobre o medo da transgressão da ordem divina e, pela primeira vez, na história, remete ao ser humano, ao invés da natureza. A evolução do conjunto técnico medieval será marcada por um novo código de conduta, que vê na técnica um instrumento de transformação da própria natureza.

O Renascimento será conhecido, então, como a era do maquinismo, afirma Gama (1897). Segundo o historiador, essa época, pode ser considerada como aquela que implantou um progresso considerável em relação às técnicas medievais, com um sistema técnico centrado no uso racional da energia, fazendo do século XV o terreno de uma primeira revolução, que se instalou a partir das invenções da bússola, da pólvora e da imprensa. Época de Descartes e Bacon, o Renascimento inaugura um novo sentido à vida humana na qual a razão passa a ocupar o centro do universo inteligível, e a técnica, um instrumento para conquistar e dominar a natureza.

A razão científica atinge seu ápice na Revolução Industrial, fenômeno observado na Inglaterra, no meio do século XVIII, com o advento da indústria têxtil, a invenção da máquina a vapor e as primeiras aplicações industriais com a produção de ferro de boa qualidade. Essa época caracterizou-se por um período de grandes inovações técnicas, iniciando um movimento de inter-relação e interdependência, entre a técnica e a ciência, inaugurando os processos de cientificização da técnica. Surgem as primeiras máquinas automáticas de cálculo, com a mecanização industrial atingindo grande desenvolvimento. A partir do século XIX, a ciência e a técnica vão estar ligadas, mais fortemente, à organização do trabalho e a formação de grandes unidades de produção industrial. A característica marcante da Revolução Industrial foi ampliar a aplicação técnica a todos os domínios da vida social (GAMA, 1985).

Chegamos à origem da fundação da modernidade: o mito do progresso pela realização tecnológica do destino humano, diz Lemos (2002). Cria-se uma organização racional e tecnocrática da vida social, com a ciência e a técnica sendo valores supremos da emancipação do ser humano. A técnica e a ciência transformam-se em ideologia, em par sagrado e conduzem a humanidade ao progresso e à modernidade emergente. A máquina aparece como objeto central de um culto novo, presente em nossos dias, na febre e fascinação pelas novas tecnologias.

O século XX surge, com a técnica tornando-se instrumento do desenvolvimento das forças econômicas. A racionalidade científico-tecnológica torna-se instrumento de modernização da sociedade. Vivemos uma nova estrutura social, onde se estabelece um poder-saber, que organiza o trabalho a partir da divisão de tarefas e da otimização do

tempo, onde a velocidade das máquinas determina o tempo e os movimentos da produção. Este novo sistema, chamado agora de tecnológico, vai afetar a vida quotidiana de forma radical, provocando a formação e globalização da sociedade de consumo e do espetáculo. E como diz, Lemos (2002, p. 41): “aqui nos encontramos; nós, a humanidade e os objetos técnicos”.

Quando Dominique Bourg (1996) argumenta não existir humanidade sem objetos técnicos, sem um ambiente técnico permanente, leva-me a pensar que, grande parte do que é produzido pelo ser humano, se caracteriza como um objeto técnico. Portanto, posso crer que, juntamente com a cultura, em diferentes tempos e espaços de nossa existência, protagonizamos, não só a construção de nossa materialidade biológica, como, também, o aparelhamento tecnológico do lugar que habitamos.

Vale ressaltar que pensei a história da técnica, até aqui, para poder pensar o próprio desenvolvimento tecnológico e como a técnica moderna se transforma, através, e pela ciência. Ou seja, a ciência moderna e contemporânea transforma a técnica em tecnologia, da máquina-utensílio à máquina como instrumento de precisão, e permite-nos novos conhecimentos.

O acúmulo de saberes e as diversas técnicas ligadas ao ser humano foi originando, de certa maneira, uma quantidade de saberes e técnicas com forte influência na produção de sua configuração corporal. Essa relação imbricada entre o corpo humano e a tecnologia é analisada nas obras de Peter Sloterdijk e Bernard Stiegler, entre tantos outros. Para Sloterdijk (2000, p. 25), “se há homem [corpo], é porque uma tecnologia o fez evoluir a partir do pré-humano [corpo primitivo]. Ela é a verdadeira produtora de seres humanos [corpos], ou a base sobre a qual eles podem existir”, afirma o autor.

Na mesma linha teórica de autores como Sloterdijk, Leroi-Gourhan e Simondon, destaca-se o pensamento de Bernard Stiegler, professor e filósofo da técnica que, em entrevista concedida à Ruth Scheps (1996, p. 170), nos revela que “a técnica é o que prolonga a vida por outros meios que não a vida”. Este autor aponta para o instrumento, como sendo o resultado da exteriorização tecnológica do corpo e, ao mesmo tempo, a própria condição deste processo. Nessa perspectiva, a prótese não é um simples

prolongamento do corpo humano, ela passa a ser a constituição desse corpo enquanto humano.

Do mesmo modo, Edvaldo Couto (2001) sustenta estes argumentos, especialmente, quando diz que o homem é, historicamente, muito mais técnico que poderíamos supor e seu corpo se tornou o lugar privilegiado das técnicas, o destino certo das máquinas. Elas estão cada vez mais presentes em nossos corpos. De todo os tipos, em todos os tamanhos, por todos os lados, dentro e na superfície de nossos corpos, os artefatos técnicos contemporâneos, almejam ultrapassar todas as limitações biológicas ligadas à materialidade do ser humano. A interação do corpo com esses novos componentes tecnológicos revela uma experiência estética, que nos coloca diante de uma redefinição de fronteiras entre o orgânico e o tecnológico, assumindo possibilidades que rompem os limites de nossa representação.

Os avanços da técnica e da produção tecnológica confundem as fronteiras que possibilitam ao humano experimentar o mundo e a si mesmo. Agente privilegiado de nossa história, a tecnologia oferece-nos o portal que estabelece conexões que ajustam e adaptam os mecanismos de passagem do ser humano, em um novo ser. A experiência de que estamos nos tornando outros, diferentes do que há pouco éramos, transgride os limites de nossa corporeidade biológica, “natural”, através da experiência mediada por artefatos tecnológicos (BRUNO, 2001).

Nesse contexto, parece-me relevante destacar a figura do ciborgue. Um personagem que agrega um híbrido de homem e máquina, cujas qualidades fisiológicas são realçadas por próteses técnicas. Um ser aparelhado no qual a técnica interfere, sensivelmente, no funcionamento de seus comportamentos; “um organismo vivo, protetizado e cuja existência é submetida a um controle regular de suas atividades” (LE BRETON, 2003, p. 204).

O ciborgue em si tematiza o acontecimento da técnica, cujos efeitos revolucionários ainda não conseguimos decifrar. Para Tucheran (1999, p.164) este é o problema do nosso tempo. Talvez, mas o fato é que elementos de natureza diversa continuam inscrevendo-se no corpo, enxertando-se nele, levando-o ao limite. Borram-se as fronteiras da tradicional oposição entre a carne e o metal.

Vivemos o momento histórico em que o hibridismo entre o ser humano e a máquina tende a modificar completamente a arquitetura física e mental dos indivíduos, onde a relação corpo-máquina, mais do que uma superfície de suporte possibilita a inter-relação de forças que se dá em decisões tomadas por corpos diferentemente constituídos: o corpo biológico e o corpo sintético (BRUNO, 2001).

Le Breton (2003) lembra-me que o hospital é o lugar predileto do ciborgue: as máquinas de reanimação, a hemodiálise e, em especial, a aparelhagem para remediar uma deficiência, por exemplo, indicam que, nesse espaço, as antigas fronteiras entre o biológico e o mecânico atenuam-se ou dissolvem-se. Esse caminho foi explorado por Vargas (2002), quando buscou analisar as tensões da relação corpo-máquina na UTI de um hospital-escola. Atuando como enfermeira e analisando alguns materiais pedagógicos utilizados pela enfermagem em terapia intensiva, como manuais e protocolos assistenciais, a autora descreve e analisa alguns dos diferentes tipos de ciborguização que se materializam na prática da enfermagem em terapia intensiva.

Esse organismo-máquina tornou-se, na cultura contemporânea, um paradigma incontestável para podermos pensar o mundo contemporâneo, um transgressor de fronteiras, pois “aquilo que caracteriza a máquina nos faz questionar aquilo que caracteriza o humano: a matéria de que somos feitos” (SILVA, 2000a, p. 15). O paradigma do ciborgue alimenta um fascínio da máquina inteligente, e quase viva, com o sentimento compensatório da obsolescência do humano, do anacronismo de um corpo cujos elementos se degradam e exibem uma terrível fragilidade em relação à máquina.

Haraway (2000) define o ciborgue com um híbrido, um organismo cibernético composto de carne e metal, uma criatura de realidade e ficção. “Com o ciborgue, a natureza e a cultura são reestruturadas: uma não pode mais ser o objeto de apropriação ou de incorporação pela outra” (p. 43).

O ciborgue existe sempre que houver a transgressão de fronteiras. Sua figura problematiza a dicotomia entre humanos e animais, entre humanos e máquinas, e entre o natural e o artificial, trafegando por fronteiras cada vez menos distintas. Longe de ser uma síntese desses elementos, o ciborgue assume uma posição de coexistência junto a eles, possibilitando que essas novas construções ocorram em uma zona de deslizamento

de fronteiras, produzindo formas híbridas, ambíguas e indefinidas, deslocando qualquer lógica de identidade.

Vargas (2002), ao referir o trabalho de Sheryl Hamilton, destaca três formas nas quais alguns teóricos utilizam a figura do ciborgue: primeiro, como uma representação popular – elementos que personificam, midiaticamente, o avanço tecnológico como, por exemplo, os atributos de Arnold Schwarzenegger no filme *O exterminador do futuro*; segundo, como um ciborgue concreto – características tanto de pessoas que *vivem* num sistema de informação cibernética quanto pessoas *dentro* de dispositivos mecânicos/eletrônicos ou pessoas *com* esses dispositivos mecânicos/eletrônicos como parte de seus corpos; e na terceira forma, como metáfora, do qual o ciborgue de Donna Haraway é o melhor exemplo. Possivelmente, afirma Vargas, quando Haraway utiliza o termo *imagem ciborgue* é no sentido metafórico em oposição à ciborgues concretos.

Nessa perspectiva, os atletas cadeirantes, sujeitos de minha investigação, são considerados ciborgues concretos – aqueles que utilizam os dispositivos mecânicos como parte de seus corpos. Esses corpos diferentes são analisados a partir de suas relações com as diferentes tecnologias e, através de seus usos, investigadas novas formas de produção de significados.

Segundo Haraway (2000), o ciborgue surge em meio à cultura contemporânea a partir de três abalos de fronteira: entre os animais e os humanos, entre o orgânico e inorgânico, e entre o físico e o não-físico. Em um primeiro momento, trata-se da ruptura entre a natureza e a cultura, no aspecto biológico e evolutivo da biosfera e pode ser observada por meio do movimento pelos direitos dos animais ou dos progressos da engenharia genética, permitindo a produção de animais e plantas transgênicos. A partir dessa ruptura, torna-se comum a presença de órgãos e tecidos animais preenchendo lacunas, substituindo outros órgãos humanos. O ciborgue, ao contrário da ideologia biológico-determinista, não se preocupa em tentar separar o homem das outras espécies vivas, busca o acoplamento mais radical, e “aparece como mito precisamente onde a fronteira entre o humano e o animal é transgredida” (idem, p.45).

“A segunda distinção sujeita a vazamentos”, nas palavras de Haraway (2000, p. 46), é aquela entre o organismo e a máquina. As máquinas que, antes não eram vistas

como tendo movimento próprio, autônomas, agora tornaram, completamente, ambígua a diferença entre o natural e o artificial.

Com a fabricação de peças artificiais e próteses como órgãos, popularizou-se a introdução das aparelhagens no corpo, provocando uma performance fisiológica cada vez mais dependente. As máquinas colonizam nossas vísceras, transformando o organismo no lugar privilegiado das tecnologias. A confusão de fronteiras, entre o que é humano e o que é tecnológico, tornou-se complexa (COUTO, 2001b).

A terceira ruptura tem relação muito próxima com a segunda e refere-se ao nível de imprecisão entre o físico e o não-físico. Couto afirma que estamos diante da realidade da desmaterialização. A matéria, agora, se encolhe, torna-se fina, cada vez mais fragmentada. É a realidade virtual, a era das nanotecnologias. A miniaturização biocibernética transforma o mundo, que antes era físico, visível, em não-físico. Os aparelhos microeletrônicos estão em toda a parte, mas são, praticamente, imperceptíveis. O ciborgue, agora, assume sua volatilidade.

Em contanto íntimo e direto com as próteses artificiais, o ciborgue, ao qual se refere Haraway, é um ciborgue protético, elemento que possui uma subjetividade associada a uma combinação física e mental do biológico com o tecnológico, assumindo, com isso, identidades parciais (COUTO, 2003).

A mídia, de forma implacável, nos mostra outro tipo de ciborgue, que Lemos (2002) chamou de interpretativo e onde não está em questão a relação corporal entre a máquina e o corpo. Aqui o poder da televisão ou do cinema, por exemplo, constitui o ciborgue interpretativo. O domínio e controle desses corpos são disputados, através de uma cultura de massa com grande potencial opressivo e alienante, onde consumo e espetáculo são elementos, que, de certa forma, estruturam os processos de transformação tecnológica. Somos, portanto, na sociedade do espetáculo, todos ciborgues interpretativos.

O mito do ciborgue vem como que celebrar a produção artificial do corpo e surge para quebrar fronteiras, potencializando as fusões entre os seres e os artifícios, e, especialmente no conceito de Haraway, para desconstruir os discursos que destacam os

conflitos de classe e as diferenças sociais de sexo, raça e gênero, por exemplo. Desestabilizando a lógica que se apropria de uma única identidade, o conceito ciborgue cria um movimento político, que busca romper as estruturas rígidas construídas, historicamente, pelo colonialismo e o patriarcalismo, que, via de regra, vem subestimando o outro (negros, homossexuais, mulheres), em um processo de dominação e controle.

As fronteiras que habitualmente circunscrevem as possibilidades de relação do corpo com outros espaços, artificiais ou não, afirma Bruno (2001), nesse momento, são reconfiguradas e, embora o corpo permaneça ancorado no aqui e agora, seu espaço de ação e percepção, combina, pela mediação tecnológica¹¹, estratos locais e globais, geográficos e informacionais, próximos e distantes.

Os artefatos técnicos ingressam no corpo humano, recompondo seu ritmo, sua estrutura ou remodelando sua forma. Cada dia mais biocompatíveis, esses artefatos prometem interfaces mais eficientes e digeríveis entre o orgânico e o inorgânico. Estas práticas tornam visível o quanto a tecnologia, mais que um instrumento ou uma prótese que prolonga ou repara as funções do corpo, transita pelas fronteiras que o constituem, adicionando camadas de interface que reconfiguram suas relações com um outro corpo, que pode, ou não, ser ele mesmo.

Os corpos que aqui investigo – corpos cada vez menos restritos aos seus invólucros orgânicos, que se oferecem no que ainda têm de vital à modulação técnica, sempre mediados por dispositivos tecnológicos – podem representar a eliminação das últimas fronteiras que ainda nos permitem ser vivos, orgânicos ou humanos.

Este corpo que encontro e escolho, me encontra e me escolhe, e antes dos significados que promovem sua depreciação e ineficiência, revela-se constituído a partir

¹¹ Um dispositivo de mediação é uma interface, isto é, um processo de interação entre dois domínios heterogêneos, sem implicar na eliminação das superfícies que se interpõem entre eles. Um processo de adição de camadas que potencializa a comunicação, a conexão e as trocas, aproximando os domínios, tornando-os sensíveis, acessíveis e significativos um para o outro. O processo de mediação estabelece o processo de criação de uma interface pela qual um objeto, uma certa possibilidade de ação, antes destituídos de significados, passam a fazer parte de suas experiências (BRUNO, 2001).

de artifícios técnicos que, de certa forma, reinventam sua humanidade e ativam seu potencial. Esse corpo está desaparecendo diante da representação de um outro que, pondo em questão sua principal noção de existência, destaca-se pela ação e performance. É desse corpo, de suas ações e de suas performances que falo agora.

1.4 Normalidade, deficiência e potencialização.

Como seres sociais e culturais, muito nos constroem ver o que acontece a um corpo singular sempre que ultrapassa, em nome da própria cultura, os limites do lugar social a ele designado, ou ainda, quando ultrapassa as fronteiras que ela impõe às suas formas e às suas práticas. Essa invasão súbita do corpo individual naquilo que dele não se separa, inscreve-se no campo do estranho, do diferente ou, como afirma José Gil, do traço de desregramento. Corpos não codificados, portanto, destacam-se ante as diferenças, transformando algumas de suas deformações em signos delirantes, contaminados, parasitários de uma representação histórica e cultural que os aproxima da monstrosidade. Afinal, alerta o autor: provavelmente, o homem só produz monstros por uma única razão – poder pensar sua própria humanidade¹².

Falar do corpo diferente é também, falar de seus estigmas, de seu ocultamento, dos olhares a eles dirigidos. Conforme nos narra Evgen Bavcar (2003), o corpo com deficiência, ferido da guerra, foi ocultado por diferentes simulacros que nos fizeram esquecer a sua existência e os seus sofrimentos reais. No decorrer da história da humanidade, a existência dessas figuras com formas diferentes, seres, reais ou imaginários, marcados em sua corporalidade pela falta ou sobra de algo, sempre exerceram uma função simbólica fundamental, pois ao perturbar nossos sentidos, passavam a ser pensados como uma aberração, introduzindo a crença na necessidade da existência da normalidade humana.

As histórias de corpos diferentes, suprimidos, expulsos dos espaços culturais hegemônicos, remetem-nos a lugares proibidos, ora maculados pela piedade, ora escondidos pelas sombras das forças estéticas da normalidade. No século XV, início da

¹² GIL, José. *Metamorfoses do Corpo*. Lisboa: Ed. Relógio D'Água, 1997, p. 48-51.

colonização brasileira, conta Jannuzzi (2004), o sistema econômico baseado no capitalismo mercantil, na época com grande atividade extrativista, fez com que se abandonassem os portadores de deficiências às intempéries – praticamente condenando-os à morte – provavelmente por descrença nas suas possibilidades de cura e desenvolvimento. Algum tempo depois, esses *monstros* já eram recolhidos às Santas Casas, que começaram a aparecer a partir do século XVI, garantindo assim a intenção política do Império em dar-lhes abrigo e alimentação. Mesmo em confinamento nas instituições psiquiátricas, esses sujeitos começaram a receber tratamentos considerados mais humanitários.

Foucault, em seu estudo sobre a anormalidade, garantiu distinção entre os disformes, os enfermos e defeituosos, e os monstros propriamente ditos. A enfermidade é, de fato, algo que também abala a ordem natural, mas não é uma monstruosidade, porque a enfermidade tem seu lugar no direito civil e no direito canônico. O enfermo pode não ser conforme a natureza, mas é de certa forma, previsto pelo direito. A monstruosidade, em compensação, é essa irregularidade natural que, quando aparece, o direito é questionado. É quando a desordem da natureza abala a ordem jurídica (FOUCAULT, 2001, p.78-80).

A normalidade, o desvio e a monstruosidade, segundo Foucault, configuram-se em um mesmo processo de construção sócio-histórica, atravessado por relações de poder e saber. A partir do final do século XIX, as práticas médico-jurídicas foram paulatinamente estabelecendo normas para o enquadramento das condutas dos corpos tidos como anormal, seja por comportamentos desviantes ou por malformação em sua constituição biológica. Ainda, em “História da loucura” (2002), o filósofo reconstitui como a noção de anomalia foi sendo construída através da emergência do saber psiquiátrico, consolidando-se, então, em um poder que, em nome da aproximação da norma, submetia a loucura à razão. A tarefa foucaultiana foi a de escavar como essas diferentes formas de sujeitos foram se constituindo em relação aos diferentes jogos de verdade.

O processo de subjetivação dos sujeitos contemporâneos tem-se pautado na construção de suas identidades assumidas, contida ou abertamente, a partir de um referente considerado “normal”, qual seja o de homem branco, heterossexual, de classe

média urbana e cristã. As identidades que não se ajustam ao padrão descrito como referência, são constituídas como identidades diferentes, marcadas fortemente pelo desvio (LOURO, 1998; SILVA, 1999).

Esse referente será a medida de tudo, seu aparecimento ditará o modelo normal a partir do qual tudo e todos serão medidos e medicados – curados, corrigidos, normalizados. “A norma da normalidade é que normatizou o outro como anormal e, a partir da idéia de uma média-padrão na objetivação do desenvolvimento humano, pôde focar o olhar sobre o desviante, o anormal, ou seja, pôde inventá-lo” (WIACEK, 2004, p. 40). Foi a norma que elegeu a si mesma como identidade normal, como a identidade humana. Para Canguilhem (2000), “uma classe normativa conquistou o poder de identificar a função das normas sociais com o uso que ela própria fazia das normas cujo conteúdo determinava” (p.218).

Nos argumentos de Silva (2000, p.83),

fixar uma determinada identidade como a norma é uma das formas privilegiadas de hierarquização das identidades e das diferenças. A normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença. Normalizar significa eleger – arbitrariamente – uma identidade específica como o parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. Normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação as quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa. A identidade normal é “natural”, desejável, única. A força da identidade normal é tal que nem sequer é vista como uma identidade, mas como *a* identidade.

De certa forma, esta penetração na construção do binômio normalidade-anormalidade nos dá base tanto para tentar compreender o modo como se articulam os sentidos que estamos dando, neste tempo, ao diferente, quanto para problematizar aquilo que aprendemos como sempre estando ali: o engessado discurso da normalidade.

Ao referir o pensamento de Stuart Hall e Kathryn Woodward, Silva chama a atenção para o fato de que ao reconhecermos a nossa própria identidade a partir do outro e, assim, estabelecermos ao mesmo tempo a diferença que nos separa e nos marca, temos chance de garantir posições em um campo de disputa e tensão que caracteriza as relações de poder na sociedade (*idem*). Nesse lugar luta-se em busca da representação das verdades e identidades de um determinado grupo social, na medida em que a identidade é “uma celebração móvel formada e transformada continuamente, em relação às formas

pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 1997, p.13).

“Não há identidade fora do poder”, revela Guacira Louro ao admitir que “todas as identidades exercitam o poder e, simultaneamente, todas sofrem sua ação. As identidades fazem parte dos jogos políticos, ou melhor, as identidades se fazem em meio a relações políticas” (1995, p. 68).

É difícil negar que, neste momento e nesta cultura, ainda nos enquadrados – a nós e aos outros – em um tipo de identidade a partir de significados atribuídos à nossa aparência corporal. De acordo com as mais diversas imposições da sociedade contemporânea, construímos nossos corpos com o intuito de equipá-los para atualizar, acelerar e dinamizar suas performances. O prolongamento da juventude, o revigoramento físico e a perspectiva de uma vida saudável, vigorosa e bela, por exemplo, são objetivos incansavelmente procurados, mesmo que isso importe em perigosas técnicas de remodelagem física.

Se a condição humana é corporal, como afirma Le Breton, subtrair-lhe alguma parte do corpo ou lhe acrescentar, coloca o sujeito em posição intermediária. E aquele que aspira à humanidade de sua condição sem oferecer a ela aparências comuns, por causa de suas deformidades, está destinado a uma existência diferenciada (1995, p. 64).

Além de serem interpelados pelos processos de gestão da aparência que lhes inscrevem marcas de identidade, é interessante lembrar que os corpos são também marcados, fortemente, a partir da exterioridade do olhar e do dizer do outro. Os corpos são nomeados e discriminados, conforme se ajustem, ou não, aos ditames e às normas de sua cultura. Portanto, são construídos e inventados, também, por tudo que, de fora, se diz do sujeito e para ele: a isto Hall (2001) chamou de marcas de diferenciação.

Investigar esses corpos diferentes, portanto, nos faz transitar pelas sombras de suas agonias, percebendo a fatalidade dos significados políticos que os desqualificam socialmente. Interpelados e classificados pelos discursos dominantes da sociedade, esses corpos sucumbem à hegemonia da normalidade e reclusos, quase invisíveis, desafiam seu

cárcere. Resignados, vestem o artifício que os marcam porque já não lhes resta o que vestir.

A evidência dessas marcas, na constituição do corpo com deficiência física, se atribui não só pela lesão apresentada, mas principalmente a partir da utilização de uma prótese que incorpora padrões estéticos distantes de uma plástica que tangencia a normalidade, uma prótese que não se disfarça. Seu hibridismo, pungente e necessário, constrói uma visibilidade que é encarada como símbolo de monstruosidade e assume uma representação negativamente valorizada e significada, hegemonicamente, como a própria deficiência. Sua demonização, por vezes, é recorrente nos meios de comunicação¹³, quando se referem aos usuários como condenados, confinados, presos à cadeira de rodas. Por outro lado esse artifício tecnológico é um equipamento utilizado para suprir a dificuldade de locomoção desses corpos, sobretudo como um instrumento que potencializa acessos, que possibilita certa mobilidade durante as rotinas de vida; uma vida de corpos rolantes.

Mas esse é um corpo de atleta, e como território de múltiplos significados e transgressões, o corpo do atleta cadeirante – meio monstro, meio ciborgue – carrega o emblema hegemônico da diferença e desliza por entre as fronteiras de sua materialidade, marcado, ao mesmo tempo, pela deficiência, pela performance e pela tecnologia.

Enquanto isso, questões sobre a generalidade do humano me inquietam e me fazem pensar no ideal contemporâneo de corpo. Os rearranjos exigidos o fazem suprido de aditamentos mecânicos, eletrônicos e continuamente potencializado através da tecnologia. Como representação hegemônica, biotecnológico, equipado com próteses que o atualizam, o corpo contemporâneo revela-se verdadeira máquina de performance e promove rejeição e constrangimento, especialmente, entre os que ainda conseguem resistir à “indústria do design corporal”, termo que Edvaldo Couto utiliza ao argumentar

¹³ Algumas campanhas publicitárias de vacinação contra a poliomielite, assim como em alguns programas de conscientização sobre os perigos de dirigir no trânsito ingerindo bebidas alcoólicas, veiculados em redes de televisão por organizações não-governamentais e pelo próprio governo, remetem os telespectadores para uma perspectiva de vida sobre uma cadeira de rodas, caso não atendam aos apelos publicitários. Esses e outros procedimentos midiáticos, na opinião de Luiz Fernando Jardim, presidente do Clube Gaúcho de Desporto em Cadeiras de Rodas, só trazem prejuízos aos projetos de socialização e interação das pessoas com deficiência, promovidos por sua entidade. O problema, diz Jardim, “não é com o cadeirante, mas com as pessoas normais” (Boletim CGDCR n.4, out/2004, disponível em www.paraolimpicosrgs@yahoo.com.br, acesso em 21.10.2004.

sobre o movimento chamado de utopia tecnológica do corpo perfeito. Para Couto, esta indústria constrói as “peças” que irão substituir, atualizar e potencializar as partes cansadas, doentes e envelhecidas do corpo (2003, p.177-178).

Essa obsessão contemporânea pelo corpo esbelto, de acordo com Soares e Fraga, constituiu-se a partir do processo de industrialização da sociedade nos séculos XVIII e XIX, e estabeleceu critérios produtivos na avaliação da estrutura do corpo, ou seja, “a busca da composição corporal equilibrada estava intimamente ligada ao princípio de retidão do corpo e da rigidez do porte” (p.78). Ancorados na obra de George Vigarello, esses autores afirmam que, a partir do século XIX, começa a estruturar-se um movimento com base no convencimento por parte da população da necessidade de pôr o corpo em movimento como pressuposto fundamental do bem-estar completo, favorecendo, sobretudo, o desenvolvimento das aptidões morais necessárias à convivência social. Desejava-se criar uma cultura própria ao corpo ágil (SOARES e FRAGA, 2003, p.79-81).

Os corpos contemporâneos, provavelmente, assumiram a herança desses corpos retos, ágeis, ajustados em suas posturas, adaptados à aceleração das sociedades da comunicação. Aqueles que, de alguma forma, resistiram às seduções do mercado de reconstrução do corpo, provavelmente, estão marcados por sua exclusão, fragilidade e deficiência, localizando-se a margem das exigentes possibilidades de uma sociedade obcecada pela purificação dos corpos.

É difícil admitirmos que o ser humano tenha alguma posição de resistência ou negação de seu corpo em relação à técnica. O corpo humano e as suas capacidades ficaram marginalizados e, agora, a tarefa a executar, independente das próprias possibilidades da mão e de outros órgãos, tornou-se o verdadeiro centro de gravidade do objeto técnico (BOURG, 1996, p. 25). Potencializar o corpo, no argumento de Bruno Latour (1996), é um antigo desejo humano com origem no cerne do processo de dominação da natureza. Ao exaltar e solicitar a potência técnica com o intuito de retificar o curso natural das coisas, o ser humano, no decorrer do processo civilizatório, desenvolve a instrumentalização de seu corpo, garantindo, não só a extensão de seus limites, mas a manutenção da própria existência. Quanto mais avança a produção

tecnológica, mais incertas tornam-se as fronteiras que há pouco forneciam os parâmetros e limites segundo os quais o homem experimentava o mundo e a si mesmo, argumenta Fernanda Bruno (2001). Quando máquinas passam a simular funções antes consideradas exclusivamente humanas, quando passam a exibir comportamento inteligente, manipulando símbolos e construindo representações, percebe-se que as fronteiras que separam o humano do não-humano, o biológico do artificial acham-se dinamizadas, evidenciando um processo de potencialização (*ibidem*).

No caso dessa dissertação, ao investigar atletas cadeirantes, percebo a possibilidade da ação potencializadora, que o atravessa, não se estabelecer apenas com a colonização tecnológica de seu corpo, mas a partir de ajustes na prótese através de dispositivos técnicos que possibilitam a instrumentalização de sua própria performance.

Para Virilio (1996), as tecnologias são hoje mais precisas e potentes que o corpo humano, muito mais que nossas frágeis aptidões humanas, o que nos garante novas e urgentes possibilidades de performance. Para este autor, o processo de potencialização se estabelece a partir do instante em que estendemos as capacidades do corpo, utilizando, especialmente, recursos tecnológicos.

Se para Virilio, as próteses foram e são concebidas como artefatos potencializadores, a instrumentalização do corpo, à qual refere Latour, especialmente a da pessoa com deficiência física, deve suceder à interpelação tecnológica. Esses corpos experimentam a sobreposição entre o material e o biológico, naquilo que Luiz Alberto Oliveira chamou de hibridação.

Anteriormente se poderia dizer que a tecnologia é uma ferramenta para o espírito agir sobre a natureza que lhe é exterior. Hoje, contudo, ocorre uma internalização da ação da técnica, como se a tecnologia se dobrasse sobre si mesmo e se auto-afetasse. Na medida em que uma ação externa se rebate e engolfa seu próprio executor, resta abolida a suposta separação clara entre o interno e o externo, entre o sujeito e o objeto, entre o ente e o artefato. (...) o que se engendra em nossa pós-modernidade impelida pela aceleração tecnológica é a hibridação: estamos devindo, estamos passando a ser centauros, começamos a nos converter em híbridos de humano e inumano (2003, p. 167-168).

A questão é se a ação performática destes híbridos tem o poder de resignificar a si próprios na tentativa de romper com a banalização e naturalização de suas possibilidades. Hoje, talvez mais que em outras épocas, é difícil negar que a influência da tecnologia nas

sociedades ocidentais tem um lugar capital dentre as questões que emergem como prioritárias nas sociedades modernas. Não nos causa mais surpresa, portanto, constatarmos que a tecnociência contemporânea ambiciona ultrapassar todas as limitações biológicas relacionadas à materialidade humana.

Vivemos, pois, um momento no qual a robótica (a produção de sistemas capazes de comportamento autônomo), a biotecnologia (a manipulação dos componentes dos seres vivos, incluindo seu código genético) e a nanotecnologia (a fabricação de dispositivos moleculares) redesenham nossa forma corporal. A miniaturização das técnicas permite equipar o corpo humano. Da mesma forma que o corpo humano tido como "natural" foi considerado inútil, aos poucos suas performances também serão consideradas ultrapassadas. Cada órgão seu será considerado como sendo primitivo face às próteses técnicas capazes de potencializar suas performances. Passamos a viver uma espécie de endocolonização tanto da população como do corpo humano, onde ambos são investidos continuamente pela técnica. Podemos, assim, afirmar que tanto o ser humano quanto o planeta foi exposto à técnica, perdendo para sempre seu caráter "natural", pois hoje o natural é ser artificial (VIRILIO, 1998).

Conforme Paula Sibilía (2002), na contemporaneidade, os obstáculos orgânicos, que restringem as potencialidades e as ambições dos indivíduos, no sentido de ampliar a temporalidade humana, podem ser combatidos por um arsenal maquínico científico-tecnológico colocado a serviço da reconfiguração do que é vivo, lutando contra o envelhecimento e a morte. As inovações tecnocientíficas na atualidade, então, mostram-se em condições de redefinir todas as fronteiras e todas as leis, tratando os seres "naturais" preexistentes como matéria-prima manipulável, fazendo as mais diversas combinações entre o orgânico e o artificial. É a biopolítica foucaultiana sendo atualizada na sociedade contemporânea, por outros tipos de mecanismos tecnológicos, mas que preserva como meta a ser atingida o investimento no corpo humano com o propósito de prolongar sua vida e sua funcionalidade.

Tanto as inovações tecnológicas quanto os avanços científicos penetraram nos corpos e nos estilos de vida levados pelos sujeitos no decorrer da história da humanidade. O surgimento das novas tecnologias possibilitou aos sujeitos acreditarem nas promessas

realizadas pela higiene e pela eugenia de um corpo fisiologicamente perfeito. Hoje estamos vivendo a quase extinção dos espaços desconhecidos do corpo e do mundo, onde a ação de satélites gigantes e o uso de chips portáteis diminuem as distâncias, atingindo regiões e culturas diversas. O corpo passou a ser visto como o campo preferido das experimentações biotecnológicas e dos investimentos da economia de mercado (SANT'ANNA, 2001; SOARES, 2001).

Entretanto, a originalidade e a virtude desses episódios, singular na história da cultura, não ressalva a imposição de algumas críticas acerca de questões relacionadas a esse fenômeno (SIBÍLIA, 2002; OLIVEIRA, 2003).

Seria, então, exagero dizer que a tecnologia invade o corpo do atleta com deficiência física como prenúncio de sua mortificação, e que o avanço da tecnologia precipita seu desaparecimento diante da representação de um novo corpo híbrido, pondo em questão sua principal noção de existência? Talvez, mas certamente para David Le Breton (2003), estas questões ganham relevância. Crítico voraz da interferência tecnocientífica na transformação contemporânea dos corpos, este antropólogo francês se opõe ao discurso de descrédito que censura o corpo por sua falta de domínio sobre o mundo e por sua vulnerabilidade em relação às doenças, ao envelhecimento e ao próprio desempenho. Nas suas palavras,

a carne do homem encarna sua parte maldita que inúmeros domínios da tecnociência pretendem por sorte remodelar, imaterializar, transformar em mecanismos controláveis para livrar o homem do incômodo fardo no qual amadurecem a fragilidade e a morte (LE BRETON, 2003, p. 17).

É possível que Le Breton e outros teóricos, que também apontam suas críticas na direção dos processos tecnocientíficos de reconstrução do corpo humano, percebam como irreversível a seguinte questão: é urgente matar a carne do corpo – especialmente aquela que nos limita biologicamente – para que consigamos salvar o corpo da carne. Isto significa que, para a tecnociência, a carne do homem presta-se a estorvos, está a caminho da obsolescência, portanto, a assimilação mecânica, o aditivo tecnológico, ressoa como uma reparação e traduz, na contemporaneidade, o residual digno do que sobrou de sua materialidade biológica.

A sociedade atual assiste ao surgimento de um novo tipo de saber. Um saber, como destaca Paula Sibília, que se pretende controlador da vida, superando até a mais fatal das limitações biológicas: a imortalidade. A autora garante que,

nos discursos da tecnociência contemporânea, “o fim da morte” parece extrapolar todo o substrato metafórico para apresentar-se como objetivo explícito: as tecnologias da imortalidade estão na mira de várias pesquisas atuais, da inteligência artificial à engenharia genética, passando pela criogenia e por toda a farmacopéia antioxidante. A própria morte estaria, então, ameaçada de morte? (2002, p. 50).

O artista australiano Stelarc, um dos precursores deste pensamento, afirma que o corpo precisa ser reposicionado de seus limites genéticos para o mundo eletrônico, devendo tornar-se imortal para se adaptar à tecnociência contemporânea. “A informação é a prótese que sustenta o corpo obsoleto” (1997, p. 54), diz o autor que garante ser o corpo uma estrutura nem muito eficiente, nem muito durável. Se não é subordinado ou acoplado à máquina, permanecendo simplesmente um organismo biológico, o corpo nada é, afirma Stelarc. Nem mesmo um acessório (idem).

Vale ressaltar que, desde Descartes, como nos lembra Dominique Bourg, testemunhamos historicamente “a dissociação implícita do homem de seu corpo despojado de valor próprio” (1996, p. 19). Entretanto, nossa contemporaneidade não pode prescindir da idéia desse corpo, não mais como idealização da carne, espécie de outra pele invisível como pensou Ieda Tucherman (1999), mas de um corpo onde as tecnologias enxertam-se diretamente sobre ele, reproduzindo-o.

Presenciamos, desta forma, o que Tucherman chamou de radical mudança de referência, ou seja:

(...) de uma identidade firme, estável, centrada e constante que o mito do homem moderno propôs e construiu para nós, passamos, na nossa contemporaneidade, a uma nova relação conosco mesmos, com o mundo e com os outros, que se manifesta numa identidade frágil, instável, descentrada, mutante, processual e inconstante à qual corresponde, pertinentemente, um corpo fragmentado e metamórfico (1999, p. 153).

O corpo tornou-se uma representação provisória, um objeto transitório e manipulável, deixando de se tornar a identidade de si para tornar-se uma performance efêmera, sem futuro, “a prótese de um eu eternamente em busca de uma encarnação provisória para garantir um vestígio significativo de si” (LE BRETON, 2003, p. 29). Para

esse autor, o corpo passa, então, a ser visto como mais um “acessório de presença”, uma “matéria-prima” moldável e submetida ao *design* do momento, assujeitado a muitas aparências. Transformou-se numa “proclamação momentânea de si mesmo”, pois, na medida em que o sujeito não pode mudar suas condições existenciais, torna-se mais fácil mudar o corpo de muitas maneiras. Muitas pessoas, também, sonham com a possibilidade de controlar não somente seus corpos, mas as qualidades genéticas ou morfológicas de seus filhos, antes mesmo de nascerem. Conforme o autor, “os organismos geneticamente modificados, as manipulações genéticas, os exames pré-natais, a clonagem, o tema da criança perfeita” fazem parte de um mundo que se transforma em dupla velocidade (p.23).

Desconsidera-se, sob este ponto de vista, a influência sociocultural no desenvolvimento do sujeito. A possibilidade de manipular os genes na busca do ser humano perfeito, por exemplo, mostra-nos, ainda com muita intensidade, essas considerações sobre o desenvolvimento do sujeito como consequência somente de sua herança genética.

Se por um lado ganhamos com a extensão da vida e com novas e abertas possibilidades de propormos diferenças, libertos do cerco da identidade moderna e de um humanismo bastante redutor, não podemos deixar de enfrentar à compreensão das consequências deste determinismo sistêmico no campo ético e político.

O ato de subtrair ou acrescentar ao corpo, significantes tecnológicos como próteses ou componentes genéticos, estéticos ou eletrônicos, provoca, irremediavelmente, a ruptura das fronteiras simbólicas de nossas identidades, perturbando, assim, as relações e o vínculo social (NOVAES, 2005, p. 141).

Se, não só através da técnica, esse corpo se constitui, mas também pela e através da diferença estabelece marcas de distinção definidoras de sua materialidade, é provável que reconstrua sua subjetividade avançando pelos caminhos da performance, na busca pelo rendimento e superação. Talvez não nos tire a certeza, que devemos olhar para o corpo do atleta com deficiência física como aquele que promove um borramento de fronteiras. Recortado, maquínico e com deficiência, mas tecnológico, biológico e potencializado:

um corpo de significados e formas plurais que, interpelado por práticas discursivas, transita pelas fronteiras de seus limites.

1.5 Esporte Adaptado, superação e rendimento.

O avanço tecnológico vem possibilitando inegável evolução nos métodos e equipamentos de assistência e capacitação de lesionados medulares, e outros pacientes que utilizam como prótese a cadeira de rodas, oportunizando-lhes melhores condições de saúde e qualidade de vida.

O desenvolvimento dos processos de tratamento, conseqüentemente, indica perspectivas de uma vida mais independente e ativa àqueles com comprometimentos neurofisiológicos e sociais, especialmente, por que reconhecem a atividade física como importante agente de estimulação psicomotora, de reabilitação profissional e de ajuste sócio-educativo.

O esporte enquanto atividade física para pessoas com deficiência, se traduz como um dos vários benefícios que estão sendo, minimamente, aos poucos, conquistados em nosso país, muito mais pelo esforço de instituições e organizações não-governamentais, do que pelo direito que é assegurado a todos pela constituição Federal de 1988. O texto constitucional estabelece, em seu Capítulo III, Seção III, artigo 217, ser “dever de o Estado fomentar práticas desportivas formais e não-formais, como direito de cada um”, ou seja, pelo direito de cada cidadão escolher esta prática como forma de minimizar as limitações ou dificuldades impostas pela sua deficiência (ARAÚJO, 1998).

Conforme a Organização Mundial da Saúde, nos relatos de Marques, Moura e Castro e Garcia (1998), a atividade física para pessoas com deficiência se expressa em quatro dimensões, caracterizadas como competitiva, educativa, terapêutica e recreativa. Segundo esses autores, esta última dimensão não incorpora a necessária periodicidade dos processos, comprometendo, irreversivelmente, à exigência terapêutica na sistematização dos tratamentos.

Pensar os motivos que levam um homem ou uma mulher, com deficiência física, a se interessar pela prática da atividade física remete-nos a pensar, primeiramente, em seu aspecto terapêutico. Nesta dimensão, a atividade física atua no organismo submetendo-o a estímulos funcionais que provocam, através do esforço do treinamento, um aprimoramento das funções comprometidas pela lesão, possibilitando, com isso, a adaptação e o desenvolvimento do potencial remanescente do paciente.

Um estudo realizado em 1988 pelos médicos alemães Knobloch e Fritz, citados por Souza (1994), considera que a prática de atividades dinâmicas, realizadas por um grupo de pessoas com deficiência física usuárias da cadeira de rodas, ofereceu possibilidades de monitoramento das angústias e da agressividade desses pacientes, promovendo melhora significativa da auto-imagem e maior disposição para as rotinas diárias de vida.

Nas últimas décadas, alguns pesquisadores procuraram incluir elementos e metodologias da Educação Física, como o esporte, por exemplo, no processo de reabilitação de diversas afecções. Um exemplo clássico é a citada iniciativa do neurologista alemão Ludwig Guttmann que, no final da década de 40 do século passado, em um centro clínico na Inglaterra, investiu na prática desportiva do basquetebol como elemento importante no processo de reabilitação de pacientes sequelados da guerra.. Guttmann buscou no esporte não só o valor terapêutico, mas novas possibilidades de interação entre seus pacientes e, por isso, é considerado historicamente¹⁴ o precursor na utilização do esporte como método de reabilitação de pacientes com deficiência (ARAÚJO, 1998; COSTA e SOUSA, 2004).

O programa de esporte em cadeira de rodas, construído por Guttmann e sua equipe, teve grande repercussão no meio clínico e começou a ser utilizado em vários centros de reabilitação na Europa. Estas instituições, por sua vez, promoveram uma série de competições internacionais que originaram os primeiros jogos mundiais em cadeira de

¹⁴ A bibliografia existente e revisada por Araújo (1998), aponta que existem relatos da prática desportiva anterior ao programa de reabilitação do Dr. Guttmann, com registros que apontam as pessoas com deficiência auditiva entre os pioneiros no esporte adaptado, organizando por volta de 1870, nos Estados Unidos, eventos com equipes de beisebol e futebol para surdos.

rodas, predecessores dos jogos paraolímpicos¹⁵ (SOUZA, 1994; MANTOAN, 1997; ARAÚJO, 1998; COSTA e SOUSA, 2004).

É importante destacar que entendemos por reabilitação o período de tratamento intensivo ao qual é submetida uma pessoa após um acidente, que geralmente corresponde à busca de meios que levam o paciente a conviver com as limitações corporais e orgânicas causadas pela lesão. Estas orientações estão relacionadas com os cuidados pessoais para maximizar a independência pessoal, a autoconfiança física, psicológica e social, sua orientação sexual e, no caso dos grupos de esportes, a preparação para a transição entre ser doente e ser atleta. Nestes casos, de acordo com Souza (1994), o programa visa aumentar a predisposição do lesionado para níveis de rendimento mais elevado, melhorando seu domínio motor e a capacidade cardiovascular, possibilitando, com isso, maior tolerância ao medo e frustrações, assegurando a pessoa com deficiência vivenciar progressos e, sobretudo, conviver com suas dificuldades.

Oportunizar a continuidade do tratamento de reabilitação, e de prevenção contra doenças secundárias recorrentes¹⁶, através de programas assistenciais, é um dos objetivos dos clubes esportivos, associações e entidades que atendem a estes grupos. Estas instituições, na sua maioria, trabalham com atividades físicas compreendidas no universo paradesportivo, essencialmente, a partir de uma dimensão competitiva.

Vale ressaltar que nestes grupos, marcados pela limitação e diversidade, o esporte para pessoas com deficiência ou paradesporto, como é chamado, assume significados que, de certa forma, rompem com a perspectiva homogênea de esporte, resultado da padronização das formas e de uma estrutura vinculada aos valores dominantes da sociedade. Além disso, o fenômeno esportivo, a partir de uma perspectiva sociocultural e antropológica defendida por autores como Elias, Dunning e Bourdieu, entre outros

¹⁵ A primeira olimpíada para paraplégicos (Paralympics), aconteceu logo após a realização dos jogos olímpicos de Roma, em 1960 e caracterizou-se como o primeiro evento paradesportivo que contou com o apoio político e social de autoridades e personalidades do mundo esportivo (ARAÚJO, 1998).

¹⁶ Especialmente em pessoas com lesões medulares, mas não raramente em outros pacientes, existe a possibilidade de “alterações de ordem neurofisiológica e neurovegetativa” (Souza, 1994, p. 16), que provocam conseqüências funcionais no corpo dos atletas, tais como perda da sensibilidade, incontinência urinária e distúrbios do esfíncter retal, escaras de decúbito, até a incidência de osteoporose. Estas doenças secundárias devem ser prevenidas e controladas através de cuidados com a periodização e a dosagem das cargas de trabalho no programa de treinamento destes atletas.

citados por Stigger (2005), pode, e deve ser visto como prática social passível de ser apropriada de forma diferente em diversas realidades específicas.

Por tratar-se da adaptação de gestos e atividades, o esporte adaptado parece sugerir que uma ação padronizada deve passar por um processo de adequação de meios para ser executada, em decorrência da ausência ou do impedimento de serem usadas possibilidades convencionais. A adaptabilidade, neste caso, refere-se à modificação de um padrão de acesso e mobilidade, recriando-se um contexto com objetivos claramente terapêuticos, reeducativos e, nos casos investigados, especificamente, competitivos.

Desta forma o esporte adaptado cria uma dinâmica específica, não padronizada, para uma determinada atividade ou gesto motor, atuando a partir de limites codificados, através de classificações funcionais ou esportivas. Essas classificações são determinadas pelos órgãos internacionais responsáveis pelo esporte adaptado e direcionadas a uma determinada categoria ou classe, definida, na maioria das vezes, pelo grau de deficiência dos atletas (SOUZA, 1994; ARAÚJO, 1998; ABRADecAR, 2004).

No passado, todos os sistemas de classificação utilizados nos eventos esportivos para pessoas com deficiência eram baseados em modelos médicos, também chamados de modelos de abordagem clínica. Conforme Elisabeth de Mattos, diretora de classificação do Comitê Paraolímpico Brasileiro, esses modelos procuravam dividir os atletas em grupos de acordo com suas limitações ou deficiências, em relação à sua patologia de origem e tornaram-se obsoletos a partir do surgimento de um número excessivo de subgrupos ou classes, que em muitos casos provocava o cancelamento das provas por falta de competidores. Então, para solucionar os problemas existentes com os sistemas de classificação, o Comitê Olímpico Internacional propôs a criação de um método que pudesse avaliar e classificar os atletas em grupamentos, os mais semelhantes possíveis, quanto ao nível do comprometimento motor, de forma a assegurar um grau de competitividade dentro desse grupo (TOQUE A TOQUE, 2003).

As bases iniciais desse novo método, conforme Vieira (2005), foram propostas pelo alemão Host Strohkendel, professor de Educação Física e Ph.D. em Fisiologia que, com o auxílio de Bernard Coubariaux e Phill Craveh, ex-atletas com deficiência,

construiu um programa de avaliação denominado sistema de classificação funcional, que se fundamentou na capacidade motora residual do atleta com deficiência.

Atualmente a classificação funcional segue o método de Strohkendel e baseia-se no agrupamento dos atletas segundo seu potencial funcional remanescente em relação à modalidade a ser praticada. Dessa forma, um atleta pode ter uma classe “alta” em uma modalidade, possuindo poucas limitações para a prática deste esporte e, “baixa” em outra, significando que possui muitas limitações para uma outra prática determinada.

Cada modalidade paradesportiva possui seu próprio critério de classificação baseado na filosofia da normalização¹⁷ e adota diversas escalas de qualificação para agrupar os atletas participantes. O Basquete em Cadeira de Rodas, por exemplo, possui quatro classes diferentes com mais quatro grupos intermediários, totalizando oito grupos de atletas que deve combinar-se para participar de um jogo. Esta combinação deve fazer prevalecer uma regra: a soma das classes dos jogadores não deve exceder a catorze pontos em quadra.

No caso do atletismo existem oito classes separadas por grupos de deficiências, mantendo-se a filosofia principal do sistema de classificação que é agrupar todos aqueles atletas que têm potencial de movimentos aproximadamente semelhante. A evolução sistemática do atletismo adaptado, nas competições de pista e de campo, fez surgir mudanças importantes na classificação que provocaram modificações significativas nas formas de participação. Com a finalidade de detectar essas modificações, grupos de especialistas pesquisam exaustivamente esses atletas durante sua participação em competições mundiais com o objetivo de corrigir possíveis distorções ocorridas durante o processo de classificação funcional (VIEIRA, 2005).

¹⁷ Esta filosofia parte da premissa que todas as pessoas com deficiência têm direito de usufruir de condições de vida o mais comuns ou normais possíveis na comunidade onde vivem, devendo participar das mesmas atividades sociais, educacionais e recreativas freqüentadas por grupos de sua mesma idade. Este movimento originou a base de sustentação das políticas de Educação Especial em vários países. No Brasil esta filosofia domina não só o posicionamento teórico dos profissionais da área, como a política governamental de educação a nível nacional, estadual e municipal. (GLAT, 2004, p. 12-13).

Outras modalidades ainda passam pelos mesmos problemas, fazendo com que o sistema funcional que revolucionou o conceito de classificação esportiva na área do esporte adaptado, ainda esteja em processo de construção e evolução. Este sistema de classificação, de acordo com Mattos (2004), propõe a criação de escalas ordinais qualitativas, que visam agrupar atletas com possibilidades semelhantes de obter sucesso em uma modalidade. Contrapondo-se ao modelo clínico, o sistema funcional não se importa com os aspectos limitantes da deficiência e sim com as possibilidades da eficiência de cada atleta.

Neste ponto é importante dizer que, o esporte adaptado a que se refere essa dissertação está relacionado ao esporte de rendimento e, embora concordemos com a diversidade das práticas esportivas e sua adaptabilidade, não se pode negar a vinculação das instituições que os organizam com a lógica da sociedade industrial, onde prevalecem os ideais de produtividade, concorrência e técnica. Portanto, falar em rendimento, performance ou produtividade corporal, também faz parte do universo paradesportivo.

O domínio da técnica no paradesporto, assim como no esporte, incide na melhora do desempenho do atleta, em decorrência do controle e da funcionalidade corporal exercida, não para reduzir o esforço empregado, mas para aumentar o rendimento. “O instrumento técnico no esporte é o próprio corpo”, afirma Vaz (2001, p.92), garantindo que o corpo ao transformar-se em instrumento técnico, trata-se como a própria expressão da natureza dominada (*ibidem*).

Enquanto seres sociais que somos, nossa concepção de mundo e as identidades culturais assumidas são determinadas pelo lugar que ocupamos na cultura, da forma como os significados nos interpelam e a partir das representações que produzimos e que nos produzem. Ao reconhecermos nossa própria identidade a partir do outro, estabelecemos diferenças e semelhanças que nos separam, nos marcam, aproximando-nos uns dos outros, firmando nossa posição em um campo de disputa e tensão que caracteriza as relações de poder na sociedade (SILVA, 2000).

As expectativas geradas, a partir destas relações de poder, em torno de uma modalidade levam a determinados padrões de comportamento que irão, de certa forma, influenciar e, até mesmo, determinar a conduta daqueles que optam por sua prática.

Dessa forma, os atletas destacados em suas modalidades são significados como modelos a serem seguidos, verdadeiros ídolos e não mais como pacientes a serem tratados. O potencial desses atletas, as capacidades físicas como força, resistência, coordenação, o nível de treinamento e seu talento em relação às habilidades básicas da modalidade são, insistentemente, destacados pelos praticantes.

Uma característica marcante da prática esportiva, destacada por Silva e Rubio (2003), se traduz na busca intensa em atingir os melhores resultados dentro de uma competição, o que garante “um espaço de realização e de confirmação de competências pessoais e sociais numa sociedade que valoriza o sucesso, a ascensão e a vitória” (p.70-71). Estas autoras caracterizam o esporte a partir de uma perspectiva sociológica, identificando-o como fenômeno cultural que reproduz de forma intensa as relações sociais da sociedade capitalista. Conforme Stigger (2005), esta abordagem, recorrente em vários estudos da área, destaca categorias relacionadas com as idéias de rendimento e produtividade, estabelecendo vínculos com o contexto do trabalho industrial, cuja estrutura é um sistema de práticas onde o sucesso é identificado pela possibilidade dos trabalhadores e trabalhadoras superarem seus níveis de produtividade.

Dessa forma, ainda seguindo as análises de Stigger (2005, p.95), assim como no mundo da indústria e no esporte de rendimento, no universo paradesportivo os atletas “seriam vítimas de uma pressão normativa relacionadas a uma idéia de progresso comparável”. Possivelmente, uma idéia que se estabelece a partir da manutenção de um dos mais tradicionais valores do esporte, referido por Coubertin e lembrado por Silva e Rubio (2003) como sendo o espírito de superação.

Historicamente foi a partir da idade moderna, no momento em que algumas antigas certezas que velavam os limites e os territórios do universo e do corpo humano eram questionadas e contestadas, que surgiu a cultura da superação, um movimento de conquista sobre todos os obstáculos que como um ideal, garantia, em última instância, a utilidade e a própria existência do ser humano. No entanto, a necessidade da superação vinculada a qualidade e quantidade de produção e ao progresso individual só se estabeleceu a partir do desenvolvimento industrial. No século XIX, esse movimento, torna-se um meio para que o indivíduo busque superar-se em todos os segmentos da

sociedade, surgindo a figura de um homem que, no decorrer do século XX, passaria a ocupar a centralidade de um ideal de superação e performance, contemporaneamente reinventado pela sociedade da comunicação (SANT'ANNA, 2005, p.65-67).

Alguns autores afirmam que dificilmente homens e mulheres são capazes de superar marcas no esporte sem antes desenvolverem em si um desejo por desafios, um sentimento que, desvinculado de fatores extrínsecos, possibilita a transgressão de seus limites como uma afirmação da competência sobre si mesmo (TEVES, 2000; RUBIO, 2001; VAZ, 2005).

Elemento inerente do esporte, na perspectiva sociológica, a superação de marcas é uma ação emblemática também no paradesporto. Os níveis de motivação destes atletas atingem a plenitude na luta pela conquista do recorde, que só é atingido quando resulta da combinação simultânea de alguns importantes fatores físicos e psíquicos, amplamente sustentados pela técnica e tecnologia. Conhecer os limites do corpo, as possibilidades funcionais que o desafia para poder superá-los adiante, é importante característica naqueles que ambicionam a conquista de uma marca.

Dessa forma, a adaptação a demandas contínuas de trabalho, sempre e progressivamente, na direção de superar seus limites, faz do atleta com deficiência um exemplo de obstinação que, utiliza o desenvolvimento tecnológico na busca pela potencialização de seu corpo suprimido.

Vale ressaltar que os significados atribuídos às pessoas com deficiência, as marcas sociais que as interpelam desde o acidente, agem como desencadeadores de um espírito de superação que pode ser comparado ao dos atletas de alto rendimento que, para superarem os obstáculos que surgem no decorrer de sua jornada esportiva, utilizam-se de importantes instrumentos psicológicos. Como consequência, a motivação, o pensamento objetivo e a autoconfiança se fazem constantes no desafio da superação.

Talvez seja possível afirmar que o desejo de superação pode se estabelecer na pessoa com deficiência física desde antes de se tornar adepto a atividade motora adaptada, possibilitando-lhe desenvolver estratégias de sobrevivência e habilidades,

adaptando suas limitações às necessidades diárias a fim de combater e mesmo romper com diversas barreiras impostas pela deficiência.

Logo após o evento, que pode ser uma doença grave ou lesão por acidente, estas pessoas apresentam um quadro clínico de comprometimento no equilíbrio de sua estrutura psicológica, que torna freqüente a ocorrência de distúrbios depressivos. É imprescindível, neste momento, uma ação terapêutica com incidência psíquica, que desencadeie nos pacientes um processo de automotivação e controle das emoções possibilitando à manutenção de um estado de comportamento que favoreça, sobretudo, a continuidade do tratamento. Além disso, a pessoa com deficiência se depara com uma questão social que Souza (1994) refere como fatores de ordem estética e cultural, sendo estas caracterizadas como improdutivas, desvalorizadas e marginalizadas, sobrevivendo, por isso, às sombras da sociedade. Esses corpos demonizados são interpelados por significados, que agem construindo marcas e estabelecendo o drama pessoal que polariza negativamente o pensamento e o comportamento da pessoa com deficiência.

É possível concordar com Silva e Rúbio (2003), dizendo que a superação desses sujeitos, também se estabelece a partir de um conjunto de atitudes que possibilita a sustentação de uma vontade de agir, uma expectativa em relação à realização desse desejo e na própria ação que o viabiliza.

Dessa forma, essas pessoas de corpos diferentes, focados, sobretudo, em objetivos de sobrevivência, desenvolvem, a partir das relações de poder, ações produtivas que reconstruem seus sistemas simbólicos no sentido de compensar a interiorização das representações de incapacidade, invalidez e de outros significados que a sociedade lhes atribui.

E, nessa sociedade onde o valor do produto é exaltado e a exigência dos resultados determina e controla socialmente a rotina das pessoas, a aceitação de limites individuais é a maior prova de superação que um indivíduo pode proporcionar a si próprio. No caso dos atletas com deficiência, o conjunto de atitudes apontadas anteriormente por Silva e Rubio como desencadeadoras da superação, está sustentado por uma ação primeira, atravessada por sentidos e significados que traduzem manifestações de resistência e de ruptura em relação ao modelo social normalizador. Dessa maneira, é possível que esses

atletas, a partir da potencialização de seus corpos, estabeleçam a ação de superar-se duplamente, enfrentando além dos limites de sua materialidade, aqueles inerentes ao esporte de rendimento, e o fazem, talvez, na busca pela maior de todas as conquistas: a manutenção de sua dignidade.



Ilustração 1: Competição de esgrima na paraolimpíada de Sydney em 2000.



Ilustração 2: Maratona de Tóquio no Japão, 2001.

2 CAMINHOS INVESTIGATIVOS

2.1 Decisões Metodológicas

O ato de pesquisar é um ato de criação, algo que possibilita, através de decisões metodológicas, representar a realidade estudada de forma particular, que mostra a maneira de pensar, de sentir e interrogar do pesquisador. Optar por determinado referencial teórico, por determinados instrumentos de coleta e análise de informações, dentre tantos possíveis, se constituem na intencionalidade que assumo como sujeito que investiga um espaço social onde circulam representações, saberes e poderes. Deste lugar, e não de outro, trato de descrever e interpretar as representações e os significados que os atletas cadeirantes dão à seus corpos a partir de suas experiências cotidianas e, por isso, uma abordagem qualitativa de investigação parece-me a mais adequada.

Na investigação qualitativa, a fonte direta de captação dos dados é o ambiente, um lugar onde estivemos, por onde circulamos como investigadores, constituindo-nos como principal responsável pela coleta de informações, pois a imersão no campo de pesquisa permite-nos “partilhar da cultura investigada” (SANTOS, 2005, p. 8) estabelecendo aproximações, penetrando no mundo e na perspectiva dos colaboradores e de suas relações. Nessa abordagem investigativa as informações são recolhidas na forma escrita ou de imagens, considerando seus registros em toda a sua riqueza e, principalmente, na maneira como são transcritos. É uma investigação que enfatiza o processo muito mais que os resultados, onde o pesquisador busca compreender as estratégias, as relações, as atitudes e expectativas dos sujeitos nas situações contextualizadas pela delimitação da pesquisa. Após serem recolhidas, as informações vão se constituindo ao longo do processo de investigação em material de análise (BODGAN; BIKLEN, 1994).

Como uma forma específica de pesquisa qualitativa, e não a própria, a etnografia contém peculiaridades que a diferencia de outros métodos, especialmente por sua forte ênfase em explorar a natureza de um fenômeno social particular, investigado de forma detalhada. Esse método pressupõe uma análise de dados que envolvem a interpretação

explícita dos significados e das funções das ações humanas, onde o produto dessa investigação assume principalmente a forma de descrições e explicações verbais, reservando à quantificação e a análise estatística dos desempenhos, quando muito, um papel secundário (TRIVIÑOS, 1987; FLICK, 2004).

A origem da investigação etnográfica está nos estudos antropológicos sobre a vida e a cultura dos povos, período em que observadores viajavam até um país estrangeiro para estudar os costumes e os hábitos de outra sociedade e cultura. Por esse motivo Santos (*op. cit.*, p.9) “lembra das narrativas de viagens e as metáforas do colonizador como recorrentes na antropologia”. Esse mesmo autor ao traduzir Edward Bruner argumenta que “tanto o turista como o etnógrafo viajam para terras estrangeiras, residem lá temporariamente, observam pessoas nativas e retornam com relatos e histórias de suas observações” (*ibidem*, p.10). Inspirado na obra de Bruner e no clássico argumento de Geertz (1989)¹⁸ que descreve a investigação etnográfica como uma experiência de cartão postal, o autor aponta distinções substanciais no modo de atuar do etnógrafo e do turista. Os diferentes modos de olhar de ambos definem estratégias opostas de ação (*ibidem*, p.10-11). Para ele,

o modo de observar do turista é primariamente visual, dando-se através das lentes de uma câmera fotográfica. Sua percepção é muito seletiva, emoldurando o observado e descontextualizando o outro, além do equipamento funcionar como uma máscara para o turista, aumentando o distanciamento entre o observador e o observado. Já o etnógrafo pode levar anos descrevendo uma cena e, ao contrário do turista, o fato de estar lá é apenas o começo de um longo processo de tomar notas, analisar, escrever, revisar e apresentar (*ibidem*, p.11-12).

Convém salientar que os Estudos Culturais, cujos pressupostos teóricos são a base dessa dissertação, constituem-se em um campo de estudo, para o qual convergem diferentes saberes, tendo como principais características “sua abertura e versatilidade teórica, seu espírito reflexivo e, especialmente, a relevância de sua posição crítica” (JOHNSON, 1999, p.10), importantes para as circunstâncias sociais em que se desenvolvem. Por esta razão, utilizam metodologias plurais de trabalho, cuja prática investigativa, guiada e contextualizada pelas questões de pesquisa, não estabelece nada *a*

¹⁸ “(...) fazendo referência àquilo que trazemos de uma viagem, como recordação de um local em que efetivamente estivemos, por onde transitamos ou participamos de alguma peculiaridade daquele lugar” (SANTOS, 2005, p.10). Nesse caso, o investigador, por ter estado no campo de pesquisa, em terras estrangeiras, utiliza-se de cartões postais, fotografias, de objetos e roupas típicas, entre outras coisas, para descrever em outro lugar (*aqui*, na volta da viagem) a realidade *lá* observada.

priori e não segue, necessariamente, um modelo único de olhar o fenômeno estudado, permitindo assim, que o pesquisador trilhe o caminho que considerar mais adequado para a sua investigação.

Analisar como os sujeitos compreendem a si mesmos dentro da cultura e como o conhecimento acerca do social, do indivíduo e dos significados que estes compartilham em seus grupos específicos são produzidos nos diferentes momentos históricos, confere a essa perspectiva teórica um caráter testemunhal em relação as múltiplas ferramentas e possibilidades metodológicas que permitem ao investigador dar novos sentidos a investigação (JOHNSON, *op. cit.*; ESCOSTEGUY, 1999; GUARESCHI *et.al.*, 2003).

Considero, portanto, que uma investigação qualitativa de inspiração etnográfica se apresenta como a opção metodológica mais adequada à pesquisa, visto que o processo escolhido, estruturalmente aberto e flexível, admitiu possibilidades variadas de dialogar com os conceitos trabalhados no referencial teórico, confrontando-os com as informações obtidas, especificamente, a partir dos encontros com os colaboradores.

A escolha metodológica por um estudo do tipo etnográfico ou, melhor dizendo, por um estudo que incorpora estratégias de captação etnográfica, permitiu-me, então, costurar argumentos e reflexões, que tornaram possível a construção de um texto onde busco, através das análises realizadas, uma das possíveis formas de olhar o fenômeno estudado. Entendo os *significados atribuídos pelo atleta com deficiência a partir de sua relação com práticas tecnologicamente potencializadas* como um conhecimento construído no decorrer desse trabalho, que retrata um determinado momento histórico, provisório, não constituindo, portanto, uma única e indiscutível verdade.

Desta forma, no decorrer dos caminhos investigativos, amparado pelos Estudos Culturais e sócio-históricos sobre o corpo, procurei utilizar ferramentas que permitiram capturar informações acerca das rotinas esportivas dos atletas cadeirantes. Descrever, compreender, interpretar e explicar esses dados só foi possível através da apropriação de técnicas de coleta de dados, como a observação participante e o diário de campo, escolhidas para o processo investigativo. É importante ressaltar ainda, a partir dos argumentos de Molina Neto (2002), que a capacidade de escuta do investigador, no sentido de sua atenção e das possibilidades de comunicação e de interação com os

colaboradores, destaca-se como um procedimento metodológico significativo na realização da pesquisa.

Talvez a mais importante ferramenta de coleta de dados em uma pesquisa do tipo etnográfico, a observação participante consiste na participação real e efetiva do pesquisador em busca de conhecimentos sobre a vida na comunidade (GIL, 1999), permitindo-lhe a inserção no mundo dos sujeitos investigados, possibilitando-lhe compreender o que fazem e de que forma se comportam em situações do cotidiano.

Flick (2004, p. 152-153) garante que a observação participante deve ser entendida como um processo a partir de dois aspectos importantes. Inicialmente, o pesquisador deve, cada vez mais, atuar como participante e ganhar acesso ao campo e às pessoas. A observação, neste momento inicial, assume a função de fornecer ao pesquisador uma orientação em relação ao campo de estudo de caráter introdutório, oferecendo descrições generalistas que possibilitam um enfrentamento com a complexidade do campo, encaminhando-o, na medida do possível, à apreensão das questões que nortearão o trabalho. Em seguida, a observação inicia um processo que a torna mais concreta e concentrada nos aspectos essenciais da investigação. A partir desse momento aponta para uma perspectiva observacional que restringe progressivamente aqueles processos e problemas de maior relevância para a questão da pesquisa, concentrando-se, até certo ponto, em encontrar mais evidências e exemplos compatíveis com o foco em questão. Essas considerações remetem à necessidade do investigador em delimitar, se possível desde o início da investigação, o que vai ser observado a fim de objetivar o processo de coleta de informações.

De certa forma, desde início do trabalho, da construção do projeto de pesquisa até sua efetiva realização, passando pelo período de qualificação e aprimoramento teórico, o estudo elegeu como objeto de investigação o corpo do atleta com deficiência física usuário da cadeira de rodas. Esse procedimento favoreceu o enfrentamento inicial com o campo da pesquisa, possibilitando certa fluidez no processo de construção das questões que hoje sustentam a investigação.

Molina Neto (1999, p.126) destaca a observação participante como uma técnica de grande complexidade em seu entendimento, desenvolvimento e uso, pois se baseia no

pressuposto reflexivo entre as subjetividades do investigador e de seus colaboradores, especialmente, por lidar com as falas, os sentimentos e as relações de poder que se estabelecem no grupo investigado. Por outro lado o processo de implicação pessoal no campo de pesquisa, acarretando certo grau de envolvimento com os sujeitos da pesquisa, pode desencadear uma perigosa aproximação, por parte do investigador, com questões que comprometam as análises das observações. O objetivo do investigador não é ser considerado um igual no grupo pesquisado, correndo o risco de tornar-se um nativo, mas ser aceito no grupo para que possa realizar a observação e o registro dos acontecimentos, tendo o cuidado de não emitir juízo de valor na elaboração da descrição do fenômeno estudado (GEERTZ, 2001). Esta forma de atuar, de acordo com o argumento de Negrine (1999), pressupõe a não participação do pesquisador nos acontecimentos, limitando-o apenas a observá-los e registrá-los no momento em que ocorrem. Nesse caso, mesmo sabendo da impossibilidade de neutralidade do pesquisador, sua função imprescindível será coletar os dados sem interferir diretamente nas ações empreendidas pelos colaboradores.

No entanto, assim como percebeu Santos (2005, p.14) em seu trabalho, minha presença nos grupos observados “não se limitava apenas a chegar, olhar, anotar, sair, retornar... Antes ela pressupunha uma permanência mais prolongada (o que envolvia mais do que ir até lá para coletar informações)” e requeria minha participação. O fato de participar publicamente da vida diária das pessoas por um prolongado tempo, observando o que acontece, escutando o que é dito, fazendo perguntas, posiciona o investigador, ao mesmo tempo, como visitante e intruso, um estrategista que depura suas relações no grupo investigado tentando garantir fidelidade a descrição do fato observado, mesmo que muitas vezes lhe fuja esta certeza. A vivência com os sujeitos da pesquisa, atravessada por significados e permeada de trocas simbólicas, permitiu constatar que seus corpos, longe de um silêncio aparente, muitas vezes, falaram mais que seus próprios depoimentos.

Para Uwe Flick (*op. cit.*, p.160), na pesquisa qualitativa com características etnográficas as discussões metodológicas concentram-se mais nas questões que dizem respeito ao modo de relatar as descobertas em um campo, e menos nos métodos de coleta e interpretação de dados. No entanto, as estratégias metodológicas aplicadas nos campos

de estudo baseiam-se ainda muito na observação do que está acontecendo no campo através da participação neste. As entrevistas e as análises de documentos integram-se a esse tipo de plano de pesquisa como práticas recorrentes, mas, no caso dessa pesquisa, não assumiram papel relevante.

De certa forma, enfrentei um problema específico na coleta de dados que consistiu em determinar como organizar as conversas que surgiram no campo em entrevistas nas quais o desdobramento das falas encontrassem certo alinhamento com o assunto pesquisado. De acordo com Flick, (*op. cit.*, p.105) as oportunidades para uma entrevista geralmente surgem espontânea e surpreendentemente a partir de contatos regulares no campo. É melhor pensar nas entrevistas etnográficas como uma série de conversas cordiais na qual o pesquisador introduz novos elementos lentamente para auxiliar informantes a responderem como informantes.

Desta maneira desconsidereei a formalidade da entrevista semi-estruturada como principal instrumento de captação de informações, sobretudo por que optei pela gravação de conversas durante as rotinas de treinos e competições desses sujeitos, colhendo depoimentos, muitas vezes, sob a forma de narrativas¹⁹. Houve uma certa intencionalidade, de minha parte, na geração e no desencadear das conversas, que na sua maioria aconteceram em decorrência de aspectos ligados ao cotidiano dos atletas, nas rotinas que antecederam as competições e, na sala de musculação do Clube Gaúcho de Desporto em Cadeira de Rodas²⁰, quando se reuniam após o término de um evento. Esses registros, além de proporcionar um acervo significativo de informações à pesquisa, possibilitaram-me desconsiderar a necessidade em realizar entrevistas formais com os colaboradores.

Os registros das observações realizadas nos treinos e competições, a maneira como via suas queixas, suas dores, como escutava suas vozes, além de situações informais como conversas nas sedes das instituições, foram elementos que deram corpo

¹⁹ De acordo com Flick (2004), pede-se ao colaborador que apresente, em uma narrativa improvisada a história de uma área de interesse da pesquisa, onde o pesquisador inicia o processo utilizando uma questão gerativa narrativa.

²⁰ Por conveniência, ao me referir a instituição *Clube Gaúcho de Desporto em Cadeira de Rodas* a partir desse ponto do trabalho e sempre que achar necessário utilizarei, em maiúsculo, o termo CLUBE.

ao diário de campo, documento que se tornou o principal instrumento de captação daquilo que me foi possível perceber. A partir daí informações por vezes fragmentadas, bricoladas, foram articulando-se até formarem um texto, uma narrativa. Uma história contada a partir daquilo que, “com meus olhos de aprendiz-pesquisador” (SANTOS, 2005, p.14), passei a olhar como importante e que constituí como relevante para o trabalho. Vale ressaltar que toda a descrição é, sempre, a descrição de quem escreve (GEERTZ, 1988), e não a de quem é descrito. A ação de descrever, qualquer que seja o investigador, faz com que ele nunca se ausente do seu texto e das descrições que dele se permite fazer (CALDEIRA, 1988), o que garante o fato de que sua presença no lugar dos acontecimentos e das falas, observando e registrando os acontecimentos, o autoriza a falar em nome do outro, interpretar seus argumentos.

Como o objetivo desse estudo era tentar compreender os significados que atravessam o corpo dos atletas com deficiência física, que utilizam como prótese a cadeira de rodas, tornou-se preliminar para o trabalho a definição de um importante requisito que veio desencadear o processo de escolha do grupo de colaboradores. Isto ocorreu a partir de um episódio que foi decisivo para a definição do perfil dos colaboradores.

Aconteceu em uma tarde de quarta-feira, dia 22 de setembro de 2004, quando assisti a uma palestra em uma faculdade de Educação Física na região metropolitana de Porto Alegre. O palestrante é um corredor cadeirante de grande prestígio na área paradesportiva, que desenvolve um trabalho de divulgação do esporte adaptado, visitando as instituições de ensino superior e abordando temas relacionados a deficiência, a exclusão, a representação do corpo com deficiência física, entre outros temas recorrentes. *Jorge*²¹ entrou no auditório com sua prótese de auxílio de vida diário e logo fez um comentário sobre os problemas causados pela dificuldade de acesso ao local da palestra, provocando risos na platéia formada por estudantes do segundo semestre quando disse ter esquecido seu equipamento de tele-transporte. O palestrante fez questão de destacar, que na sua maneira de ver as coisas, a única e evidente diferença entre ele e as pessoas da platéia era em relação à mobilidade. Logo em seguida disse que a aventura que

²¹ Utilizo, aqui e em todos os outros relatos, nomes fictícios a fim de preservar a identidade dos colaboradores da pesquisa.

empreendeu para chegar até o auditório foi muito interessante, o que lhe causou certo cansaço. Pediu água. Com a garrafa e o copo sobre as pernas, avançou com a cadeira o mais próximo que pode da platéia e, num gesto rápido e premeditado, amassou o copo de plástico tendo o cuidado de não quebrá-lo. Então, o cadeirante serviu a água no copo amassado e a bebeu. Tornou a servir e a beber até saciar sua sede, e num ato provocativo questionou a todos: *“pessoal, sob o ponto de vista da sede, algum de vocês poderia me dizer qual a diferença entre os dois copos?”*. Jorge não esperou por respostas. Imediatamente autorizou a entrada no auditório de uma outra cadeira de rodas. Era muito diferente; tinha três rodas muito finas que lembravam as do ciclismo de velocidade, era extremamente mais leve do que aquela que estava “usando”; no lugar do apoio para as pernas, cintas elásticas que as deixavam suspensas, estrutura tubular feita de metal nobre, enfim um equipamento que apresentava certo requinte tecnológico. Num movimento ginástico, Jorge troca de cadeira e diz: *“Pronto..., me transformei! Agora sou um atleta, não um deficiente. Já faz algum tempo isso..., a partir deste equipamento me tornei conhecido, não como um aleijado e sim como um corredor cadeirante. Meus resultados são admirados por todos. Sou uma espécie de ídolo deles, já fui referência nacional como corredor cadeirante, e isto não é pouco”*. Jorge descreve minuciosamente a cadeira de rodas “de corrida”, apresentando detalhes tecnológicos e mecanismos que a distingue, especialmente, daquela que estava utilizando. *“Observem as diferenças entre elas; a cadeira de rodas para corrida é bem diferente da comum. Nós usamos um termo que é ‘vestir a cadeira’. Ela tem que responder não só ao estímulo da mão ou do tronco, mas a qualquer outro estímulo que você der! Ela fica extremamente justa, você não pode engordar, pois é feita sob medida. Nas curvas abertas você joga o corpo para trás e levanta a dianteira, já nas curvas fechadas usamos o volante. Com essa cadeira aí eu mando ver com toda a segurança. Já consegui alcançar uma velocidade de 83 km/h na descida da ponte que liga Vitória a Vila Velha (ES). O equipamento de segurança também é muito importante. Essa cadeira custa U\$ 4 mil dólares nos Estados Unidos e quando chega aqui no Brasil vai para U\$ 8.500,00 dólares em virtude das taxas de aduana e transporte aéreo. Ainda não existe nenhuma empresa que desenvolva um equipamento desses. Nenhuma grande empresa quis desenvolver, pois um protótipo custa muito. E a visão do empresariado é imediatista, aí não tem como! Só para vocês terem uma idéia a primeira cadeira de corrida que tive pesava 37 quilos, esta aqui pesa*

4,7 quilos e já tem material mais leve no mercado mundial, infelizmente no Brasil é assim, os caras do dinheiro não olham para um esporte de aleijados”, desabafa o atleta cadeirante. Em seguida recompõem-se, pede desculpa pelo tom de indignação e continua sua palestra. “Na cadeira comum, a prótese de auxílio de vida diário, sou um deficiente, mas nessa cadeira as pessoas me vêem de outro jeito”, diz o palestrante. E completa: “o sujeito é atleta antes de ser deficiente”. Jorge continua com sua palestra falando do esporte adaptado e das oportunidades oferecidas às pessoas com deficiência em relação às aulas de educação física, enfatizando a necessidade de se trabalhar a inclusão da criança com deficiência, especialmente, na Educação Física escolar. Encerra sua fala agradecendo a oportunidade do convite e despede-se dos ouvintes deixando um conselho. “Se não podes fazer tudo (para atenuar os problemas da exclusão), então, que faças tudo que puder (a sua parte)”, diz o cadeirante encerrando os trabalhos.

A partir deste acontecimento, seduzido pela ação tecnológica, minha intenção foi trabalhar com a perspectiva que trata o aditamento tecnológico como elemento transformador e potencializador do corpo com deficiência. Em decorrência disso, considerei como principal critério de inclusão na pesquisa atletas que utilizam, durante as práticas corporais, próteses de performance, ou seja, os usuários de uma cadeira de rodas especialmente construída e adaptada para a prática de determinada modalidade esportiva. Considerei, também, aqueles atletas com deficiência física usuários de outras próteses, mas que incorporam a cadeira de performance nos momentos da prática do paradesporto. Dessa forma a escolha por atletas que utilizam próteses performáticas, com adaptações tecnológicas sofisticadas tornou-se fundamental para os rumos da pesquisa.

A opção por esse perfil de atleta cadeirante possibilitou aproximar-me de três modalidades paradesportivas, praticadas na região metropolitana de Porto Alegre: a corrida de rua, a esgrima e o basquete em cadeira de rodas. Entretanto, a partir desse critério ficaram de fora da pesquisa atletas praticantes do tênis de mesa, do tiro olímpico e do halterofilismo, modalidades consideradas pelos cadeirantes como portais de entrada no paradesporto, justamente por não solicitarem do iniciante uma prótese de performance.

Após o processo de escolha e delimitação do perfil do grupo de colaboradores da pesquisa, foi necessário definir o local onde o estudo seria desenvolvido. Nesse período de delineamento do trabalho de campo, visitei uma exposição itinerante de fotos, realizada pelo Clube Gaúcho de Desporto em Cadeira de Rodas, em um shopping center da cidade, que tinha como objetivo informar a população sobre algumas características do movimento paraolímpico²², divulgando as modalidades paradesportivas desenvolvidas por esta instituição. Nessa oportunidade mantive contato com o presidente do CLUBE, Sr. Luiz Fernando Jardim, que destacou o trabalho realizado pela entidade, formalizando-me um convite para participar da próxima reunião de sua diretoria, ocasião onde iriam tratar de assuntos pertinentes a um grande evento paradesportivo que seria realizado na cidade de Porto Alegre.

Dias depois, nessa reunião ficou definido que o CLUBE, juntamente com a Associação dos Servidores da Área de Segurança, Portadores de Deficiências do Estado do Rio Grande do Sul (ASASEPODE), seriam responsáveis pela organização da III etapa dos Jogos Abertos Paraolímpicos do Brasil. Os Jogos Abertos Paraolímpicos do Brasil constituem um evento paradesportivo de nível nacional, com seis etapas regionais, chancelado pela Associação Brasileira de Desporto em Cadeira de Rodas (ABRADECAR) e pela Associação Nacional de Desporto para Deficientes (ANDE), entidades filiadas ao Comitê Paraolímpico Brasileiro. Ao final da reunião, aproveitei a ocasião para apresentar a proposta de pesquisa que foi prontamente aceita sob uma condição: minha participação na organização daquele evento.

Participar na organização da III etapa dos Jogos Abertos Paraolímpicos foi fundamental para a realização da pesquisa. Através desse evento pude conhecer, entre os participantes da competição, algumas instituições que trabalham com o paradesporto na cidade de Porto Alegre e assim, constituir o universo de minha investigação. Naquele momento da pesquisa, minha preocupação além de auxiliar na organização da competição, era definir os lugares onde teria possibilidade de acessar o grupo de colaboradores. Oportunamente durante o período de estruturação e planejamento do

²² Considera-se *movimento paraolímpico* como o período histórico de efetiva participação das equipes paradesportivas brasileiras em eventos nacionais e internacionais, possibilitando ações que desencadearam o encaminhamento de políticas públicas de fomento ao paradesporto nacional (Comitê Paraolímpico Brasileiro, disponível em www.cpb.org.br/movimento/integra.asp, acesso em 12 de maio de 2006).

evento, conheci a sede da Associação dos Servidores da Área de Segurança, Portadores de Deficiências do Estado do Rio Grande do Sul (ASASEPODE), local onde foram realizadas as competições de Tiro Paraolímpico e onde também eram feitos diariamente boletins com os resultados parciais do evento. Esta instituição, fundada em 7 de abril de 2000, empenha-se em proporcionar a seus associados oportunidades de integração social, trabalhando a auto-estima e o resgate da dignidade de seu grupo, através da promoção de eventos culturais e competições de tiro e tênis de mesa, modalidades paradesportivas oferecidas pela associação. Nessa instituição conheci os esgrimistas em cadeira de rodas que vieram a se tornar colaboradores de meu estudo. Iniciados no paradesporto através da modalidade de tiro paraolímpico, estes atletas receberam convite para participar de uma oficina de prática da esgrima, oferecida pela Federação Gaúcha de Pentatlo Moderno. A adaptação e o envolvimento com o novo esporte se deram de forma tão avassaladora, que esses atletas integraram a seleção brasileira de esgrima adaptada por ocasião dos últimos Jogos Mundiais realizados na cidade do Rio de Janeiro, em setembro de 2005. Além dos corredores do CLUBE, que antecipadamente concordaram em participar desse estudo, o RS Paradesporto, entidade fundada a partir da extinta ARPA (Associação Riograndense de Paraplégicos e Amputados) prontamente atendeu a meu convite, concordando em participar da pesquisa e autorizando-me a observar seus treinos. Essa instituição promove a prática do basquetebol em cadeira de rodas, organizando e participando de eventos, possibilitando aos atletas a reabilitação e integração social através dos benefícios consagrados da prática esportiva. Assim os atletas do basquete no RS Paradesporto, os esgrimistas da ASASEPODE²³ e os corredores do CLUBE, por fim, constituíram o grupo de colaboradores desse estudo. De certa forma, foi a partir do momento em que assumi atribuições na organização deste evento paradesportivo, que considerei iniciado meu trabalho de campo.

²³ A partir desse ponto, no trabalho, utilizarei a sigla ASASEPODE para designar a Associação dos Servidores da Área de Segurança, Portadores de Deficiências do Estado do Rio Grande do Sul.



Ilustração 3: Basquete em cadeira de rodas.

2.2 A Pesquisa de Campo

O trabalho de investigar os corpos de atletas com deficiência física a partir de sua relação com as próteses de performance, levou-me a definir uma estratégia de coleta de informações que se sustentou no acompanhamento dos atletas nas rotinas de preparação, treinamento e nos períodos que sucederam algumas importantes competições. A partir de um contato com as coordenações técnicas destas instituições formalizei a sistematização da pesquisa e tomei conhecimento do calendário de eventos previsto para o ano de 2005. Entre dezembro de 2004 e outubro de 2005, foram feitas observações e gravados depoimentos durante alguns encontros em eventos eleitos, pelos cadeirantes e seus técnicos, como os mais significativos de cada modalidade. Nesse período foram coletadas informações em competições locais e regionais da equipe do RS Paradesporto de Basquete em Cadeira de Rodas, em algumas corridas de rua que fazem parte do calendário do Clube de Corredores de Porto Alegre e em uma etapa do Circuito Brasil Paraolímpico Loterias/CAIXA, de Atletismo e Natação. Também foram capturadas informações na fase de treinamento dos atletas do CLUBE e da ASASEPODE que

participaram de etapas, na região Sul, dos Jogos Abertos Paraolímpicos Brasileiros e dos Jogos Paradesportivos Regionais e também no período de preparação para os Jogos Mundiais em Cadeira de Rodas e Amputados, realizados na cidade do Rio de Janeiro.

Em todos estes eventos procurei registrar as falas e os acontecimentos através de um modo particular de vê-los, amparado em uma perspectiva teórica vinculada aos Estudos Culturais e Sócio-históricos do corpo, em um tempo e espaço definidos, focado em tentar responder *quais significados se atribui o atleta com deficiência a partir de sua relação com a tecnologia, durante a performance esportiva*. Não menos importantes, outras questões se desdobraram instigando-me a tentar entender *quais os efeitos produzidos em seus corpos e suas subjetividades a partir do uso da prótese de performance* e também, *como se dá a potencialização em seus corpos e o que são práticas tecnologicamente potencializadas..*

Através das observações procurei construir relatos acerca das ações que, a partir do campo teórico estudado, percebi como mais importantes, buscando na descrição dos episódios dar sentido a cada acontecimento.

O primeiro evento que acompanhei foi a III etapa dos Jogos Abertos Paraolímpicos do Brasil, realizado entre os dias dois e cinco de dezembro de 2004, na cidade de Porto Alegre, onde tive a oportunidade de participar efetivamente desde o planejamento dos jogos até seu encerramento. Participaram do evento cento e trinta e cinco atletas de dezessete entidades da região Sul, competindo nas modalidades de Atletismo, Halterofilismo, Tênis de Mesa, Tiro Paraolímpico e Natação. Como relatado anteriormente aceitei o convite para ajudar na organização do evento, e então, como Coordenador Técnico pude transitar pelos locais das competições respeitando as atribuições que a função me impunha, mas procurando observar mais atentamente, como pesquisador, as provas de Atletismo, a única entre as modalidades do evento que solicitava dos atletas o uso de próteses de performance. Cada instituição trouxe a Porto Alegre uma representação formada pelo chefe de delegação, o técnico, os atletas e, dependendo da quantidade de participantes, contava ainda com um médico/fisioterapeuta

e os voluntários de apoio, também chamados, carinhosamente, de “staff ou estafetas”²⁴. Não fazia idéia da importância desses voluntários para a realização de um evento paradesportivo, pois a eles cabe a responsabilidade do transporte e manutenção do material da delegação. Encarregam-se das malas, bolsas e equipamentos de uso comum, dos aparelhos de competição às próteses de performance e, quando necessário, auxiliam os cadeirantes em seus deslocamentos. A relação que estabelecem com os atletas cadeirantes é de respeito e cooperação com certo grau de profissionalismo, mas para isso seguem regras de convivência importantes obedecidas por todos. Descrevo a seguir algumas regras que me foram passadas por um deles:

“A regra número um para quem quer ajudar é tratá-los como as outras pessoas. Não ajudamos ou empurramos alguém na rua, a menos que nos peçam. Não saímos por aí tocando nas pessoas, a gente tem que ter respeito”.

“Agarrar pelo braço pessoas com muletas, segurar um aparelho ortopédico ou uma cadeira de rodas, de repente, é uma agressão à pessoa, como agarrar qualquer parte do corpo de uma pessoa comum sem aviso, nunca faça isso”.

“Não pense que todos os problemas do atleta cadeirante têm a ver com sua deficiência. Eles são como qualquer ser humano, tem qualidades e defeitos,... e se o cara não tiver num dia bom?”.

“Fique ligado, pois o cadeirante não pode resolver todos os problemas sozinho, mas ele sempre vai tentar,... por isso nosso trabalho é importante”.

²⁴ O termo *staff* conforme Aurélio de Holanda (2002) significa grupo qualificado de pessoas que assistem a um chefe, a um dirigente, em organizações governamentais ou privadas. Já o termo *estafeta* quer dizer entregador de cartas, telegrama; atleta que participa de prova de revezamento. Desta forma depreende-se certa adequação dos termos à função do voluntário de apoio. Utilizarei estes dois termos, alternadamente, durante o trabalho.



Ilustração 4: Largada de uma prova de corrida de pista.

Foi na função de “estafeta” que consegui capturar informações importantes para a pesquisa. Na verdade – fui me dando conta disso vivendo e experimentando as situações neste tipo de evento – a função de Coordenador Técnico foi importante, especialmente, nos momentos que antecederam a competição, no período de planejamento do evento, nos contatos em busca dos locais adequados, dos equipamentos necessários à realização das provas, enfim na estruturação dos aspectos técnicos imprescindíveis à operacionalização do evento. Logo após o início dos jogos, indiferente a minha condição de coordenador/organizador do evento, me transformei em staff, procurando ajudar em todas as situações inerentes as condições da competição. Como tal pude observar a preparação dos atletas e dos equipamentos nas provas de pista do Atletismo, por exemplo.

Em um vestiário, antes de uma prova de velocidade, presenciei o procedimento da troca de cadeiras. Os atletas observados cumpriram uma rotina que se iniciava com a troca de roupa, vestindo suas camisetas e malhas antes de incorporarem a prótese de corrida. No momento da passagem, de uma prótese à outra, utilizaram o apoio de muletas e dos bancos do vestiário, não solicitando a ajuda dos recrutas. Conforme relato de um deles, este procedimento é realizado de forma autônoma pelos atletas que, dificilmente,

aceitam ajuda, além disso, existem alguns vestiários adaptados que oferecem barras metálicas fixadas às paredes facilitando essa operação. Não existia conversa entre os atletas que, por instantes, assumiam seus silêncios, em uma ação contemplativa diante das próteses como uma espécie de ritual de passagem. Percebi também que ficaram de certa forma, mais concentrados após “vestirem” as cadeiras de performance. Terminado a sessão de alongamento de braços e tronco, saíram para a pista de corridas, já com seus capacetes, emitindo palavras de ordem, gritos e sons carregados de emoção.

Durante a prova observo seis paratletas ritmados freneticamente pelos movimentos que impulsionam seus corpos, suas cadeiras. A postura aerodinâmica dos cadeirantes lembra a dos ciclistas de velocidade, com o tronco inclinado à frente na tentativa de reduzir os efeitos da resistência do ar. Na ação dos braços, a tocada firme despejando potência traz à memória o movimento circular dos mancais das antigas locomotivas a vapor. “*Parecem aranhas*”, comenta um técnico, ao vê-los ainda agrupados fazerem a primeira curva no percurso. A prova de velocidade exige concentração, técnica e explosão muscular em todos os momentos da corrida, onde cada detalhe na tocada, na posição do atleta é importante. A expressão de um staff no final da prova caracterizou o clima do evento: “*nessa ninguém perdeu..., já chegam aqui vencedores, né!*”, disse o jovem. O encerramento do evento aconteceu com a premiação dos participantes em um jantar promovido pela organização.

A segunda experiência no campo de pesquisa aconteceu, em vinte e oito de fevereiro de 2005, logo após um período de férias, quando a equipe do RS Paradesporto voltou às atividades e iniciou sua pré-temporada, visando à preparação para os diversos compromissos que teria pela frente. Por ocasião dos Jogos Abertos Paraolímpicos, conversei com alguns atletas dessa equipe de basquete sobre o trabalho que realizava com os cadeirantes, obtendo permissão para observá-los. Remanescente da Associação Riograndense de Paralíticos e Amputados (ARPA), entidade pioneira no paradesporto gaúcho fundada em 1968 e desde 1977 apoiando o basquete em cadeira de rodas, o RS Paradesporto tornou-se o primeiro clube gaúcho filiado a Confederação Brasileira de Basquete em Cadeira de Rodas a participar do campeonato brasileiro da modalidade. Como instituição voltada, exclusivamente, para a prática do basquete em cadeira de rodas, o RS Paradesporto tem como principal objetivo social divulgar o acesso às pessoas

com deficiência à prática do basquete em cadeira de rodas como facilitador na construção de um futuro, para essas pessoas, com melhores expectativas e de maior integração na sociedade. O RS Paradesporto realiza seus treinos no ginásio Osmar Fortes Barcellos, o “Tesourinha”. Administrado pela Secretaria Municipal de Esportes de Porto Alegre, o ginásio Tesourinha é cedido duas vezes por semana, no período das doze às quatorze horas para o treino da equipe do RS Paradesporto. O local dispõe de uma sala reservada onde são guardadas as cadeiras de basquete, além de peças de reposição, pneus, aros e algumas ferramentas, equipamentos organizados para facilitar o trabalho dos atletas. Neste dia o grupo se reuniu para colocar os assuntos em dia, conversando sobre as rotinas de treino, a agenda de eventos prevista para o mês de março e, aproveitaram para um bate bola despretensioso. Saí do treino antes de seu encerramento, mas a tempo de ouvir algumas falas significativas: “*que ferrugem brava, héin meu, vai tomar um banho de óleo, cara*”, “*a noite está te matando, parceiro, para com os fandangos*”.

Durante o mês de março de 2005, observei alguns treinos do RS Paradesporto, durante o período de preparação para duas competições, que fizeram parte do calendário da Liga Sul 2005, realizadas nas cidades de Santana do Livramento, no interior do estado e Joinville, no norte catarinense. Os treinos na pré-temporada caracterizaram-se por um período de intensa atividade onde os atletas trabalharam com ênfase no condicionamento físico. Desta forma após rotineiras sessões de alongamento, os treinos se repetiam entre os exercícios de corridas e deslocamentos e um trabalho de reforço muscular realizado com alguns halteres e uma mesa de supino, cedidos pela Secretaria de Esportes. Em alguns momentos do treino eram utilizadas cadeiras de performance antigas, mais pesadas que as atuais, para que os atletas trabalhassem com sobrepeso. Corridas de revezamento, com os atletas sustentando anilhas de dez quilos; corridas partindo da posição deitado (como tivessem sofrido uma queda), diversas formas de slalon (corrida em zig e zag), piques de dez metros, de um garrafão a outro, usando todo o comprimento da quadra de basquete, foram algumas das várias atividades observadas que desenvolveram, especialmente, a parte aeróbica dos atletas e a força muscular dos braços e troncos. Impressionou-me a determinação, a disciplina e a pontualidade dos atletas observados, pois todos estavam sempre antes do horário previsto para o treino. Perguntei ao Lucas, atleta e técnico do grupo, como se dava o deslocamento até o ginásio. “*Temos colegas que saem de casa às nove da manhã, mas normalmente o pessoal leva em torno*

de duas horas e meia para chegar até o ginásio, a maioria mora perto”, disse ele. Os atrasos, quando aconteciam, eram do pesquisador. Por várias vezes fui motivo de brincadeiras por parte dos atletas quando me viam entrar no ginásio com o treino em andamento. “Na verdade a gente não esquenta mais a cabeça com os problemas de acesso”, afirmou Lucas. “Aceitar a limitação é a primeira lição do cadeirante”, e completou: “pelo basquete fazemos qualquer coisa”.

A partir da terceira semana do período de preparação, no dia dezesseis de março de 2005, a equipe começou a trabalhar com bola tornando, na perspectiva do pesquisador, os treinos mais dinâmicos. Em um desses treinos com bola, presenciei uma atividade bastante interessante. Era uma espécie de jogo de passes onde cinco cadeirantes eram desafiados a fazerem dez passes entre si, enquanto quatro rapazes andantes, sem deficiência, tentavam impedi-los. Toda a vez que os rapazes andantes interceptavam os passes o jogo/desafio recomeçava. A atividade provocou intensa movimentação e grande dificuldade aos cadeirantes que não conseguiram realizar os dez passes, objetivo do jogo. Depois do treino soube que aqueles jovens faziam parte de uma equipe infanto-juvenil de basquete e já haviam participado desse jogo/desafio em outros treinamentos. O fato mais importante, e por isso comemorado pelo grupo, foi que o número de passes concluídos pelos cadeirantes foi superior ao do último encontro entre eles. Outra situação chamou-me a atenção neste dia. Durante o jogo dos passes, um cadeirante teve sua cadeira avariada após um choque com um companheiro perdendo a quinta roda. O “anti-tip”, termo utilizado para identificar este dispositivo, é um pequeno rodado de silicone colocado na parte de trás da cadeira para dar estabilidade durante os movimentos, impedindo, sobretudo, sua inclinação para trás. Como não tinha outro equipamento a sua disposição, *Nelson* continuou trabalhando daquela forma. Pelo menos, tentou. O atleta, a partir daí, não conseguiu mais a mesma desenvoltura no treino e as quedas tornaram-se inevitáveis a cada tentativa de receber os passes lançados atrás da linha de sua cabeça. Logo foi aconselhado a parar e tentar ajustar seu equipamento. Sem disfarçar sua decepção com o ocorrido, *Nelson* dirigiu-se a sala/oficina do RS Paradesporto em busca de uma solução para o seu problema e sugeri acompanhá-lo sob o pretexto de que gostaria de conhecer o local. Na sala um espaço, uma espécie de estacionamento para as cadeiras de performance destaca-se logo na entrada à direita. Um baú com sobras de equipamento, como garfos, pedais, pedaços de aros propulsores, entre outros materiais

ficava ao fundo entre duas prateleiras de ferro que guardavam rodas antigas, quadros, pneus e algumas ferramentas. No lado esquerdo da sala uma pequena mesa ao fundo e quatro cadeiras de performance consideradas ultrapassadas tecnologicamente. *Nelson* estava visivelmente irritado com o acidente e buscava encontrar algum material que pudesse ser usado na tentativa de resolver o problema. Conversamos sobre o equipamento, a dificuldade de manutenção, o custo das cadeiras de ponta e sobre outros assuntos relacionados ao uso do material. Após alguns minutos vasculhando o local, manuseando rodas e algumas peças, e percebendo que não teria condições de resolver o problema, *Nelson* comentou resignado: “*É, não tem jeito, agora fiquei aleijado mesmo*”.

Após o treino, na cantina do ginásio, conversamos sobre um projeto da entidade que prevê a criação de uma escolinha de basquete em cadeira de rodas para crianças e iniciantes. *Lucas* apontou a falta de renovação dos atletas e a pouca divulgação do trabalho realizado pela instituição como sendo alguns dos problemas enfrentados pelo RS Paradesporto e que esse projeto seria uma iniciativa no sentido de minimizar estas dificuldades. “*Parece mentira, mas não temos o prestígio das pessoas com deficiência*”, desabafou *Nelson*. E completou: “*Não sabem que existimos que somos como eles. (...) na verdade, agora [jogando basquete] não somos mais como eles...*”.

Ainda no mês de março de 2005 estive observando os esgrimistas da ASASEPODE. No dia vinte e um participei de uma Clínica Paraolímpica de Esgrima em Cadeira de Rodas, promovida por esta associação e pelo Clube Gaúcho de Desporto em Cadeiras de Rodas. Realizado na sede da ASASEPODE, o evento foi direcionado as pessoas com deficiência física, que utilizavam ou não cadeira de rodas. Compareceram ao evento cerca de dez deficientes físicos, entre curiosos e atletas de outras modalidades, que buscavam conhecer um pouco deste novo esporte adaptado. De acordo com *Pedro*, esgrimista da ASASEPODE e palestrante responsável pelas informações do evento, a esgrima adaptada deve ser praticada por pessoas com deficiência física que apresentam alguma mobilidade na articulação pélvica, amputados ou não, e que tenham uma condição mínima de sustentar a arma, no caso a espada. *Pedro* é um jovem engenheiro civil que trabalha na empresa da família e caracteriza-se pela facilidade em se comunicar. Tem seu próprio carro e surpreende pela disposição e desprendimento com que trata dos mais diversos assuntos pertinentes ou não a deficiência. Pratica tiro olímpico,

modalidade que o introduziu no mundo do paradesporto e da qual ainda não se afastou. Conheceu a esgrima na etapa de Porto Alegre dos Jogos Abertos Paraolímpicos do Brasil, em dezembro de 2004, numa clínica semelhante, e nunca mais a abandonou. Seduziu-se pela técnica e sutileza do esporte. Conforme o atleta, a diferença entre a esgrima convencional e a adaptada é que nessa a cadeira de rodas sofre adaptações e é fixada no solo. Existe uma estrutura metálica em forma de trilho onde são fixadas as cadeiras, dando-se preferência aos modelos esportivos com espaldar menor e suspensão ajustável. *“Os demais itens como luvas, arma, máscara, entre outros acessórios são iguais aos utilizados na esgrima convencional”*, garantiu Pedro. Um dos objetivos do evento era divulgar a esgrima adaptada como um esporte que contribui para melhorar a qualidade de vida da pessoa com deficiência, pois estimula a habilidade motora e a estrutura do pensamento. *“Na esgrima temos que pensar sempre para buscar a melhor resposta possível. Uma decisão precipitada coloca toda sua estratégia a perigo, somos exigidos a tomar decisões rápidas”*, disse Pedro.



Ilustração 5: Competição de esgrima, Copa do Mundo, Etapa de Viena, Áustria, 2004.

Fábio, o outro esgrimista que se apresentou na clínica, é militar reformado e ex-atleta de Pentlato Moderno que após sofrer uma queda no hipismo teve uma lesão medular que lhe tirou o movimento das pernas. Um atleta que desenvolveu apurada

técnica no manejo da espada e por isso destaca-se como exímio esgrimista. Naquela ocasião esperava com ansiedade a construção de sua nova cadeira. Feita sob medida, o equipamento foi planejado para apresentar como aditamento tecnológico uma estrutura tubular localizada na parte posterior do pequeno espaldar da cadeira, tendo como principal função proporcionar o apoio da mão que não sustenta a arma, possibilitando maior equilíbrio e segurança aos movimentos do esgrimista. Segundo *Fábio* este ajuste é fundamental, pois na esgrima não é o atleta que fica preso à cadeira, mas a cadeira que é fixada ao solo, exigindo do atleta posicionamento e equilíbrio durante a performance.

Após a clínica, os dois esgrimistas realizaram uma sessão de treino aberta ao público do evento, como trabalho de preparação para os X Jogos Regionais Paradesportivos da Região Sul. Esta competição organizada pela Associação Brasileira de Desporto em Cadeira de Rodas e Associação Nacional de Desportos para Deficientes²⁵, foi realizada na cidade de Itajaí no estado de Santa Catarina entre os dias trinta de março e três de abril de 2005. A equipe da ASASEPODE conquistou o primeiro e o segundo lugar na competição de esgrima, competindo com atletas do Paraná e de Santa Catarina.

Na primeira quinzena do mês de maio de 2005, exatamente no dia treze, acompanhei um dia de treinamento de *Mário*, corredor cadeirante do CLUBE, em sua preparação para correr a vigésima segunda maratona da cidade de Porto Alegre. Um dia antes, através de contato telefônico com seu técnico, soube que *Mário* cumpriria dois turnos de trabalho previstos para aquela sexta-feira. Pela manhã faria um trabalho na pista da Fundação de Esporte e Lazer do Estado do Rio Grande do Sul (FUNDERGS) e a tarde reforço muscular na sede do CLUBE. Órgão ligado à Secretaria do Turismo, Esporte e Lazer do Governo do Estado, a Fundergs é tradicional parceira na promoção e divulgação de eventos paradesportivos no estado, cedendo espaços, equipamentos, recursos humanos e até cotas de patrocínio sempre que é solicitada pelas entidades promotoras.

Antecipei minha chegada pela manhã ao treino para poder acompanhar o atleta desde seu acesso ao local de treinamento. Equipada com rampas e barras de sustentação,

²⁵ A partir deste ponto do trabalho utilizarei as siglas ABRADCAR e ANDE para designar respectivamente as instituições referidas.

a pista de atletismo oferece todas as condições de acesso aos atletas com deficiência, dispondo de vestiários adaptados e amplos corredores. *Mário* chegou às nove horas já vestindo sua prótese de performance. Questionado sobre sua cadeira de auxílio de vida diário, argumentou que a deixa no CLUBE nos dias de treino de pista, local onde faz a troca das próteses. Vestia capacete de ciclismo, camiseta de lycra e luvas especiais, trazia ainda cronômetro e um recipiente com bebida isotônica, e dessa forma entrou na pista.

Iniciou o treino com um lento deslocamento pela pista de quatrocentos metros, executando, sistematicamente após quatro tocadadas no aro propulsor, um alongamento de braço. Após uma volta realizando os alongamentos, *Mário* deu início ao trabalho previsto. De acordo com a planilha de treino, recebida por e-mail, deveria realizar um percurso de vinte quilômetros, divididos em cinco séries de quatro quilômetros. Cada série deveria ser concluída em onze minutos, com três minutos de recuperação entre as séries, totalizando um tempo geral de uma hora e sete minutos para o trabalho de pista. De acordo com o atleta um treino forte, pois a meteorologia previa tempo ruim para o fim de semana, impossibilitando seu treinamento de pista.

“Estou me sentindo bem hoje” disse *Mário*, ao terminar a primeira série de quatro mil metros, cerca de dez voltas na pista. *“O motor está cada vez melhor”* afirmou o atleta, apontando para a cadeira. Antes de recomeçar a série pediu-me que controlasse seu tempo de recuperação em cada série, e prontamente o atendi. No final da quarta série, argumentou que havia forçado mais do que o previsto, acusando, na respiração ofegante, cansaço pelo trabalho. O treino encerrou com o atleta fechando a última série em pouco mais de treze minutos, mas totalizando uma hora e seis minutos de trabalho, com um minuto abaixo do previsto. *“Cansei, mas acho que foi bom... parecia que estava azeitado hoje”*, ressaltou *Mário*.

O treino da tarde começou às quinze horas, no CLUBE. Localizado no centro da cidade, o Clube Gaúcho de Desporto em Cadeiras de Rodas tem sede própria no sexto andar da galeria Malcon, um conjunto comercial muito conhecido dos Portoalegrenses. Em sua instalação o CLUBE mantém uma sala de treinamento, com alguns aparelhos de musculação e um simulador de corrida, uma espécie de esteira onde a cadeira é acoplada e o cadeirante exercita-se como se estivesse correndo. Além da sala de treinamento, a

entidade conta com uma sala onde funciona a secretaria, uma sala de reuniões e mais duas salas onde funcionam os projetos do CLUBE. Atualmente a instituição hospeda a nona unidade do Projeto Cidadão Digital, uma iniciativa da Dell Computadores em parceria com a Fundação Pensamento Digital e a Companhia de Processamento de Dados do estado do Rio Grande do Sul (Procergs) que juntamente com o CLUBE constituíram o primeiro Centro Digital de Capacitação Básica em Informática Gratuito direcionado a pessoas com deficiência física. *Mário*, após a troca de prótese, trabalha na sala de musculação executando exercícios de fortalecimento da musculatura de braços e tronco. Usa a cama de supino para realizar algumas séries com barra e anilhas. Roscas diretas, indiretas, mergulho para tríceps, apoio nas barras e puxadas, são alguns dos exercícios de força que organizados em séries formatam uma rotina de treinamento de razoável intensidade, compatível com o nível de desenvolvimento desse atleta. Entre uma série e outra conversamos sobre vários assuntos. *Mário* destacou a falta de investimento, no Brasil, em equipamentos para pessoas com deficiência física. Nossas cadeiras de performance, se comparadas com as Canadenses, as Alemãs e as feitas nos Estados Unidos, estão obsoletas e não são competitivas. Claro que no nosso contexto o equipamento utilizado por *Mário*, ainda pode ser aproveitado, mas em competições internacionais esse equipamento é superado pelo de empresas que investem em tecnologia. *Mário* passou-me uma crônica sobre esta matéria do escritor e jornalista com deficiência física, Marcelo Rubens Paiva, e alertou, *“por isso não temos resultados positivos em Olimpíadas nas modalidades como o basquete e nas corridas em cadeira de rodas”*. No final do trabalho, por volta das dezessete horas, acompanhei o atleta até um ponto de ônibus e lá, entre outras pessoas, encontramos um usuário da cadeira de rodas e seu acompanhante. Após cumprimentá-lo, *Mário* afastou-se do grupo e comentou: *“Para a gente é muito importante poder ir e vir sem depender de ninguém. Veja aquele rapaz..., se não estou doente, preciso ver o que é melhor para mim, por mim mesmo; só assim vou saber até onde posso ir e o que é preciso fazer para ir para frente. A gente precisa se ver como chumbado”*.

Logo em seguida chegou ao ponto de embarque um ônibus adaptado para o transporte de cadeirantes e, antes de colocar-se na rampa de acesso, *Mário* trouxe a

informação de que na cidade são mais de duzentos e trinta ônibus²⁶ com esta característica. Despedimo-nos. Em aproximadamente cinquenta minutos o atleta estaria em casa. A vigésima segunda Maratona de Porto Alegre foi realizada no dia vinte e nove de maio de 2005 e *Mário* venceu a prova, disputada entre seis atletas cadeirantes, em uma hora, cinquenta e nove minutos e dezenove segundos.

No início do mês de junho de 2005, no dia seis, voltei a observar os treinos do RS Paradesporto, especialmente porque tiveram alguns problemas em relação à utilização do ginásio Tesourinha para a realização dos treinos. Fui ver de perto o que acontecia e encontrei um grupo desmotivado, preocupados em cumprir o próximo compromisso, especialmente por não terem feito uma preparação adequada. Conforme o relato de *Lucas*, a competição estava marcada para os dias dez, onze e doze de junho, na cidade de Curitiba e já sabiam que o RS Paradesporto seria a única equipe do Rio Grande do Sul a participar do evento. Válida pela segunda etapa da Liga Sul 2005 de basquete em cadeira de rodas, a competição paranaense tornou-se evento de participação obrigatória, de certa forma, até para a manutenção da própria Liga Sul e o RS Paradesporto, como um dos idealizadores e grande incentivador desta competição, não poderia deixar de participar.

“Atenção pessoal: superação, determinação e garra são as palavras, mentalizem”, disse *Lucas* momentos antes de um dos três treinos que teriam até a viagem na quinta, dia nove de junho. Muita movimentação no trabalho com bola, uma espécie de jogo quatro contra quatro. Deslocamentos rápidos, manobras sinuosas, muita habilidade no manuseio da cadeira. Durante o treino palavras de estímulo e provocação romperam o silêncio do ginásio: *“toca o ferro nele... , não deixa, prende este chumbado; parece que está dançando, meu... é ferro com ferro, pô”*. Cada grupo de quatro atletas realizava ataques durante dez minutos, enquanto os outros se defendiam. Os grupos foram revezando nesse trabalho durante quarenta minutos, tempo suficiente para *Lucas* organizar taticamente o pessoal através de seus apelos objetivos: *“Nelson tens que dar mais ar na tua roda esquerda, véio. Estás lento na volta..., toca ela Ruben, toca essa roda, cara, tem que acompanhar”*, alertava o técnico-jogador. Em seguida houve treino de arremessos das mais diversas distâncias e posições em relação à cesta. Ao final *Lucas* reuniu o grupo no

²⁶ Com uma frota de 1594 veículos, Porto Alegre conta com 234 ônibus adaptados para transportar cadeirantes (dados da EPTC, disponível em www.eptc.com.br, acesso em 20.11.2005).

centro da quadra para agradecer o empenho de todos e combinar detalhes da viagem que seria nos carros do *Lucas* e do *Marcelo* que são equipados com reboques para o transporte das cadeiras e do material dos atletas do RS Paradesporto.

Saíram na quinta pela manhã chegando a Florianópolis ao entardecer para o descanso. Na manhã seguinte rumaram para Curitiba onde jogaram a noite. O torneio teve continuidade durante todo o sábado, com a partida final no domingo. Mesmo com problemas nos horários de treinamento na preparação para esta competição, o RS Paradesporto garantiu o terceiro lugar na etapa de Curitiba.

Enquanto isso, após correr a vigésima segunda Maratona de Porto Alegre, *Mário*, o corredor cadeirante do CLUBE, concentrava seu treinamento objetivando participar do Campeonato Brasileiro de Atletismo Paraolímpico, realizado no Rio de Janeiro entre os dias seis e dez de julho de 2005. Este evento foi considerado seletivo para a formação da equipe brasileira de atletismo que representou o país nos Jogos Mundiais em Cadeira de Rodas e Amputados, o segundo maior evento paradesportivo do mundo, realizado em setembro de 2005, pela primeira vez no Brasil, na cidade do Rio de Janeiro.

Observei no dia dezessete de junho de 2005, um treino de rua do cadeirante, onde a ênfase do trabalho foi na parte de resistência aeróbica. O local escolhido por *Mário* e seu técnico foi a Avenida Edvaldo Pereira Paiva, conhecida como Beira-rio. Trecho de asfalto privilegiado que, levemente sinuoso, delimita o contorno de uma das mais belas imagens da cidade – um cartão postal. Neste lugar especial, *Mário* toca sua cadeira de performance com ritmo e energia, sustentando a posição aerodinâmica do corpo e a seqüência de movimentos dos braços. Para o atleta, administrar uma velocidade constante é necessário e indica a garantia do trabalho aeróbico. O desafio constante é aumentar o ritmo da tocada, mantendo-o pelo maior tempo possível. Sessenta minutos depois o atleta descansando à sombra de uma árvore no parque, entre um gole e outro de água, comentava: *“quando o bicho pega cara, o calor do asfalto faz com que não sintamais os braços; as mãos parecem que colam na cadeira; o cheiro do óleo usado nos rolamentos da roda se espalha por todo o corpo. Isso me estimula, me transforma...”*. O mês de junho foi de preparação para a competição no Rio de Janeiro, a mais importante do ano até aquele momento.



Ilustração 6: Prova final dos 800 metros nos Jogos Mundiais em Cadeira de Rodas e Amputados. Rio de Janeiro, Brasil, setembro de 2005.

Naquele mesmo mês de junho, por duas ocasiões, apesar do convite, não pude observar os treinos do atleta. Em contato telefônico *Mário* dizia estar treinando forte e que ainda não tinha conseguido a passagem para a competição no Rio, fato que o deixava apreensivo. Duas semanas depois, no dia quatro de julho de 2005, Mário embarcava para o Rio de Janeiro, com passagens de ida e volta patrocinada pelo CLUBE, ficando hospedado em alojamento disponibilizado pela organização do evento. No dia dez de julho, depois de encerradas as provas do atletismo, recebi um comunicado do presidente do CLUBE, dizendo que *Mário* havia vencido três finais na competição e, o que é mais importante, tinha sido convidado a participar da equipe de Atletismo que representaria o Brasil nos Jogos Mundiais em Cadeira de Rodas e Amputados. Minha satisfação foi completa quando um diretor da ASASEPODE, naquela mesma semana, trouxe a notícia de que *Fábio*, o esgrimista da Associação, tinha sido selecionado para integrar a equipe de esgrima adaptada que representaria o Brasil nessa mesma competição internacional. A convocação desses dois paratletas gaúchos para integrar a seleção brasileira nessa

competição teve grande repercussão no meio paradesportivo. Segundo os dirigentes de algumas entidades, a participação desses atletas disputando uma competição internacional de alto nível, sobretudo, traria prestígio e visibilidade ao trabalho desenvolvido pelas entidades gaúchas que apóiam o esporte adaptado. “*Era tudo que o paradesporto estadual precisava para divulgar seus projetos a nível nacional*”, disse o presidente do CLUBE. Realmente uma grande recompensa ao esforço dos atletas, ao trabalho dos técnicos e ao empenho das instituições.

Enquanto *Mário* e *Fábio* treinavam com seus técnicos, aguardando a data da viagem para o grande evento internacional no Rio de Janeiro, voltei a observar o RS Paradesporto no período de preparação para uma competição no interior do estado. Dia dezessete de agosto de 2005 cheguei ao ginásio Tesourinha para assistir a mais um treino do RS, quando fui avisado por um funcionário do ginásio que *Lucas* reunia o grupo para uma conversa na sala do basquete. Não havia participado de nenhuma reunião com o RS Paradesporto, mas, embora entendesse ser um momento interessante a ser observado, achei prudente aguardar o início do treino. Antes do início dos trabalhos naquela tarde, *Lucas* e eu conversamos. Queria se explicar pelo procedimento de última hora, pois tinha assuntos importantes a tratar com o grupo e, como naquele dia todos os atletas estavam presentes, resolveu promover a reunião antecipando a agenda. Um dos assuntos tratados na reunião foi em relação ao torneio, no dia vinte e oito, na cidade de Sobradinho, distante duzentos e cinquenta quilômetros de Porto Alegre, com equipes de Caxias do Sul, de Santa Cruz do Sul e da Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre. Alertou o grupo da importância em prestigiar os eventos no interior do estado e que a presença do RS Paradesporto qualificaria a competição.

Segundo *Lucas*, o assunto mais importante tratado na reunião foi a respeito das ausências, por motivo de doença, de alguns jogadores da equipe. Destacou, lembrando dos resultados nas competições das quais participavam, que o RS Paradesporto é uma equipe forte, de bom nível técnico, mas sem “banco de reservas” e precisava encontrar mais jogadores, organizar outras formações sem enfraquecer o potencial da equipe e queria sugestões e idéias sobre como fazer o recrutamento.



Ilustração 7: Equipe do RS Paradesporto atuando pela Liga Sul 2006.

“Dos quatro tempos necessários para se jogar o basquete, temos uma equipe que se sai muito bem nos dois primeiros. Depois disso o time fica vulnerável, pois não temos como fazer as substituições”, dizia *Lucas*. As sugestões não deram alento ao preocupado *Lucas*, cada vez mais convencido de que a saída para este problema passava pela efetivação dos projetos de incentivo ao trabalho de base, à formação de escolinhas, aos grupos de iniciação ao paradesporto. *“Faltam políticas públicas de incentivo ao paradesporto; sem vantagens econômicas a iniciativa privada não investe neste segmento”*, desabafou o cadeirante. Para o atleta-dirigente, o trabalho, a curto prazo, a ser feito é o de garimpar adeptos, indo ao encontro das pessoas, para depois convencê-las da importância do paradesporto. Por isso, na reunião, convocou o grupo para ir às ruas, transitar pelos espaços da cidade a fim de encontrar pessoas com deficiência física, cadeirantes, andantes e, em um trabalho corpo a corpo, divulgar o projeto do RS Paradesporto convidando-as para conhecer um pouco do basquete em cadeira de rodas. Um trabalho difícil, mas necessário inclusive para a manutenção do próprio RS Paradesporto.

O mês de setembro de 2005 foi muito esperado pelo paradesporto nacional por ocasião da realização dos Jogos Mundiais em Cadeira de Rodas e Amputados, no Rio de

Janeiro. A participação dos paratletas gaúchos na competição era assunto obrigatório nas rodas de conversa entre os cadeirantes do RS Paradesporto, na Associação ou no Clube, locais por onde transitava em busca de informações para a pesquisa. Os Jogos Mundiais aconteceram no período de dezessete a vinte e cinco de setembro e a delegação brasileira contou com a presença oitenta atletas e vinte e dois apoiadores. Segundo informações recebidas do Comitê Paraolímpico Brasileiro, o resultado final dos jogos foi animador para o paradesporto nacional, com a equipe brasileira conquistando o segundo lugar geral na competição, com um total de cento e uma medalhas, sendo trinta e sete de ouro, trinta e quatro de prata e trinta de bronze. O primeiro lugar ficou com a China, com cento e onze medalhas, e o terceiro lugar com a representação do México com oitenta e cinco medalhas no geral²⁷. As competições de esgrima foram realizadas no dia vinte e dois de setembro com a equipe brasileira sendo eliminada na primeira fase da competição. No atletismo Mário teve uma participação expressiva conquistando a medalha de prata na prova dos oitocentos metros, em sua categoria, trazendo para o CLUBE um importante resultado.

Consegui após contato com os dirigentes da ASASEPODE e do CLUBE marcar um encontro com os dois paratletas gaúchos que participaram desse evento internacional, para conversarmos sobre suas participações. Tentei reuni-los no ginásio Tesourinha, em um dia de treino do RS Paradesporto, mas problemas com a agenda dos atletas inviabilizaram a iniciativa. Desta forma, o encontro aconteceu no CLUBE, no dia sete de outubro, com a presença de atletas do RS Paradesporto e alguns dirigentes das duas entidades. Com caráter bastante informal, *Mário* começou o relato de sua experiência, com algumas contribuições de *Fábio* e logo o encontro transformou-se em um agradável bate-papo com intensa participação dos atletas do basquete. Basicamente a conversa foi dividida em três momentos, sendo que o primeiro foi reservado para a experiência na competição. *Mário* brinca com o fato de nunca ter visto tantos “chumbados” reunidos num só lugar. Logo depois dos relatos dos atletas, houve uma discussão sobre as políticas públicas de incentivo ao paradesporto regional e nacional, e percebi que os ânimos se alteraram. Polêmicas e críticas a parte, o terceiro momento da reunião foi marcado por

²⁷ Dados retirados do boletim nº 179 da Associação Brasileira de Desporto em Cadeira de Rodas e Amputados, newsletter de 27/09/2005.

propostas e projetos de divulgação, manutenção e incentivo ao esporte adaptado regional, trabalho das entidades que apóiam o esporte adaptado regionalmente.

Destaco, então, algumas falas capturadas durante a reunião que considereei mais significativas para a pesquisa: “A mídia pode e é capaz de tudo. Da mesma forma que te trata como coitado, te joga para cima como ídolo, heróis, os homens de ferro”, “o fato de eu estar feliz não tem nada a ver com o fato de eu ter ou não deficiência física, e sim com o fato de eu ser ou não atleta”, “estranho mesmo era não ver ninguém triste depois da linha de chegada”, “esse negócio de acesso é complicado; pode ter rampa, elevador, se o chumbado não se ver assim, não vai sair”, “se a ajuda política não sai, tem que matar os caras no cansaço, eles não sabem do que somos capazes”. Terminada a reunião nos despedimos com a promessa de um novo encontro.

No dia vinte e sete de outubro observei uma competição de atletismo do Circuito Loterias Caixa, realizada em Porto Alegre, na qual participou *Jorge*, outro corredor do CLUBE que durante algum tempo ficou afastado das competições de pista²⁸. Com ótima infra-estrutura, postura profissional e incentivo aos atletas, do iniciante ao paraolímpico, o Circuito Loterias Caixa Brasil Paraolímpico é um evento promovido pela Caixa Econômica Federal, disputado em seis etapas nacionais, nas modalidades de Atletismo e Natação. O evento está focado no desempenho técnico dos atletas que são incentivados a fazerem boas marcas, sobretudo pelo sistema de recompensa financeira e de bonificação somando pontos para o Circuito. A valorização da qualidade dos atletas e das equipes é percebida pela preocupação dos organizadores em utilizar instalações e equipamentos como piscinas e pistas oficiais, garantindo a validação dos tempos e marcas para possíveis quebras de recordes ou índices alcançados.

Cheguei ao local da competição em cima da hora e não pude acompanhar o aquecimento de *Jorge* para a prova dos quatrocentos metros. Corredor experimentado em rústicas e maratonas, a prova de pista representava para *Jorge*, carinhosamente chamado de *bionicão* pelos companheiros, além da diversão, sua reestréia na modalidade, uma

²⁸ Jorge é o nome fictício do cadeirante palestrante responsável pelo evento que assisti no dia vinte e dois de setembro de 2004, já referido no trabalho. Os compromissos assumidos em palestras e eventos, divulgando o esporte adaptado e as possibilidades de sua prática, por sua vez, comprometeram a preparação desse atleta para as competições de pista, determinando seu afastamento.

possibilidade de ranquear no circuito, oportunizando-lhe novas e promissoras participações. Na pista, organizados para a partida, cinco cadeirantes aguardavam o tiro de largada concentrados em mentalizar suas estratégias de prova. Após a largada, *Jorge* assume a terceira posição, seguindo próximo ao segundo colocado. Manteve-se na posição até a entrada da última reta, quando aumentou o ritmo e conseguiu o segundo lugar na pista. Ao cumprimentá-lo, após a corrida, disse-me estar satisfeito em fazer o índice da prova, mas não com seu rendimento, e esperava intensificar os treinamentos para melhorar seu tempo.



Ilustração 8: Corredor cadeirante em uma prova de pista.

Nessa ocasião, *Jorge* convidou-me para assistir as provas finais de Natação do Circuito, que se realizaram naquele mesmo parque esportivo. Com uma credencial de técnico, conseguida por empréstimo, ingressei juntamente com *Jorge* na área da piscina e nos acomodamos em um local restrito aos atletas. Privilegiadamente pude perceber os últimos preparativos dos atletas antes de se dirigirem aos blocos de partida, os alongamentos, a concentração de cada um, e especialmente, como se despiam de suas próteses para participarem das provas. A ação de se desfazer das próteses empregada pelos nadadores, foi um acontecimento que me despertou indisfarçável curiosidade. Neste momento *Jorge*, um colaborador curioso com a pesquisa, de uma maneira muito

significativa argumentou: “*todos nós vivemos do esporte, mas esse pessoal [os nadadores] é diferente da gente. Nós usamos as cadeiras especiais para vencer, eles não precisam delas*”. Terminada a competição de natação, despedimo-nos. A etapa de Porto Alegre do Circuito Loterias Caixa Brasil Paraolímpico foi o último evento observado por mim durante o período de coleta das informações na pesquisa de campo.



Convite

Jogos Mundiais em Cadeira de Rodas & Amputados Tributo à Paz

A Federação Internacional de Esportes em Cadeira de Rodas & Amputados (IWAS) e a Associação Brasileira de Desporto em Cadeira de Rodas, Amputados e Les Autres (ABRADECAR), respectivamente realizadora e organizadora dos Jogos Mundiais em Cadeira de Rodas & Amputados 2005 Tributo à Paz, com grande prazer convidam V.Senhoria para prestigiar esta competição internacional.

O evento será realizado na cidade do Rio de Janeiro, entre os dias 16 e 25 de setembro, e contará com a participação de 48 países e quase 1.000 atletas de todos os continentes do mundo. Serão oferecidas provas nas modalidades esportivas de natação, atletismo, tênis de mesa, halterofilismo, tiro, tiro com arco, esgrima em cadeira de rodas, rugby em cadeira de rodas e cue sports (sinuca).

As disputas acontecerão no Complexo Esportivo do Maracanã, Complexo Esportivo Miécimo da Silva e Escola Naval, nos dias 17 a 24 de setembro. A cerimônia de abertura desta grande competição ocorrerá no dia 17 de setembro, às 14h, no Estádio Célio de Barros. Além disso outras atividades estão programadas:

- Dia 21 de setembro: Cerimônia de Tributo à Paz, às 10h, no Corcovado.
- Dia 24 de setembro: Cerimônia de Encerramento, às 19h, no GRES Tradição.

Contamos com a vossa presença. Seja bem-vindo aos Jogos Mundiais em Cadeira de Rodas & Amputados 2005 Tributo à Paz.



TRIBUTO A PAZ
JOGOS MUNDIAIS EM
CADEIRA DE RODAS
& AMPUTADOS
RIO DE JANEIRO - BRASIL 2005



Ilustração 9: Convite oficial dos Jogos Mundiais no Rio de Janeiro.

2.3 Organização das informações

O trabalho de campo teve um roteiro de observações definido a partir de um contingente de acontecimentos e seu curso foi direcionado pelas informações acerca dos mais significativos eventos paradesportivos realizados entre dezembro de 2004 e outubro de 2005, definidos dessa forma pelos colaboradores da investigação. Durante, exatamente, onze acontecimentos, entre palestras, eventos, competições e, principalmente treinos preparatórios, foram coletadas informações sobre situações vivenciadas por dez atletas cadeirantes com deficiência física, antes, no decorrer e após a realização de suas práticas. Pelo Clube Gaúcho de Desporto em Cadeira de Rodas (CLUBE) foram observados dois paratletas: *Mário*, vinte e quatro anos, vítima de lesão medular, é corredor há oito anos, e começou no paradesporto jogando basquete e *Jorge*, que aparenta uns trinta e cinco anos (por que não revela a idade), é corredor há dezoito anos, contraiu poliomielite quando tinha um ano e seis meses e iniciou no paradesporto também pelo basquete. Na Associação dos Servidores da Área de Segurança, Portadores de Deficiências do Estado do Rio Grande do Sul (ASASEPODE), participaram da pesquisa de campo os esgrimistas: *Pedro*, vinte e três, lesionado medular, praticante da modalidade a cerca de dois anos, que ingressou no universo paradesportivo através do Tiro Olímpico e *Fábio*, quarenta e um anos, lesionado medular que já praticava a esgrima antes do acidente como atleta de Pentatlo Moderno. No RS Paradesporto, foram observados cerca de oito paratletas, destacando-se *Lucas*, pela facilidade de comunicação e liderança no grupo. Vítima do vírus da póliomielite, esse paratleta de trinta anos joga basquete há doze anos. *Nelson, Ruben, Júnior e Carlos* formam a equipe juntamente com *Marcelo*, vinte e cinco anos, o craque do time, que já foi convocado para a seleção brasileira de juniores (jogadores com idade inferior a vinte e dois anos).

Em cada acontecimento presenciado, a organização das informações coletadas submeteu-se a intervenção do referencial teórico da pesquisa, possibilitando a reflexão constante sobre as anotações do diário de campo, autorizando certa seletividade nos registros das observações e apontando relevância às falas destacadas nas descrições dos acontecimentos. De certa forma, esse movimento de análise e interpretação das informações ocorreu durante todo o período de investigação (MOLINA NETO, 1999) através de sucessivas leituras sobre o material coletado, das contribuições do aporte

teórico e das minhas interpretações como pesquisador o que desencadeou um processo que possibilitou a construção de algumas categorias de análise. Vale ressaltar que analisar de acordo com categorias é o mesmo que organizar as informações recolhidas no trabalho de campo de maneira coerente, completa, lógica e sucinta, classificando-as por unidades que tenham relevância com as questões da pesquisa (LÜDKE e ANDRÉ, 1986).

O processo de construção das categorias provocou, além da retomada do referencial teórico, nova imersão no diário de campo, nos registros das observações, com o objetivo principal de buscar aproximações entre a análise e interpretação dos dados, e as questões da pesquisa. Um procedimento que sugeriu releituras nas descrições dos acontecimentos, desencadeando novos diálogos com as informações da pesquisa e novas interpretações acerca das falas destacadas. A respeito disso, Lüdke e André (1986, p.49) posicionam-se com o seguinte argumento:

A categorização, por si mesma, não esgota a análise. É preciso que o pesquisador vá além, ultrapasse a mera descrição, buscando realmente acrescentar algo à discussão já existente sobre o assunto focalizado. Para isso ele terá que fazer um esforço de abstração, ultrapassando os dados, tentando estabelecer conexões e relações que possibilitem a proposição de novas explicações e interpretações.

Os procedimentos de análise, interpretação e classificação das informações capturadas na pesquisa constituíram três temáticas de análise, definidas como *Das práticas tecnologicamente potencializadas*; *A ciborguização do atleta cadeirante*; *A performance do híbrido: superação e deficiência*. O desenvolvimento dessas categorias temáticas se dará a partir da introdução de três cenas capturadas durante os acontecimentos presenciados e registrados na pesquisa de campo e que fazem parte do capítulo denominado *Corpos em cena: em busca da visibilidade*.

3 CORPOS EM CENA: EM BUSCA DA VISIBILIDADE

Analisar os dados obtidos na pesquisa de campo faz parte de um elaborado e complexo processo que se fundamenta, sobretudo, em uma série de anotações e fatos que reinventam as vivências corporais a partir de um recorte no tempo e no espaço dos sujeitos e dos lugares observados. O objetivo desse processo é transformar o acontecimento passado em um relato reconstituído a partir dos lugares onde o pesquisador esteve. A reorganização das informações capturadas em um momento já vivido, resulta em uma descrição identificada como lugar de verdade pelo fato do pesquisador *ter penetrado* no cotidiano de vida dos sujeitos da pesquisa (GEERTZ, 1987; 1989).

Durante as observações realizadas com os colaboradores dessa investigação, vi e ouvi sobre suas rotinas de treinos, suas experiências no esporte adaptado, as vitórias e os fracassos, sempre tendo como referência seus corpos, suas próteses e os sentidos produzidos a partir da forte relação existente entre eles. Procurei, então, apropriar-me de alguns fragmentos de suas falas e através delas, amparado pelo referencial teórico, desenvolver algumas das possibilidades de compreender como vêm e sentem seus corpos e, também, como são subjetivados pela ação potencializadora da prótese de performance, ou seja, pela ação de práticas tecnologicamente potencializadas.

Nesse sentido, assumi o lugar de quem estava ali para escutar, para ler os sinais que os corpos dos colaboradores emitiam, para que pudesse, assim, transformá-los em textos, em cenas, sem descaracterizá-los.

3.1 Cena um

O pôr-do-sol na Avenida Beira Rio é ponto turístico da cidade de Porto Alegre. Divido minha atenção entre o rio, o sol e a pista de tráfego onde se encontra o corredor cadeirante que observo. Tocada firme, compassada, posição corporal aerodinâmica, roupa de lycra, luvas, capacete e a cadeira de corrida. Com o aspecto que lembra um triciclo, o artefato tem sua estrutura em alumínio naval com peso reduzidíssimo. Suas

duas rodas laterais (as que ainda lembram uma cadeira de rodas) são construídas a partir de um material composto por fibras de carbono e alumínio com tecnologia aeronáutica. Uma terceira roda auxiliar, localizada na parte anterior, dá a forma triangular a esta máquina que pode atingir a velocidade de até 50 km/h em pista plana. O treino, do ponto de vista do observador, tem características bem semelhantes ao dos ciclistas. São trabalhados percursos fixos com a performance vinculada ao tempo, sempre alternando com períodos de recuperação. Hoje, provavelmente pela temperatura elevada, o corredor terminou seu treino antes do programado, alegando desconforto e cansaço. “*Tem momentos que não sei nem se sou eu que corro ou é a cadeira que corre por mim*”, relata o cadeirante durante um intervalo de recuperação no seu treinamento.



Ilustração 10: Corredores cadeirantes disputando uma prova de rua.

3.1.1 Das práticas tecnologicamente potencializadas

Um corpo, qualquer corpo, é uma massa compacta de contornos definidos, qualquer objeto material caracterizado pelas suas propriedades físicas que ocupa um

lugar no espaço, podendo ser ainda qualquer organismo vivo. Este corpo vivo, nesse caso humano, pode ser definido como um conjunto de órgãos, de reflexos, uma construção sócio-histórica e cultural, conduzido por inúmeras sensações e mergulhado em um universo discursivo que o nomeia e classifica, o valoriza ou o desqualifica.

Nele se inscrevem ritmos, marcas, acelerações, como também, extensões mecânicas, dispositivos estéticos e médicos, que o tornam capaz de incorporar o estranho, assumindo a tecnologia como agente de sua transformação. Dotado de um caráter inacabado, o corpo humano permitiu que as tecnologias o invadissem, investindo-o, prolongando sua vida, sua funcionalidade e embelezando-o. A técnica, portanto, traz consigo uma mudança na relação estabelecida entre o ser humano e os artifícios, os quais servirão para o domínio e construção do seu meio, a efetiva transformação do próprio corpo.

Esse corpo vai sofrendo um processo que deixou de ser uma simples operação protética para se tornar em um corpo manipulado, definido pela sua capacidade de incorporar componentes distintos a sua materialidade, mas que o potencializa nos seus múltiplos desempenhos. Portanto, o corpo é um corpo e suas roupas, um corpo e seus remédios (KEHL, 2001), suas próteses, um corpo e outros corpos que lhe deram origem, que o reinventam, vivos ou mortos, que o sustentam, acariciam, recusam, potencializam, contra os quais se abate, ou com os quais, permanente ou temporariamente, se confunde e se mistura.

É impossível falar do corpo sem mencionar as tecnologias que dele se ocuparam, os artefatos que nele se acoplaram no decorrer da história, objetivando protegê-lo de doenças, corrigindo suas falhas, melhorando seu rendimento, aprimorando sua estética e, sobretudo, invadindo seu território biológico. Das terapias da imobilidade que garantiam dolorosa correção das formas disformes, passando pelo culto ao espartilho que assumiu múltiplos sentidos, causando polêmicas, os mecanismos de correção do corpo sempre foram vinculados “a um arsenal educativo [de procedimentos e artefatos técnicos] voltado para a retidão das formas e dos costumes” (SOARES e FRAGA, 2003, p.86).

Os conhecimentos produzidos pela medicina sobre o corpo e as evoluções biotecnológicas, propuseram-se tanto a acrescentar algo ao corpo, quanto a extrair os

seus excessos, como uma maneira de aumentar seu rendimento. Na contemporaneidade são criados inúmeros materiais inéditos, híbridos orgânicos e não-orgânicos, representados por microchips e pelos implantes biônicos. As pesquisas em biotecnologia, por exemplo, não se conformam com a realização de melhorias cosméticas ou com o aditamento de próteses para os organismos danificados, almejam a possibilidade de criar vida. A tecnociência, atualmente, tem condições de redefinir as fronteiras entre o orgânico e o tecnológico, tratando o corpo humano como matéria-prima.

Lugar da necessária encarnação do sujeito, como diz Le Breton, o corpo tende a tornar-se essa matéria prima modelando-se conforme o clima do momento. Nossas sociedades consagram o corpo como emblema de si, que deve ser construído sob medida, um acessório da presença, um lugar de encenação que deixou de ser uma encarnação irredutível, sendo antes uma construção pessoal, um objeto transitório e manipulável. Disponível para todas as modificações, “o corpo torna-se prótese de um eu em permanente busca de uma encarnação provisória para assegurar um cunho significativo de si” (LE BRETON, 2003, p.29-31).

Esse corpo, nas sociedades ocidentais, contém a virtualidade de inúmeros outros corpos que o indivíduo pode revelar tornando-se o arranizador de sua aparência e de seus acessórios, espécie de superfície de projeção. A relação do indivíduo com seu corpo ocorre a partir da intencionalidade em dominar-se a si próprio, modelar sua forma, ocultar seu envelhecimento, sua fragilidade ou deficiência, suprimindo, de certa maneira, a urgente necessidade de ostentar um novo modo de ser, de sentir, de pensar.

Os estudos de Michel Foucault (1995; 1996; 1997) nos mostram que o corpo no decorrer dos tempos passou por inúmeros processos de subjetivação que o inscreveram, criando diferentes modos de vida, bem como, distintas formas de habitá-lo, de movimentá-lo. Ao procurar criar uma história dos diferentes modos pelos quais os seres humanos tornaram-se sujeitos, Foucault concluiu que a sociedade dispõe de tecnologias políticas específicas que, agindo diretamente sobre o corpo e através dele, constitui tipos específicos de sujeitos. Ao mesmo tempo em que o sujeito resiste em micro lutas cotidianas contra as formas de dominação, exploração e subjetivação, opondo-se aos

discursos reguladores da sociedade, constrói estratégias de fuga e escape às normas, desencadeando um processo que produz subjetividades.

De certa forma podemos afirmar que os processos de subjetivação podem ser vistos na atualidade, quando passamos a consumir, afetados pela sociedade de comunicação, imagens, informações, conhecimentos e serviços que, acessados cotidianamente, nos ofertam novas maneiras de viver, de sentir, de pensar e de sonhar.

Por esta razão, somos continuamente subjetivados pelas experiências que vivenciamos por meio de nosso corpo, existindo sempre superfícies possíveis por onde, de certa forma, somos capturados. A subjetivação, assim, define-se pelo encontro de corpos, onde técnicas de dominação e poder atuam sobre nós e os outros corpos, mediando nossas relações, ressignificando nossos corpos, acarretando novos modos de vida, novas maneiras de ser e estar no mundo (CARDOSO Jr., 2002; PELBART, 2002).

Os acontecimentos descritos nas *cenar*s que iniciam este capítulo destacam alguns episódios como outros tantos presenciados no decorrer da pesquisa e tem como referência a relação dos corpos cadeirantes com a prótese de performance. O olhar que lanço sobre essa relação desencadeia a tentativa de extrair alguns enunciados das falas desses atletas que me possibilite compreender como vêm e sentem seus corpos, na tentativa de captar o processo de subjetivação dessas representações.

Entre falas e vivências, gestos, olhares e sensações, as rotinas desses atletas desvelam uma relação com a tecnologia, com o artefato técnico, vitalícia e necessária, uma espécie de tecnodpendência. Conforme Tucherman (1999), vivemos em uma realidade que se modifica cada vez que é invadida por uma nova tecnologia.

“A tecnodpendência da realidade nos leva a defini-la como uma forma de consenso, apoiada pela adesão e pela linguagem das comunidades que a tem como referência partilhada. (...) A tecnologia, portanto afeta o real, invadindo a nossa realidade e provocando, na sua leitura, uma absorção rápida e pouco consciente por parte de um público, maioritariamente, tecnofetichista. Este público viveria a contradição desta adesão acrítica com as antigas imagens psicológicas que manteria de si mesmo e do mundo, às quais permaneceria ligado, gerando nessa dessincronia, uma época de desassossego” (op. cit., p.149).

Esse processo de subordinação à tecnologia se visibiliza e se constitui desde a formação das primeiras sociedades. No decorrer da história, o ser humano encarregou-se

de impor suas marcas em todas as culturas através, inicialmente da fabricação de ferramentas para sua sobrevivência e, logo depois, na construção de sua própria configuração corporal e subjetiva. “Ao que parece, com o enriquecimento de seus saberes e a audácia de suas experiências práticas, de seus discursos e suas propostas, a atividade humana acabou vencendo o lento e outrora inexorável acionar da natureza” (SIBÍLIA, 2002, p.134).

A tecnologia, portanto, traz consigo uma mudança na relação estabelecida entre o ser humano e os equipamentos técnicos, os quais servirão para o domínio e a construção do seu meio e, conseqüentemente, a partir da invenção da prótese como aditamento corporal, a elaboração de sua efetiva transformação.

Durante os acontecimentos observados, os sujeitos da pesquisa foram interpelados por falas que, de certa forma, enunciam os processos de transformação, subordinação e dependência desses corpos, como as descritas a seguir:

“Tem momentos que não sei nem se sou eu que corro ou é a cadeira que corre por mim”, relata um cadeirante corredor durante um intervalo de recuperação no seu treinamento.

“Estou me sentindo bem hoje..., o motor está cada vez melhor”, afirmou o atleta apontando para a cadeira.

“É não tem jeito, agora fiquei aleijado mesmo”, desabafa um atleta que não conseguiu reparar uma avaria em sua cadeira durante um treino de basquete, ficando impossibilitado de retornar ao treinamento.

Dessa forma percebo alguns sentidos nas falas desses atletas que desvelam um hibridismo humano-máquina nublando os limites entre o maquínico e o biológico, avançando confusamente pelas fronteiras do natural e do artificial. Esse afetamento tecnológico, de alguma forma, passa pela necessidade compulsória desse corpo em usar um artefato aditado tecnologicamente na busca por uma ação performática durante a prática desportiva. A prótese acoplada, integrada ao corpo cadeirante, apropria-se de outros territórios, mistura-se a eles, possibilitando o agenciamento do humano com o não

humano, onde a naturalização do artifício modifica o meio natural, da mesma forma que o meio natural vai impondo limites à atividade técnica.

O simbolismo da técnica, no argumento de Stiegler (1996), e o conceito de tecnodependência, de Tucheran (1999), encontram-se, sobretudo, relacionados a potência do artefato como instrumento legítimo da dessacralização da natureza, exaltando-o como Deus supremo da sociedade. Em relação a esse aspecto Stiegler afirma:

O que faz o dinamismo do homem é, portanto, sua técnica, e não seu princípio de evolução corporal, se posso falar assim, ainda que essa evolução corporal entre hoje, novamente – mas, desta vez, pela técnica –, em uma fase de transformação, como se a diferença entre técnica e ser vivo tendesse a se apagar. Hoje, na verdade, parece que a técnica está em via de ser interiorizada pelo próprio ser vivo (*op. cit.*, p.171).

A observação decisiva é que progressivamente, e cada vez mais, diluem-se as distinções clássicas entre matéria, vida e pensamento, afirma Oliveira:

Hoje, ocorre uma internalização da ação técnica, como se a tecnologia se rebatesse sobre o seu agente e, na medida em que uma ação externa se rebate e engolfa seu próprio executor, resta abolida a suposta separação clara entre o interno e o externo, entre o humano e o artefato. (...) A aceleração técnica vigente na contemporaneidade superpôs a essa conexão entre os ritmos materiais e biológicos o rápido desencadeamento de produções culturais que condensam ritmos naturais em ritmos tecnológicos, instaurando uma imprevisibilidade radical que chamamos de hibridação (2003, p.167).

É a tecnologia, elemento vital no processo de potencialização desses e de outros corpos, impondo suas marcas no processo civilizatório e fazendo com que as ações técnicas empreendidas pelos indivíduos tenham na busca por eficácia e rendimento, a necessária garantia de sua existência. “Sem técnica não há humanidade, pois é no meio dos utensílios e das transformações sobre a natureza que o indivíduo se produz a si próprio” (BOURG, 1996, p.346), caracterizando-se como um animal tão fabricante quanto político ou falante. O interesse dessa afirmação está em dar à técnica o seu lugar primordial e fundador na própria existência humana e, contemporaneamente, condição imprescindível para se pensar o mundo e as sociedades de comunicação.

O indivíduo passa a contar, para sua sobrevivência, não apenas com o seu arsenal de dispositivos instintivos, mas com a necessidade da incorporação de elementos de natureza cultural. É o conjunto dos sistemas culturais, construídos pelas formas de representação e os dispositivos técnicos que fornecem as modalidades tanto de mediação

ao mundo natural como de elaboração de um mundo propriamente humano, ou quase humano.

Durante o século XX, a anunciada hibridização natureza-tecnologia surge como uma conquista e, além de seduzir os novos corpos que surgiam como realização da promessa tecnológica, promoveu a tão esperada interação das máquinas à natureza. Da mecânica à eletricidade, da micro-eletrônica às nanotecnologias, a tecnologia se propaga a uma enorme velocidade, infiltrando-se tanto nos objetos do cotidiano como no corpo humano. Na atualidade as máquinas estão cada vez mais presentes no corpo das pessoas. Quem afirma isso é Edvaldo Couto:

Próteses de toda a natureza, sensores, lentes de contato, dentes artificiais, silicone, implantes auditivos, marca-passos, pinos, parafusos e ossos de titânio, estimulantes químicos, etc. revelam que é este o momento da realização do sonho do futuro: o de que o corpo do animal homem seja alimentado pelas tecnologias. As próteses supervisionam, aceleram e compõem o organismo de muitos sujeitos. (...) O corpo tornou-se o lugar privilegiado das técnicas e o destino certo das máquinas e a introdução crescente desses novos componentes técnicos integrados promovem uma nova natureza, uma outra realidade corporal (2001, p.87).

As máquinas passam a ser artefatos protéticos, componentes íntimos, partes que interagem de forma amigável com nossos corpos, fazendo com que a modificação contínua do corpo pelas tecnologias borre a compreensão antropológica e filosófica do humano. Com a progressiva simbiose homem-máquina, fica cada vez mais difícil entender o que é humano, na sua concepção tradicional (COUTO, 2003).

No corpo do atleta cadeirante, foco dessa investigação, a interação se expressa na exibição explícita de um utensílio tecnológico, uma prótese que não se disfarça e confere ao corpo uma evidência anatômica, “naturalizada” como depreciativa e monstruosa. Nesse caso a cadeira de rodas “passa a fazer um todo com o corpo, ganha uma aderência e um estatuto de carne, de modo que o sujeito pode mesmo estender o seu campo de percepção a essas extensões anexadas ao próprio corpo” (BABO, 2004, p.26).

Depoimentos de voluntários de apoio que acompanharam as delegações de atletas durante alguns eventos observados – os staffetas como são chamados – revelam de forma significativa a capacidade, desenvolvida pelos atletas cadeirantes, de um sentido de

percepção sobre a cadeira de rodas como extensão corporal. Vejamos alguns desses depoimentos:

“A regra número um para quem quer ajudar é tratá-los como as outras pessoas. Não ajudamos ou empurramos alguém na rua, a menos que nos peçam. Não saímos por aí tocando nas pessoas, a gente tem que ter respeito”, afirma um staff.

“Agarrar pelo braço pessoas com muletas, segurar um aparelho ortopédico ou uma cadeira de rodas, de repente, é uma agressão à pessoa, como agarrar qualquer parte do corpo de uma pessoa comum sem aviso”, adverte outro staffeta.

A temática das próteses assenta numa questão que poderemos entender como prévia, e que é a questão do corpo e seus limites, a da sua finitude e das interfaces que o ligam ao mundo envolvente. A prótese é um acréscimo e deve-se entendê-la a partir desse limite, como potencializadora da ação corporal, como um prolongamento autônomo do sujeito.

O termo “Prótese” vem da palavra *prothesis* – colocar antes, na frente, preposição, termo que significa junção inicial a uma palavra de um elemento, letra, não etimológico. Designa a transformação de uma palavra através da adição de uma sílaba ou letra. Seu uso, no entanto, foi difundido no campo médico e ortopédico, bem como na engenharia biomédica, como designação de objetos ou máquinas que suprimem as alterações funcionais ou orgânicas. A prótese difere da órtese – *orthos* – direito, que corrige as deformações, dado que não tem a pretensão de domesticar o corpo, exigindo-lhe antes posturas adaptativas. Por outro lado, o termo prótese, no seu sentido corrente, indica um acréscimo tecnológico ao corpo que vem superar uma falha ou mesmo uma amputação, tem um sentido literal que se refere à complementação do esquema corporal. As próteses como extensões ou como substitutos de membros amputados remetem sempre a uma idéia de falha. Retiram sua positividade de uma situação extremamente negativa, constituindo-se um equipamento que tem função de substituir o segmento ausente, integrando-se ao corpo (BABO, 2004; BAVCAR, 2003).

A prótese que incorpora o limite, a falha inicial, é mais que um simples prolongamento do corpo, evidenciando de que forma o corpo protético pode potencializar

as suas possibilidades. O corpo que acolhe a técnica é assim um corpo mutante que incorpora marcas, próteses, substituições, expropriações e, portanto, não é mais um limite, uma unidade, uma totalidade fechada.

Elemento técnico importante na fundamentação da pesquisa, a prótese de performance é definida por mim como utensílio ou artefato de extensão ou complemento corporal que favorece e potencializa a performance do sujeito durante a prática de atividades esportivas. Esse utensílio, utilizado especialmente durante a prática esportiva, mais que um complemento artificial do corpo, constitui-se em um suplemento maquínico acoplado ao atleta submetendo-o a uma ação potencializadora. A suplementação parece ocorrer em decorrência de ajustes técnicos específicos introduzidos nas cadeiras, a fim de serem utilizadas com o nível de mobilidade e exigência técnica requeridos na execução da prática esportiva. O aditamento tecnológico na prótese de performance não só garante ao atleta dinamismo e funcionalidade na execução de movimentos específicos, um trânsito autônomo através do território dos esportes adaptados, como também e principalmente, lhe outorga possibilidades de maximizar seu rendimento.

Vale destacar alguns recortes na fala de *Jorge*, um corredor cadeirante, por ocasião de sua palestra em uma instituição de ensino superior, apontada no trabalho como um dos primeiros acontecimentos registrados e que, de certa forma, comprova a distinção técnica entre as próteses usadas pelos atletas cadeirantes:

“A cadeira de rodas para corrida é bem diferente da comum. Ela tem que responder não só ao estímulo da mão ou do tronco, mas a qualquer outro estímulo que você der!”.

“Ela fica extremamente justa, você não pode engordar, pois é feita sob medida”.

“Nas curvas abertas você joga o corpo para trás e levanta a dianteira, já nas curvas fechadas usamos o volante. Com essa cadeira aí eu mando ver com toda a segurança”.



Ilustração 11: Corredor após a troca de cadeiras.

A prótese de performance utilizada pelos cadeirantes jogadores de basquete é oferecida no mercado nacional através de casas que comercializam equipamentos ortopédicos. Esse equipamento, fabricado de acordo com as normas técnicas brasileiras, agrega as seguintes características: é construído em tubos de alumínio aeronáutico com bitolas combinadas buscando otimizar resistência e leveza. O conjunto técnico oferece uma estrutura personalizada, moldada de acordo com as necessidades do atleta e seu biotipo, apresentando um eixo transversal de liga especial, com buchas receptoras nas extremidades e com cambagem opcional, fixado à estrutura da cadeira através de mancais de alumínio que permitem regulagem do centro de gravidade e ajuste perfeito da cambagem. As rodas traseiras são montadas em aro de alumínio específico para competição, com várias opções de tamanho (24, 25, ou 26 polegadas). Os pneus, semi tubulares de uma polegada, são montados com câmara de alta pressão, raios de aço inoxidável, com protetores e cubos de alumínio com rolamentos de precisão. O eixo é removível do tipo *quick release* (troca rápida) de meia polegada e com alta resistência. As rodas dianteiras de 3 polegadas são construídas em poliuretano e montadas com rolamentos de precisão em um garfo de alumínio reduzido com eixo vertical de aço, fixado em cubos dianteiros rolamentados. O pedal é ajustável na altura, com o protetor de roupas lateral incorporado à estrutura da cadeira; O *anti-tip* ou a quinta roda, responsável

pela estabilidade do conjunto, é forjada em poliuretano de 2 polegadas. O estofamento em nylon impermeabilizado de alta resistência, vestindo à estrutura da cadeira através de faixas com velcro que permitem o perfeito ajuste, uma almofada de alta densidade incorporada ao acento e o acabamento em pintura eletrostática, completam o conjunto. Seu preço está em torno de dois mil e setecentos reais.



Ilustração 12: Prótese de performance nacional utilizada para a prática do Basquetebol em Cadeiras de Rodas.

O equipamento utilizado para a prática da corrida é oferecido com as seguintes especificações: com uma estrutura construída com perfis de alumínio especial aeronáutico, super leve e resistente, o artefato é fabricado de acordo com o biótipo e necessidade do atleta. Suas rodas traseiras de 27 polegadas são montadas em aro de alumínio de competição, com pneus “*slick*” (liso e super aderente) de alta pressão e raios de aço inoxidável. Cubo de 3 polegadas com rolamentos de precisão, aro de impulsão de alumínio com fixadores nos raios e eixo de alta resistência. Roda dianteira de competição, montada com pneus “*slick*” e câmara de alta pressão, apresentando um garfo dianteiro com sistema de estabilização e controle direcional de curvas. A cadeira ainda é oferecida em estofamento ajustável, confeccionado em nylon impermeável de alta resistência e faixas de velcro para regulagem e ajuste. Acabamento de Pintura eletrostática. Seu preço gira em torno de nove mil e trezentos reais.



Ilustração 13: Cadeira de performance, de fabricação nacional, para corridas em pistas e ruas.

Vale ressaltar que as próteses de performance fabricadas no país, em especial as cadeiras de rodas, são superadas tecnologicamente pelos equipamentos construídos na Europa e nos Estados Unidos, por exemplo. Isso acaba trazendo um enorme prejuízo ao esporte adaptado brasileiro praticado sobre cadeira de rodas. A constatação é de Marcelo Rubens Paiva, escritor e jornalista, autor de *Feliz Ano Velho* (1982), obra autobiográfica que narra o acidente em que ficou tetraplégico, em 1979, aos vinte anos. Paiva foi convidado pelo Comitê Paraolímpico Brasileiro para fazer algumas crônicas durante a Paraolimpíada de Atenas, na Grécia e, em uma dessas crônicas questiona o abandono dos investimentos em tecnologia, por parte de países como o Brasil, que poderiam ser aplicados no desenvolvimento de equipamentos a serem utilizados na construção de próteses de performance para nossos atletas. O autor relata:

Atenas (Grécia) - Estamos nos saindo bem nas Paraolimpíadas em natação, judô e atletismo. Por que não nos damos bem em modalidades como basquete em cadeira de rodas ou corrida em cadeira de rodas? Não é só na Fórmula 1 que um bom equipamento ou pneus fazem a diferença. Nos Jogos Paraolímpicos, uma boa cadeira de rodas faz a diferença nas modalidades que as utilizam. Há cadeiras leves e projetadas especialmente para corridas, rugby, tênis, esgrima, tênis de mesa e outras modalidades. Não por outra razão, o ouro dos 100m feminino do atletismo foi para Chantal Petitclerc, do Canadá, a prata para a Alemanha, e o bronze para os Estados Unidos. São os países que mais investem em equipamentos para portadores de deficiência. Representantes da Quickie e da Invacare, os maiores fabricantes de cadeira de rodas do mundo, andam pelos bastidores do Complexo Olímpico como olheiros à procura de novos atletas. Muitos dos corredores são patrocinados por eles, que testam cadeiras e as aperfeiçoam. Para se ter uma idéia dos projetos avançados e cadeiras com aerodinâmica espacial e construídas com metais de liga leve, a velocidade média do ouro nos 100m feminino, que pertence a Petitclerc, foi de 16m/s, o que dá uns 24 km/h. Nem a mais rápida cadeira de rodas motorizada do mercado a alcançaria. E ela a tocou “no braço”. Encontrei Robert Hamilton, engenheiro da Quickie, com crachá e credencial passe-livre (acesso a tudo).

Ele me disse que há uma revolução nos equipamentos, especialmente em cadeiras feitas de titânio. Cada modalidade exige uma cadeira especial e se os fabricantes brasileiros não derem uma forcinha, ainda vamos ver poeira nas modalidades que precisam de cadeiras de rodas (PAIVA, 2004).

Durante os acontecimentos observados pude perceber que a grande maioria dos atletas cadeirantes colaboradores da pesquisa, utilizam-se de alcunhas quando se comunicam entre si. “*Roller, turbina, porca véia, roda torta*”, são alguns dos termos pelos quais se identificam os atletas com amputação, ao passo que os lesionados ou vítimas da poliomielite, invariavelmente, chamam-se de “*chumbados*”.

A intencionalidade da vinculação de codinomes a elementos ou componentes metálicos e maquínicos, evidencia, entre os atletas cadeirantes, uma consistência simbólica de corpo que remete ao híbrido, ao artificial. O ato de incorporar, de aditar formas e técnicas ao corpo torna a carne uma realidade plástica e híbrida, aberta aos suplementos.

Para Maria Augusta Babo (2004, p.26) esse corpo acolhe a tecnologia como amplificadora das suas possibilidades, deixando de ser pertinente colocar-se a questão do dentro/fora ou da pele como limite ou fronteira do corpo. A pele, ao contrário, torna-se antes uma interface, ou seja, um lugar de articulação entre o corpo e os vários dispositivos que a ele se acrescentam. A configuração que é dada à forma e ao invólucro corporal impõe-se pela apropriação desses suplementos percebíveis por sua exterioridade.

Se esse corpo se define pelo que lhe é exterior, sua existência passa não só pelas suas propriedades intrínsecas, mas por uma aptidão ao aditamento que é sua forma de ser afetado pelo meio exterior: corpo aberto ao acolhimento do artefato, do utensílio, do inorgânico como extensão e complemento do orgânico (STIEGLER, 1996). Aditamento, este, que tem como resultado a incorporação sistemática de próteses ou de extensões que favorecem e potencializam as performances dos atletas.

Dessa forma, pude constatar durante os acontecimentos que a utilização por parte dos atletas cadeirantes de um artefato especial para a prática dos esportes adaptados observados, além de potencializar seus corpos, possibilita a evidência de sua própria operacionalização, como um *upgrade*, um adicto técnico necessário. Assim, o corpo

cadeirante vestindo a prótese de performance, suplementa-se através de uma ação técnica que oferece possibilidades de rendimento, avança limites e desencadeia um processo de superação que caracteriza os corpos afetados por práticas tecnologicamente potencializadas.

Vivemos um momento onde são substituídas as ferramentas e artefatos característicos da era industrial por outros instrumentos e equipamentos, de inspiração eletrônica e digital, capazes de modelar de formas inusitadas as matérias vivas e inertes (SIBÍLIA, 2002). Além das trocas e alterações na informação genética, que apontam para a modelagem dos corpos e das subjetividades, a tecnociência contemporânea também facilita a inserção de componentes não-orgânicos, hibridizando os corpos com material inerte. Trata-se do processo que Paul Virilio (1996) denominou endocolonização: a apropriação interna do corpo por organismos sintéticos miniaturizados, “com a tecnologia implodindo no seu interior” (*op. cit.*, p.101). Esses novos componentes técnicos integrados promovem uma nova natureza, uma outra realidade corporal. Cada vez mais introjetados, transparentes e diluídos em trocas íntimas, os agentes artificiais se misturam com os orgânicos, dissolvendo as fronteiras e transformando a estrutura biológica, psicológica e fisiológica do ser humano. Nessa cultura tecnológica, como já vimos, os antigos dualismos e as seguras fronteiras que caracterizavam a nossa tradição cultural são postos em cheque. Separações radicais como real-fictício, natural-artificial, humanidade-animalidade entre outros não são tão nítidas e operacionais no mundo da relação homem-máquina.

Essa diferenciação entre o homem e a máquina comprova-se, cada vez menos, em decorrência da intensa colonização do corpo e do incessante acoplamento da máquina e dos mecanismos de produção da artificialidade. É nessa perspectiva que devemos pensar o ciborgue: “metade orgânico, metade artifício, corpo de identidade híbrida, parcial e contraditória e que aceita a diferença em vez de lutar contra ela” (LEMOS, 2002, p.177). É a partir dessa perspectiva que proponho desenvolver o próximo capítulo dessa dissertação. Pensar o atleta cadeirante, como um híbrido de máquina e organismo, um composto de ferro e carne, um ciborgue: elemento que, nas palavras de Lê Breton (2003),

visa ser um paliativo das insuficiências do corpo, outorgando à vontade uma prótese que permite superar as dificuldades que ela encontra ao longo do tempo. Ela acrescenta a

uma dimensão da existência ou dela subtrai a fim de melhorar seu rendimento, de aumentar sua eficácia fisiológica (p.204).

É o que veremos a seguir.

3.2 Cena dois

Chego ao ginásio de esportes e percebo já adiantado o treino da equipe de basquete em cadeira de rodas. Logo na entrada, um atleta cadeirante questiona meu atraso e, ironicamente indaga: *“nossa, imagina se fosse você o aleijado, hein? Tu não ia chegar nem no final do treino”*. Meio sem jeito, acomodo-me no gradil de proteção que separa o passeio da quadra e ponho-me atentamente a observar o restante do trabalho. Estão finalizando uma atividade que, segundo o treinador, desenvolve algumas habilidades no uso da prótese de performance em situações que são solicitadas durante a competição. *“Ô professor, chega mais, não precisa ter medo que ninguém vai te atropelar”*, diz um atleta. Sem disfarçar meu embaraço, aceno sinalizando estar bem acomodado e foco minha atenção nos trabalhos do grupo. Em duplas, disputam corridas em zigue-zague que exigem muita força e agilidade no manuseio da cadeira de rodas. Executam movimentos ritmados de tronco e braços num esforço frenético para conseguir vencer todas as etapas do exercício. Em alguns momentos comunicam-se através de curiosos codinomes, como, *roller, chumbado, roda torta, porca véia, turbina*, entre outros. No final do treino, apresentam-se cansados, mas ainda arranjam forças para o último desafio na quadra: o treinador organiza uma competição que terá como vencedor aquele que conseguir atravessar a quadra de basquete com o menor número de tocad²⁹ na cadeira. Esta, especialmente construída para oferecer estabilidade ao jogador, tem de ser veloz e segura. Deve proporcionar manobras rápidas e ter a rigidez necessária para suportar os choques que não são eventuais. Um aparelho feito sob medida e para uso restrito. *“Não sou ninguém sem ela, não é mesmo?”*³⁰, diz um atleta, *“mas em compensação ela não serviria para nada sem mim”*, completa. Encerrado os trabalhos os atletas deslocam-se até a sala do basquete, espécie de oficina onde guardam, além das

²⁹ Ação realizada com as mãos e a ajuda do tronco no aro de impulsão da cadeira de rodas que possibilitam seu deslocamento (ABRADECAR, boletim nº 73, 29/07/2003).

³⁰ Depoimento coletado em 26.10.2004, no Ginásio Tesourinha, durante treino da equipe de basquete em cadeiras de rodas.

cadeiras funcionais, acessórios, peças e outros equipamentos para manutenção. Este local é, onde também, fazem a troca das próteses. Na saída do ginásio dois cadeirantes deslocam-se rapidamente até o local de embarque dos ônibus gerando comentários no grupo: *"onde vão com tanta pressa, seus chumbados"*, alguém comentou. *"O ônibus já vai passar, e se a gente perder vamos ter que ir para casa tocando cadeira"*, responderam.



Ilustração 14: Competição da Liga Sul 2006 de basquete em cadeira de rodas.

3.2.1 A ciborguização do atleta cadeirante

“A humanidade do corpo reside na sua aptidão técnica”. A afirmação de Dominique Bourg (1996, p.251) faz-nos crer que possivelmente nunca houve, não há e jamais haverá vida humana sem um ambiente técnico permanente, que tenha em sua origem a produção do utensílio pelo corpo. Longe do exagero, a afirmação de Bourg, rechaça, de certa maneira, um certo romantismo deprimente que sustenta o discurso do descarte da natureza, de sua falência e renegação em detrimento à tendência tecnicista do mundo.

Historicamente o homem nunca foi a natureza; ele sempre quis se diferenciar dela. Daí a própria idéia de se construir as civilizações, de se tornar senhor da natureza. Sempre existiu a tentativa por parte do homem, de se diferenciar e colocar, de alguma maneira, a natureza a seu serviço. Isso significa que o homem é historicamente muito mais técnico do que poderíamos supor, afirma Couto (1998, p.4).

A intensificação da apropriação técnica do corpo se deu a partir de um processo histórico que se iniciou com a produção de utensílios imitativos da capacidade humana. A etapa seguinte, desse processo histórico, marcou o movimento de substituição amplificada da força física e a mecanização da locomoção do ser humano como eventos característicos da revolução industrial. O advento da eletrônica fez o ser humano avançar à construção de aparelhos extensores dos órgãos dos sentidos, desencadeando o que Santaella (1997) chamou de um processo gradativo de humanização das máquinas.

Essa autora afirma que cada vez mais a comunicação com a máquina, a princípio abstrata e desprovida de sentido para o usuário, começa timidamente a ser substituída por processos de interação sensório-motores informatizados que se integram aos sistemas de sensibilidade e cognição humana, construindo um novo ecossistema sensório-cognitivo que está lançando novas bases para se repensar a robótica não mais como máquinas que trabalham para o homem, mas como a emergência de um novo tipo de humanidade (1997, p.40-41).

Atualmente, vivemos um tempo onde a noção de equipamento técnico está sendo definitivamente substituída por um agenciamento instável e complicado de circuitos, órgãos, nano-objetos, estruturas moleculares sintéticas, chips, onde sistemas inteligentes de gerenciamento de dados, reconhecimento de formas e autodiagnóstico credenciam-se como dispositivos aptos a conectarem-se cada vez melhor aos módulos cognitivo, sensorial e biológico do ser humano.

Algumas épocas ficaram marcadas na história pelas navegações, outras, pelas guerras colonialistas, ou pelas insurreições de massa. A nossa, de certa forma, será lembrada pela erupção sem precedentes das tecnologias digital, molecular, robótica e das telecomunicações. As descobertas feitas e as que se anunciam no quadro da contemporaneidade apontam para um corpo híbrido, que sofre mutações ao nível da

própria estrutura, para assumir uma dimensão biótica, um corpo que contém na própria estrutura celular o embrião de sua clonagem protética, com refere Baudrillard (1991):

É a fórmula genética inscrita em cada célula que se torna a verdadeira prótese moderna de qualquer corpo. Se a prótese é normalmente um artefato que substitui um órgão deficiente, ou o prolongamento instrumental de um corpo, então a molécula de DNA, que contém toda a informação relativa a um corpo, é por excelência a prótese que irá permitir prolongar indefinidamente esse corpo através dele próprio – tornando-se ele a própria série indefinida das suas próteses (p.150).

Já faz algum tempo que a tecnologia deixou de ser algo discreto em nossas vidas, monitorando nossas rotinas, produzindo mudanças substanciais em nossos corpos, em nossos sistemas de vida, na reorganização social e política da sociedade, na definição de nossa própria cultura. O acoplamento homem-máquina conquistou extensão e banalidade ao abranger a área médica e a vida comum das pessoas, tornando seus corpos um campo de intervenções artificiais, instituindo processos de subjetivação inéditos e fazendo surgir novas espécies de organismos, híbridos de múltiplas próteses.

Nesse contexto, então, onde proliferam equipamentos e redes de informação, comunicação e miniaturas tecnológicas, estabelecemos uma aproximação entre o corpo do atleta cadeirante e a metáfora do ciborgue, desenvolvida pela bióloga e feminista Donna Haraway. Foi ela quem desenvolveu por primeiro essa temática nos estudos da cultura, a partir do capítulo “Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX”, de seu livro *Simians, Cyborgs and Women. The Reinvention of Nature (1991)*³¹.

Antes de Haraway, o termo ciborgue [*cyborg*] (abreviatura de “*cybernetic organism*”) foi usado pela primeira vez em 1960, no artigo “Ciborgues e espaço” escrito por Manfred Clynes e Nathan Kline. Envolvidos, na época, pelo contexto da conquista espacial, os dois autores pensaram a criação de um homem capaz de resistir a condições de existência distintas das oferecidas no ambiente terrestre, um organismo cibernético, híbrido homem-máquina com um corpo reforçado por múltiplas próteses (KUNZRU, 2000; LE BRETON, 2003; FIDALGO E MOURA, 2004).

³¹ A *Cyborg Manifesto: Science, Technology and Socialist-Feminism in the Late Twentieth Century*”, traduzido por Tomaz Tadeu da Silva (2000) no livro *Antropologia do ciborgue* (p.37-129).

Já na literatura de ficção científica o conceito ciborgue, parece ter surgido em uma história de Arthur Clark, em 1965, chamada *The city and the stars*, quando o autor referiu-se a ciborgues como personagens cibernéticos (COUTO, 2000; LEMOS, 2002). Segundo Le Breton (2003, p.208-209), na ficção os ciborgues incorporam um hibridismo científico entre o humano e a máquina e são criações específicas do gênero masculino; a afirmação concreta de um sentimento desprezível simultâneo entre o corpo, a sexualidade e a sensibilidade humana.

As imagens violentas e guerreiras de *Robocop* ou *O exterminador do futuro*, por exemplo, reproduzem uma época em que a supremacia masculina não era questionada e que, através do aditamento tecnológico o homem restauraria seu poder de controle e dominação sobre outras formas de vida. As apresentações do ciborgue no cinema, hoje construídas de forma caricatural, veiculam um sistema de valores vinculados ao machismo e a agressividade (*ibidem*).

O ciborgue, elemento recorrente na ficção científica contemporânea, na teoria de Donna Haraway é utilizado como metáfora para reivindicar um movimento de conspiração contra os conflitos sociais de grupos menos expressivos hegemonicamente, uma espécie de crítica da identidade em favor das diferenças. Com as novas tecnologias, as fronteiras entre o orgânico e o inorgânico, entre cultura e natureza entram em colapso. As realidades da vida moderna implicam uma relação tão íntima entre as pessoas e a tecnologia que não é mais possível dizer onde nós acabamos e onde as máquinas começam. A microeletrônica resulta numa desmaterialização numérica do mundo, numa indiferenciação cada vez maior entre o visível e o não-visível, entre o físico e o não-físico, e a biotecnologia sugere um novo entendimento sobre o que seria a vida, focalizando a sua dimensão molecular.

Híbrido de máquina e organismo, o ciborgue, de Donna Haraway, simboliza a ruptura e a confusão dessas fronteiras, reivindicando uma certa neutralidade, um certo estado intermediário. Para ela esse estado intermediário possibilita uma mudança de mundo; um mundo sem gênero dominante, sem lutas de classes e políticas de dominação, um mundo de estratégias, de despistes e negociatas (SFEZ, p.285-286).

Essa teoria, diz ela,

(...) é um argumento em favor do prazer de confundir essas fronteiras, bem como em favor da responsabilidade em construí-las. É também um esforço de contribuir para a teoria e para a cultura socialista-feminista, de uma forma pós-modernista, não-naturalista, na tradição utópica de se imaginar um mundo sem gênero, que será talvez um mundo sem gênese, mas, talvez, um mundo sem fim (HARAWAY, 2000, p.42).

Desconstruir as grandes oposições binárias que, de algum modo, interpelam nossos pensamentos, estranhar as naturalizações instituídas pelas culturas hegemônicas, reorganizar o comportamento a fim de questionar as tecnologias de dominação e controle sobre categorias culturais subjugadas e, sobretudo, assumir corporalmente suas conexões com o mundo, seu hibridismo, é um modo de ser e de pensar ciborgue. Para Kunzru (2000, p.28) “Haraway executa um truque magnífico fazendo com que o ciborgue se transforme de um ícone do poder da Guerra Fria em um símbolo da libertação feminista”.

Neste sentido é que Donna Haraway propõe que

a imagem do ciborgue pode sugerir uma forma de saída do labirinto dos dualismos por meio dos quais temos explicado nossos corpos e instrumentos para nós mesmas. (...) Significa tanto construir quanto destruir máquinas, identidades, categorias, narrativas espaciais (*op. cit.*, p.108).

A dimensão que assume o estudo de Haraway autoriza a análise, na perspectiva ciborguiana, de aspectos relacionados, por exemplo, à naturalização da deficiência no atleta cadeirante na sociedade capitalista. Alguns autores (JANUZZI, 1992; ROBERTES, 1996; CARVALHO, 1996) afirmam que o modelo capitalista de produção e consumo de uma sociedade que exalta a eficiência técnica e a produtividade, demonstra ser inclemente com as pessoas com deficiência, especialmente porque os termos eficiência e deficiência estão diretamente relacionados com os interesses de um sistema que define e classifica os indivíduos de acordo com valores e padrões socioculturais estabelecidos.

Se tentarmos observar as condições de vida a que as pessoas com deficiência vêm sendo sujeitas, nestas sociedades, talvez percebamos que as políticas sociais atuam de uma forma muito tímida e superficial no enfrentamento da naturalização dessa exclusão. O elemento biológico individual da pessoa com deficiência, espécie de fratura na construção de sua aparência, caracteriza-se como determinante no processo de compreensão da sua não participação nas atividades centrais da sociedade. A representação de invalidez, sustentada na ausência ou na falha biológica parece resistir a desnaturalização da dependência (NEVES, 2003; MARTINS, 2006).

A deficiência desses atletas, historicamente nesse contexto, foi e ainda é descrita como natural, sendo esses indivíduos representados como naturalmente inválidos, fracos, incapazes: como se fosse de sua natureza “viverem” a margem da sociedade, excluídos do mercado de trabalho. E “se todas essas coisas são naturais significa que não podem ser mudadas e pronto!” (KUNZRU, *op., cit.*).

Por outro lado, afirma esse autor, se os homens [cadeirantes e suas deficiências] não são naturais, mas construídos culturalmente, tal como um ciborgue, então, na teoria de Haraway, todos podem ser reconstruídos, ressignificados. “A idéia do ciborgue pode ser, no fim, a forma que Haraway tem de nos mostrar como deixar que os caras [atletas cadeirantes] sejam os caras, em vez de marcá-los por meio de divisões arbitrárias e cruéis” (*idem*, p.35). Essa perspectiva possibilita decidir se é natural ter uma sociedade que define certo grupo social como incapaz e inválido produtivamente. Talvez os cadeirantes estejam fisiologicamente destinados a viverem como incapazes e inválidos. Talvez não.

Muito utilizado entre os cadeirantes o termo “*chumbado*”, de acordo com os próprios atletas, designa a pessoa com deficiência física que por lesão ou patologia desenvolveu paralisia nos membros inferiores. Conforme Aurélio Buarque de Holanda (2000), “*chumbado*” significa aquele que está preso com/ao chumbo, carregado de chumbo; palavra que remete a peso, elemento metálico muito denso. Literalmente o *chumbado* é aquele que transporta uma carga de chumbo, uma carga pesada. Entre os atletas cadeirantes o termo identifica aqueles que dependem da cadeira de rodas para assumir as rotinas de vida diária, os que estão “*presos*” a uma prótese que não se disfarça. “*Presos*” no sentido de perderem mobilidade quando dela não fazem uso, comprometendo as ações de ir e vir. Sem a prótese de auxílio de vida diário existe o sentimento das funções ausentes, a percepção da falta, o sentido da falha, um exílio do movimento. Sem a prótese de performance perde-se o ajuste técnico, o rendimento, a potencialização. Entre os *chumbados* [atletas cadeirantes] a perspectiva é de que o uso da cadeira de rodas como prótese não caracteriza um corpo deficiente, especialmente aquele corpo com a representação de dependência, invalidez e improdutividade, atribuída pela sociedade capitalista.

Vale ressaltar, a partir dessa análise, algumas falas que destaquei durante os acontecimentos observados:

“(...) pessoal sob o ponto de vista da sede, algum de vocês poderia me dizer qual a diferença entre os dois copos?”, disse Jorge durante uma palestra, após amassar um copo antes de beber água.

“Para a gente é muito importante poder ir e vir sem depender de ninguém. (...) preciso ver o que é melhor para mim, por mim mesmo, só assim vou saber até onde posso ir e o que é preciso fazer para ir pra frente. A gente precisa se ver como chumbado”, disse Mário.

“Aceitar a limitação é a primeira lição do cadeirante. Nossa limitação física nos torna diferentes dos outros, nem menos nem mais deficientes”, afirma um chumbado.

É recorrente entre as falas dos atletas observados a incorporação de um sentimento de assimilação e valorização da construção de sua funcionalidade, revelando desconsideração em relação a representações e significados que os definem como dependentes e inválidos. Jannuzzi (1992) manifesta seu pesar, ao considerar que, até hoje, a palavra deficiente, apresenta um significado reduzido ao plano biológico que enfatiza a aceção de falta, de exclusão e imperfeição, e que deveria suscitar a questão tão somente da diferença.

O fundamento conceitual da deficiência contemporânea, na intuição de Bavcar (2003), advém do início da Revolução Industrial que consagra o deficiente de guerra como signo que representa tanto os inválidos do trabalho como os inaptos para uma existência conforme normas definidas em uma determinada situação histórica. A palavra deficiente, bem como a proliferação das expressões contemporâneas que a substituem, testemunha os esforços feitos pela humanidade para dissimular a verdadeira substância que essas palavras designam, isto é, o corpo. Aceitar a si próprio e ao aperfeiçoamento técnico e tecnológico que se oferece como mediador de suas possibilidades, “superando a cada instante, fraquezas e obstáculos do momento presente” é o grande desafio destes atletas (BAVCAR, *op. cit.*, p.190).

Um fato que a teoria de Dona Haraway me faz perceber é que a ciborguização do atleta cadeirante, de certa forma autoriza-o a contestar e romper com significados que admitem sentidos desqualificados e depreciativos atribuídos a seus corpos. A imagem do ciborgue, decorrente do processo de ciborguização, invade o corpo cadeirante contrariando representações que resultam em qualquer naturalização identitária marcada por interesses hegemônicos.

Esse corpo exige, portanto, uma política ciborgue, baseada na luta contra a existência de um código único, “uma teoria universal, totalizante” (*ibidem*, p. 108), francamente favorável às fusões biotecnológicas entre homem e máquina, onde ressalto o caráter dinâmico dessas tecnologias e suas redes como instrumentos para a imposição de novos significados.



Ilustração 15: Preparando as próteses de performance.

As próteses integram-se às funções e aos órgãos, substituindo o biológico. O borramento das fronteiras entre o artifício e a carne se traduz na construção de biomatérias, ou pela conexão de músculos com materiais mecânicos ou eletrônicos. As

oposições binárias culturalmente tradicionais se rompem: natural e artificial, homem e máquina, vivo e inanimado, real e virtual, humanidade e animalidade etc. Para Le Breton (2003, p. 206) “sem a prótese a vida diminuiria até a legítima deficiência ou a morte inelutável, tudo nos leva a crer que o ciborgue é uma autorização dada pela técnica para o prosseguimento da existência individual”.

O atleta cadeirante é o próprio ciborgue. Não bastasse sua imagem de acoplamento à prótese de performance, a hibridação que se impõe duplamente, como marca da contemporaneidade e da deficiência é justamente responsável por tornar menos nítida e operacional a oposição entre o orgânico e o inorgânico, entre a natureza e a tecnologia. A conexão entre homem e máquina justifica a existência do ciborgue, na emergência de não mais conceber o homem sem referência à máquina.

Destaco entre os acontecimentos observados durante a pesquisa algumas falas que remetem a significados que reinventam esses corpos a partir de suas conexões e seus aditamentos técnicos:

“Estou me sentindo bem hoje” disse Mário, ao terminar a primeira série de quatro mil metros, cerca de dez voltas na pista. *“O motor está cada vez melhor”* afirmou o atleta, apontando para a cadeira.

“Cansei, mas acho que foi bom... parecia que estava azeitado hoje”, ressaltou Mário.

Permanentemente sob o olhar do outro, a presença tecnológica incorporada ao atleta cadeirante, evidência do híbrido, mais que um limite de territórios entre o homem e a máquina, identifica a incidência do ajuste técnico em decorrência da necessidade de desempenho do atleta em relação à prática corporal. A penetração da vida e do corpo pela técnica, característica não menos importante do ciborgue e representada aqui nas falas pelo *“motor e seus fluidos”*, faz da carne do atleta, de seu pedaço biológico, o invólucro da prótese de performance, uma exibição escandalosa do corpo conectado.

A fim de melhorar as possibilidades de rendimento que, de certa forma traduz-se na reestruturação das performances cotidianas, o ser humano é continuamente submetido

à indústria tecnológica do aprimoramento corporal. As ações individuais, sustentadas por programas e dispositivos técnicos, passam a ser dirigidas com o objetivo de se obter melhor forma física, melhor desempenho, marcas definitivas da ação colonizadora da tecnologia. O atleta cadeirante já trás consigo o acontecimento explícito e urgente da técnica e, por isso, inventa o ciborgue, produzindo um estado corporal fictício e real, característica do próprio corpo na contemporaneidade.

Essa ficção-real do corpo ciborgue, como afirma Couto (2001, p.89), aparece como arma defensiva que existe para a sobrevivência do homem [e dos ciborgues] na sociedade tecnológica em que velocidade, precisão, resistência e performatividade são valores imperativos, uma tecnoestratégia de subsistência para a emergência contemporânea. Ao sugerir a metáfora do ciborgue como estrutura de uma nova realidade corporal, lugar do humano e da identidade, Haraway indica ser peculiar na contemporaneidade o questionamento a respeito das dicotomias tradicionais. A tecnologia transgride fronteiras, sobretudo entre o natural e o artificial, o orgânico e o inorgânico.

Dessa forma torna-se possível afirmar que a ciborguização do atleta cadeirante se estabelece pela supressão das fronteiras entre o artificial e o biológico através da conexão pele-prótese, mas, antes, pela exteriorização do próprio artefato técnico potencializado, com vistas à melhoria de sua performance. Ser um ciborgue, de acordo com Kunzru (*op. cit.*, p.25-26), não tem a ver com quantos bits de silício temos sob nossa pele ou com quantas próteses nosso corpo contém. Tem a ver com o fato de viver e estar em lugares que simplesmente deixariam de existir sem a idéia do corpo potencializado, o corpo como máquina de alta performance.

Tomo emprestado de Tucheman (1999) o exemplo de uma atleta paraolímpica de 22 anos que sofreu amputação dos membros inferiores já no primeiro ano de vida. Aimee Mullins é uma atleta que utiliza próteses especiais para corrida e um outro conjunto de pernas para as atividades da vida diária. Nas pistas detém os recordes mundiais, em sua categoria, dos 100 e dos 200 metros rasos, ficando apenas cerca de cinco segundos atrás do recorde olímpico nos 100 metros e catorze segundos do recorde dos 200 metros. “Sem

o defeito, congênito, Aimee seria, muito provavelmente, uma moça comum de 22 anos. Com suas próteses ela transforma-se em fenômeno”, diz Tucherman (*op.cit.*, p.192).

Pensar no atleta cadeirante, e sua prótese de performance, e na atleta de Tucherman com suas pernas protéticas, faz-me ver certas semelhanças que vão além do fato óbvio da perda da mobilidade causada pela lesão ou amputação. Todos os dois assumem a transgressão de seus destinos, rompem com a representação de corpo improdutivo, desconstruindo a fixidez de suas identidades e, principalmente, subjetivam-se a partir de seus hibridismos. Constituem-se, portanto, atletas ciborgues.

Para Haraway, a sofisticação das práticas de treinamento e o desenvolvimento de tecnologias para a construção de equipamentos e acessórios dão conta da artificialidade dos atletas olímpicos na era do ciborgue. “Treinamento e tecnologia fazem de todo o atleta olímpico um nó em uma rede tecnocultural internacional tão ‘artificial’ quanto o supercorredor Bem Johnson no ponto máximo do consumo de esteróides” (KUNZRU, *op. cit.*, p.26). Ela afirma que “ser ciborgue não tem a ver simplesmente com a liberdade de se autoconstruir [de se resignificar]. Tem a ver com redes” (*idem*, p.29). Nós, humanos do século XXI, estamos todos conectados através de uma teia de informações fornecendo e recebendo dados num fluxo multidirecional quase que instantâneo de mensagens.

Um comentário entre corredores cadeirantes durante o período de aquecimento para uma das provas observadas despertou-me interesse:

“(...) hoje o bicho pega, né? Também, só pode..., fiquei sabendo que o Bionicão vai correr para tentar ranquear, cara!”, comentaram os atletas antes da prova.

O *Bionicão*, personagem de desenhos animados na década de 80, incorpora a versão mecânica do popular *Scooby-Doo*. É um supercão, uma fusão entre animal e máquina, com poderes biônicos, radares e sensores, uma sátira ao *homem de seis milhões de dólares* da televisão que surgiu no final da década de 70. O apelido representa de certa forma, toda a característica híbrida do atleta cadeirante, meio humano (animal) meio máquina, e também o ajuste e qualidade técnica de um equipamento diferenciado potencializador (a prótese de performance), uma máquina que possibilita ao atleta,

através de sua estrutura tecnológica, maximizar força e desempenho. Vestir a prótese de performance, articular-se com territórios de outras naturezas, cuja consistência maquínica desfigura e, ao mesmo tempo hibridiza o corpo, garante ao atleta cadeirante, incorporar atributos que configuram o ser ciborgue, o princípio do corpo potencializado.

Em decorrência disso, a análise que estabeleço através do olhar sobre a artificialidade do atleta cadeirante, do corpo-máquina, admite pensar a partir da evidência explícita de sua prótese de performance, uma construção ciborguiana desencadeadora dos processos de potencialização desse corpo. O atleta cadeirante com deficiência física, aqui objeto de pesquisa, aditado por práticas tecnologicamente potencializadas, incorpora o ciborgue vivenciando suas experiências corporais nas corridas do atletismo, no basquete em cadeira de rodas e na esgrima adaptada, designados historicamente esportes paraolímpicos. A aproximação desse corpo transgressor e transgredido com essas práticas corporais institucionalizadas denota o que chamei de híbrido paraolímpico, elemento performático que sustenta um perturbador e prazeroso acoplamento com a tecnologia, que assume a performance do ciborgue impondo a excelência de sua potencialização.

Já foi dito que o paradigma ciborguiano vem como que celebrar a produção artificial do corpo e surge para quebrar fronteiras, potencializando as fusões entre os seres e os artifícios. Nesse sentido, Haraway (2000) exemplifica a “existência” de um ciborgue pela possibilidade de junção das fronteiras entre animais (ou outros organismos) e humanos, e entre máquinas autocontroladas, autogovernadas (autômatos) e organismos, especialmente humanos.

Uma fala que, coincidentemente, parece elucidar a desestabilidade dessas fronteiras na perspectiva ciborguiana foi mencionada por um técnico no decurso de uma prova, e capturada por mim durante a observação do evento:

“Parecem aranhas”, comenta um técnico, ao vê-los ainda agrupados fazerem a primeira curva no percurso.

Uma mistura impressionante, eu diria: a conexão entre o homem, o animal e a máquina. “O ciborgue é essa criatura de realidade social e também uma criatura de

ficção, uma imagem condensada tanto da imaginação quanto da realidade material” (HARAWAY, op.cit., p.40-41).

Mas é, principalmente, através da conexão homem-máquina que Haraway nos conduz a pensar nas construções do eu e do outro em uma zona de deslizamento de fronteiras, tornando o eu e o outro formas ambíguas, indefinidas e achatadas. Ela direciona sua análise para proclamar a existência de identidades fraturadas em um sentido que impossibilita que essa análise resulte em qualquer naturalização de alguma matriz identitária, alguma totalidade ou unidade restaurada.

Quero me permitir reaproveitar, por sua riqueza de significados a seguinte passagem de um corredor cadeirante, já destacada em outra análise:

“Tem momentos que não sei nem se sou eu que corro ou é a cadeira que corre por mim”, relata um cadeirante corredor durante um intervalo de recuperação no seu treinamento.

O ciborgue, segundo Haraway, trafega nas fronteiras cada vez menos distintas dessas dicotomias com toda a ironia e tranqüilidade. Sendo simultaneamente máquina e humano, desloca qualquer lógica de identidade. Ao revelar a confusão estabelecida na origem do ato gestor de sua performance, no monitoramento da intencionalidade da ação potencializadora, o cadeirante admite sua ciborguização através da eliminação das fronteiras entre o que depende dele em um comportamento, neste caso a própria ação de desempenho, e o que cabe a intervenção técnica da prótese de performance. A manifestação do atleta cadeirante revela de certa forma, a ambigüidade na diferença entre aquilo que se cria e aquilo que é externamente criado, fazendo com que os mecanismos que defendem a prerrogativa da singularidade do homem e da máquina sejam rearranjados: não se sabe ao certo se o cadeirante apropriou-se da prótese, ou se foi incorporado por ela.

3.3 Cena três

Chovia forte e a estande de tiro estava concorrida. Quatro a quatro os atiradores iam revezando-se, disputando ponto a ponto cada alvo durante o treino de tiro de pistola. No salão principal da sede, um concorrido treino de esgrima adaptada chama minha atenção e dos atiradores que aguardam o momento do treino. O contato das lâminas flexíveis das espadas produz um som eletrizante dando realismo e emoção ao embate, os grunidos de esforço dos atletas precedem esquivas de tronco entre um golpe e outro. A fixidez das cadeiras junto ao “trilho” impossibilita a fuga do esgrimista, evidenciando a coragem e a exigência técnica que a prática da modalidade solicita. Por fim, a máscara de proteção, um equipamento obrigatório que, além de dificultar a visão do atleta, acentua o desgaste provocado pelo calor e complementa o cenário da luta.



Ilustração 16: Competição de esgrima nos Jogos Mundiais do Rio de Janeiro.

De acordo com o técnico que acompanhava o treino dos atletas, realizando algumas adaptações como a fixação da cadeira de rodas à pista metálica e a disposição do árbitro na hora do assalto, as necessidades dessa modalidade são idênticas às da esgrima convencional. Os assaltos têm a mesma duração em tempo e número de toques, o sistema de competição é o mesmo que se pratica na esgrima tradicional, e o atleta com

deficiência, ao participar de um confronto, também é exigido fisicamente e psicologicamente. *“Quando consigo uma resposta³², seguido de um toque no adversário marcando um ponto, sinto a mesma sensação de quando marcava um gol no futebol. Quando estou esgrimindo minha única deficiência é a da técnica”*.

3.3.1 A performance do híbrido: superação e deficiência.

Deslocar nosso olhar para práticas culturais cuja centralidade localiza-se na performance esportiva desses cadeirantes, nos remete a pensar os dispositivos que desencadeiam os processos de subjetivação desses híbridos, a partir das ações de performance que se apresentam relacionadas com o agenciamento tecnológico desse corpo, especialmente, através das evidências de sua potencialização. Dizendo de outra forma as práticas corporais institucionalizadas, enquanto sistemas de representação interpelam esses corpos, posicionando-os e nomeando-os como atletas, significando-os a partir de suas relações com a tecnologia e a potencialização.

Entretanto, tento descrever a performance do híbrido a partir de duas possibilidades entre outras prováveis. Uma possibilidade me permite olhar para a performance do híbrido no sentido de perceber a atuação do cadeirante em transformar-se atleta, a outra possibilidade visualiza a performance do híbrido como a ação do atleta cadeirante relacionando-se com uma prática tecnologicamente potencializada. A primeira autoriza-me a ver um processo de reconfiguração do corpo, a segunda um processo de potencialização, ambas remetem a construção de novos significados.

De um lado um corpo que busca através de sua inserção no universo das práticas corporais esportivas romper com fatores que tornam impeditiva sua aceitação social, do outro um corpo que assume a superação de seus limites através da ação potencializadora de um artifício tecnológico. Em ambos os casos, as performances representam possibilidades de desconstruir e fraturar um verdadeiro sistema de extermínio social pelo

³² Movimento técnico da esgrima que ocorre quando o esgrimista, após mudar de posição com a arma, apra um ataque de seu adversário (TOQUE A TOQUE, 2004).

qual são submetidos esses híbridos que, além de serem excluídos das responsabilidades sociais, também o são dos privilégios, vantagens e oportunidades.

- *“Pronto..., me transformei! Agora sou um atleta, não um deficiente. Já faz algum tempo isso..., a partir deste equipamento me tornei conhecido, não como um aleijado e sim como um corredor cadeirante”*, disse Jorge logo após trocar de cadeira durante uma palestra.

- *“Na A.V.D. (prótese utilizada nas atividades de vida diária) sou um deficiente, mas nessa cadeira as pessoas me vêem de outro jeito”*, diz o palestrante. E completa: *“o sujeito é atleta antes de ser deficiente”*.

- *“O fato de eu estar feliz não tem nada a ver com o fato de eu ter ou não deficiência física, e sim com o fato de eu ser ou não atleta”*.

- *“Quando estou esgrimindo minha única deficiência é a da técnica”*.

Transfigurar-se é, conforme Aurélio Buarque (2000), uma mudança radical na aparência, no caráter, na forma; uma metamorfose. E é justamente este sentido que me parece incorporado ao depoimento desse atleta. Ao vestir a prótese de performance o cadeirante autoriza-se a assumir uma identidade provisória sustentada por uma visibilidade que o remete a valorização de um corpo em conflito com a normalidade. Nesse contexto a visibilidade desse corpo estabelece forte relação com a prática esportiva, sua performance e potencialização.

Nesse caso o atleta assumiu uma identidade que transita por um espaço de vínculos e fluxos do universo esportivo, lugar incontestável da ação tecnológica, em busca de performances e superação. O significar atleta, para esse sujeito de corpo suprimido, aponta à conquista de uma subjetividade que desconsidera e repudia as subjetivações que naturalizam sua impossibilidade de movimento e, principalmente, o aproxima de uma intencionalidade funcional cujos desdobramentos provocam o envolvimento com práticas e ações que podem lhe atribuir significados valorizados socialmente.

Essa valorização está presente em uma das falas capturadas, onde se percebe a intensidade e dimensão do significar-se referência no esporte. Vejamos:

“Meus resultados são admirados por todos. Sou uma espécie de ídolo deles, já fui referência nacional como corredor cadeirante, e isto não é pouco”, afirma Jorge enumerando suas principais conquistas.

O esporte contemporâneo concebido por Helal (1998) como um fenômeno de massa não consegue se sustentar por muito tempo sem a presença de “ídolos”, especialmente por levarem as pessoas a se identificarem com sua especificidade. O papel que desempenham como representantes de um segmento, grupo ou comunidade, exibindo sentimentos e atitudes que misturam sacrifício, determinação e superação, corrobora com a construção da condição de herói. *Jorge* internaliza o sentimento de ídolo em consequência da experiência adquirida como pioneiro no esporte adaptado, como corredor cadeirante e, sobretudo, pelas conquistas obtidas no decorrer de sua carreira.

A construção de uma vivência corporal sustentada pelas práticas esportivas, pela intencionalidade em buscar e superar limites, juntamente com o comportamento autônomo e independente que o esporte demanda, potencializa o atleta cadeirante desenvolvendo capacidades e valores que, de certa forma, o constitui referência entre seu grupo de pertencimento. A ação intencional em busca do melhor rendimento impele o cadeirante a romper barreiras, fazendo dessa superação a razão de ser de sua prática corporal.

O atleta de alto rendimento, conforme Rúbio (2001) na atualidade tem sua imagem vinculada ao espetáculo e ao lazer. Seus feitos são capazes de levar multidões a estádios e ginásios, produzindo verdadeiros espetáculos, ou causar dor e comoção coletiva em caso de acontecimentos que os afastam do panorama das competições.

Entretanto, conforme estudo realizado por Moura e Castro e Garcia (1998), é inexpressiva a presença de público nos acontecimentos esportivos que envolvem os atletas com deficiência. De acordo com esses autores, desde a década de 60 vivenciamos grandes eventos onde participam atletas com deficiência, sendo os Jogos Paraolímpicos

os de maior repercussão mundial. Essas competições, cada vez mais plurais, acontecem sem público e sem divulgação da mídia o que os levou a desenvolver a pesquisa.

As prováveis causas da não presença de público nos eventos esportivos para pessoas com deficiência, destacadas pelos autores, foram a emoção do esporte e a identificação com o tipo heróico. A primeira razão se justifica em parte por que o esporte para pessoas com deficiência parece não possuir elementos suficientemente atraentes para levar aos ginásios e estádios um público sedento de emoções. A segunda razão é a identificação com os heróis do esporte, vinculada aos ideais de saúde, beleza e juventude. O atleta com deficiência não é uma “figura esportivamente simpática para muitos daqueles que se julgam normais” (idem, p. 206-207).

De fato, nos acontecimentos observados durante a pesquisa não constatei a presença significativa do público, inclusive em eventos de expressão nacional, porém, vale ressaltar, o desinteresse da mídia em divulgar essas competições. Atualmente já são percebidas algumas iniciativas no sentido de oportunizar maior visibilidade na realização de alguns desses eventos, como é o caso de um circuito nacional de atletismo e natação paraolímpica, patrocinado e promovido por uma instituição federal, do qual Porto Alegre faz parte como sede em uma etapa. O interessante é que nos vários painéis, do tipo “*out-door*”, espalhados pela cidade, que fazem a divulgação do evento, podemos observar em destaque um atleta corredor com deficiência visual que reúne em sua aparência todos os atributos físicos de uma formidável beleza plástica, onde sua deficiência não rompe com os habituais padrões de beleza. Um procedimento que corrobora com o trabalho já citado de Moura e Castro e Garcia.

Não são apenas os elementos empenhados nas disputas que fazem do atleta um ídolo ou herói de um segmento social, garante Rúbio (2001). A trajetória de sacrifícios e obstáculos superados define um caminho que envolve persistência, paciência e determinação, características que despertam interesse e admiração. A construção dessas identidades se estabelece a partir de emocionantes histórias de vida que contam como estes atletas foram superando todas as dificuldades até chegarem ao topo. As ações realizadas por eles, quase sempre uma mistura de força, coragem, astúcia e determinação

são supervalorizadas e somadas ao tipo de vida estruturada e disciplinada a que são submetidos, contribuem para que a imagem de ídolo e herói se consolide.

Com os atletas cadeirantes se estabelece algo semelhante. Vejamos as seguintes falas:

Perguntei ao *Lucas*, atleta e técnico do grupo, como se dava o deslocamento até o ginásio. “*Temos colegas que saem de casa às nove da manhã, mas normalmente o pessoal leva em torno de duas horas e meia para chegar até o ginásio, a maioria mora perto*”, disse ele.

. “*Na verdade a gente não esquentava mais a cabeça com os problemas de acesso*”, afirmou *Lucas*. “*Aceitar a limitação é a primeira lição do cadeirante*”, e completou: “*pelo basquete fazemos qualquer coisa*”.

“*esse negócio de acesso é complicado; pode ter rampa, elevador, se o chumbado não se ver assim, não vai sair*”.

- “*Não sabem que existimos, que somos como eles. (...) na verdade, agora [jogando basquete] não somos mais como eles...*”, diz *Nelson*.

No caso dos atletas cadeirantes, suas falas, de certa forma, demonstram esse espírito de superação apontado pela autora, onde o assumir-se *chumbado* torna-se determinante para o cadeirante iniciar sua trajetória em busca de caminhos que levem a superar seus problemas. A tolerância com as dificuldades de acesso e transporte, que se percebe com destaque secundário nas falas, pode ser o prenúncio de uma atitude de determinação e superação em relação aos obstáculos comuns enfrentados e, provavelmente, decorre da relação dedicada e prazerosa que estabelece com a prática esportiva.

Esse indivíduo, ídolo e herói a quem *Rúbio* caracteriza com clareza, é considerado um exemplo raro nas comunidades, um entre milhares e usufrui dessa condição uma vez que é mínima a parcela da população que pratica esporte com finalidade competitiva e consegue atingir níveis de atuação e exposição que justifiquem a sua situação de ídolo (op. cit., p. 100). O outro de quem falo, o atleta cadeirante,

caracterizo como um ser híbrido que se movimenta, intencionalmente, em busca de sua auto-superação (SÉRGIO, 1989, p.21), potencializando-se e assumindo a valorização e o destaque que Rúbio já apontara como dote dos ídolos.

É possível perceber isso lembrando algumas expressões capturadas durante os acontecimentos.

- “(...) *nessa ninguém perdeu..., já chegam aqui vencedores, né!*”, disse o jovem.

- “*estranho mesmo era não ver ninguém triste depois da linha de chegada*”.

Cada vez mais integrado à especificidade da prática esportiva adaptada, o cadeirante ostenta a representação de atleta cuja ação é significada por práticas desde antes normalizadas e identificadas por elementos como força, superação, rendimento e produtividade, valores que, numa perspectiva sociológica, “identificam o esporte como fenômeno cultural que tem fortes vínculos com a lógica da sociedade industrial” (STIGGER, 2001, p.73).

A representação de atleta, de certa forma também vinculada à lógica do produto, constrói significados que desestruturam e desestabilizam outras representações que aproximam o corpo com deficiência física do desregramento. Como processo cultural essa representação estabelece uma identidade que, mesmo sendo provisória, é competitiva e produtiva, possibilitando ao cadeirante construir suas performances em busca da superação de seus limites.

O ambiente esportivo altamente competitivo criou uma condição absoluta e inquestionável de valorização excessiva da vitória, fazendo com que o esporte de alto rendimento produza uma grande tensão entre os competidores, com a sociedade valorizando somente os vencedores. Nas grandes competições esportivas, segundo Cagigal (1996), não é frequente o uso de estatísticas em derrotas, famosas ou não, lógicas ou esperadas, pois, tais procedimentos não seriam sensacionalistas e pouco despertaria do público, o que torna sua aplicação e operacionalização desnecessária. Os números estatísticos que são valorizados são aqueles que representam a vitória.

Entretanto não me parece ser o que se estabelece nas competições entre pessoas com deficiência e, de certa forma, o sentimento que atravessa as falas destacadas anteriores. Pelo que depreende do enunciado podemos constatar que entre os cadeirantes que não vencem as provas, possivelmente não encontramos derrotados. Numa perspectiva psicológica, Samulski (2002) afirma que uma derrota não é por si, uma experiência de fracasso, apontando semelhanças entre as experiências de êxito e as vitórias propriamente configuradas. O êxito, por sua vez, tem uma relação muito próxima com as possibilidades de o atleta atingir o rendimento esperado, independentemente de sua colocação na competição e, no contraponto, as experiências de fracasso são percebidas através de diferenças entre o resultado esperado e o resultado obtido (*idem*, p. 145).



Ilustração 17: Corredor cadeirante em prova de pista.

Neste ponto é que, de certa forma, podemos estabelecer uma relação com a performance atingida pelos cadeirantes. A intencionalidade percebida é a que desencadeia uma ação do cadeirante no sentido de buscar a superação da situação vivenciada por ele anteriormente, ou seja, ele chega para a prova dos 400 metros, na sua categoria, com um tempo em torno de 1'08" minutos e, mesmo não vencendo a prova seu

êxito estará garantido caso consiga superar essa marca. Silva e Rúbio (2003) apostam em um dispositivo motivacional que faz com que os atletas aprendam a não desistir imediatamente ou desanimar diante das dificuldades: o saber perder. No caso dos atletas cadeirantes o sentimento de “saber perder”, referido pelas autoras, faz parte de suas rotinas diárias. A ausência de mobilidade lhes possibilita, antecipadamente, adquirir um sentimento que os fazem incorporar elementos importantes atribuídos ao estilo esportivo. As autoras acreditam que este comportamento deve ser incorporado pelos atletas que desejam ser campeões, visto que para atingir este posto eles terão que aprender a competir esportivamente, a assimilar as derrotas, superando-as ao longo da jornada (*idem*, p. 74).

“Se tu chegas até aqui para competir, passando por cima de tudo, às vezes até da família, tu já é um campeão”, afirma Jorge antes de uma prova.

Nas falas também se percebe certo sentimento de conquista, de superação em relação às situações vivenciadas, impositivas ou não, que de certa forma, podem ter oferecido alguma dificuldade para o cadeirante afirmar-se como atleta. Talvez seja interessante descobrir se existe alguém ou uma significativa parcela, entre a população das pessoas com deficiência, que não foi interpelada por mecanismos excludentes e discriminatórios da sociedade.

Apesar dos vários movimentos que objetivam a integração dessas pessoas, o isolamento social em que vivem persiste. Sua erradicação é difícil, já que a marginalização desses indivíduos tem raízes históricas profundas, se estendendo desde o início da vida humana (GLAT, 2004, p.21-22). No caso dos cadeirantes a situação é mais complicada, pois a violação da norma, além, de ser facilmente percebida é, de certa forma, irreversível e permanente. O cadeirante contraria o padrão de normalidade violando a norma física hegemônica, desestruturando com sua hibridez a manutenção e integridade da vida coletiva, uma condição incapacitante e dolorosa, não apenas por suas limitações orgânicas, mas principalmente pelas limitações sociais que acumula. Dessa forma, o tornar-se atleta significa ao cadeirante uma importante conquista, operacionalizada como tantas outras, através de grande esforço e dedicação.

Falar da performance do híbrido é destacar a potencialização do corpo do atleta cadeirante mediada por uma ação tecnológica desencadeada pela utilização de uma prótese especial que, de certa maneira, rompe com a banalização de algumas marcas que nele são inscritas hegemonicamente. A relação do atleta cadeirante com a especificidade da prática esportiva adaptada, especialmente a partir da ação intencional em busca do rendimento, produz uma ação potencializadora que o faz avançar pelo território de novos significados.

Esses significados que dão sentido ao atleta cadeirante destacando seus aspectos maquínicos, constroem a identidade do homem-máquina, marca ciborgue desse atleta, evidência da tecnologia e, como diz Le Breton (2004, p. 67) explicita “um objeto separado de si, mas especificamente investido de ser substituto de si próprio”.

Trago, a seguir, algumas falas que carregam sentidos que deixam explícito o corpo tecnológico do híbrido:

- *“que ferrugem brava, héin meu”, “vai tomar um banho de óleo, cara”, diz um cadeirante.*

- Durante o treino palavras de estímulo e provocação romperam o silêncio do ginásio: *“toca o ferro nele..., não deixa, prende este chumbado; parece que está dançando, meu... é ferro com ferro, pô”,*

As expressões *“ferrugem”, “banho de óleo”, “toca o ferro nele”, “é ferro com ferro”,* parecem metáforas destinadas a suprir as aspirações de suplementação técnica desses corpos contemporâneas e suas necessidades individuais de potencialização. A transformação desse corpo pela técnica, destaca o artefato protético como a manutenção de suas possibilidades de potencializar-se.

A ação performática decorrente das práticas esportivas a que se submete, faz com que o atleta cadeirante incorpore suas limitações produzindo significados que indicam a idéia de um corpo que se supera ao permitir o desenvolvimento ou o acoplamento de próteses.

A performance do híbrido torna-se evidente a partir da potencialização das técnicas do corpo e, especialmente daquelas desenvolvidas com o objetivo de dinamizar as práticas esportivas. A potencialização desses corpos se estabelece a partir de uma intervenção e monitoramento sobre o artefato tecnológico. As marcas sociais que neles são inscritas nublam-se, reconfiguram-se e das práticas esportivas vivenciadas surge a evidência da performance.

Nas práticas esportivas, segundo Vaz, “o artefato técnico por excelência é o próprio corpo, ele precisa ser controlado e funcionalizado para a realização das performances encenadas” (2001, p.92). A intencionalidade em maximizar a performance esportiva desencadeia uma demanda tecnológica que deve dar conta das estatísticas, dos números que comparam grandezas, acompanhada de uma precisão cada vez maior nas análises em linguagem matemática. Fica a evidência da performance esportiva com destaque às técnicas do corpo e do aparelho tecnológico.

As falas a seguir remetem a destaques técnicos específicos de algumas práticas esportivas adaptadas e, de certa forma evidenciam ações corporais performáticas, individuais e coletivas:

- *“Quando consigo uma resposta, seguido de um toque no adversário marcando um ponto, sinto a mesma sensação de quando marcava um gol no futebol”, diz o esgrimista.*

- *“Na esgrima temos que pensar sempre para buscar a melhor resposta possível. Uma decisão precipitada coloca toda sua estratégia a perigo, somos exigidos a tomar decisões rápidas”, disse Pedro.*

- *“Nelson tens que dar mais ar na tua roda esquerda, véio. Estás lento na volta..., toca ela Ruben, toca essa roda, cara, tem que acompanhar”.*

- *“Dos quatro tempos necessários para se jogar o basquete, temos uma equipe que se sai muito bem nos dois primeiros. Depois disso o time fica vulnerável, pois não temos como fazer as substituições”, argumentou Lucas.*

Nas práticas esportivas individuais a exigência técnica solicitada na ação de cada atleta tem forte relação com suas habilidades adquiridas, adaptadas e aperfeiçoadas mediadas especialmente por suas possibilidades de superação. Nas práticas coletivas, cada atleta, além de cumprir as mesmas exigências solicitadas às práticas esportivas individuais, assume uma posição no grupo de acordo com sua classe funcional. Impositivamente é exigido um equilíbrio técnico-funcional entre as equipes. Cada atleta recebe uma pontuação de acordo com suas possibilidades motoras e as equipes não podem exceder, em quadra, ao limite máximo de pontos estabelecidos pela regra, tornando as disputas mais justas e competitivas.

As práticas corporais esportivas são modelos e referência de sucesso na sociedade contemporânea, um exemplo do protagonismo do corpo e em especial de sua performance. Esse sucesso não diz respeito a vitórias, mas ao rendimento máximo em relação ao aperfeiçoamento e adaptação da forma física. A idéia de superação de limites com performances cada vez mais extremas e velozes, suprem um mercado carente por emoções e estímulos mais fortes.

As performances destes corpos evidenciam práticas corporais esportivas intensamente atravessadas pela relação híbrida entre corpo e tecnologia, de certa forma, comprovada na declaração de um corredor:

-“quando o bicho pega, cara, o calor do asfalto faz com que não sinta mais os braços; as mãos parecem que colam na cadeira; o cheiro do óleo usado nos rolamentos da roda se espalha por todo o corpo. Isso me estimula, me transforma.”

Percebe-se que as fronteiras do acoplamento entre o humano e a máquina, no atleta cadeirante, especialmente na descrição do relato anterior, encontram-se dinamizadas e potencializadas a tal ponto que a fusão entre elas desestrutura o entendimento de onde começa o corpo e onde termina a máquina.

Não se trata, portanto, segundo Vaz, de simplesmente assemelhar o corpo à maquinaria, mas de “transformar” o próprio corpo em máquina, de forma que não se possa mais perceber a distinção entre ambos. Para esse autor, o esporte não pode

prescindir nem do aparato técnico, nem do esforço em transformar o corpo em artefato técnico (*ibidem*, p.93-94).

A análise empregada nesse capítulo relacionou o corpo do atleta com deficiência a partir de sua interação e integração com as práticas corporais esportivas, com a potencialização produzida pela ação tecnológica e com sua performance, percebendo a intencionalidade de sua busca por rendimento destacando, sobretudo, sua capacidade de superação. Em todas as etapas da análise entendemos o corpo do atleta cadeirante como um corpo híbrido, que se constitui, especificamente por sua explícita conexão com o artefato protético, um corpo preenchido pela tecnologia.



Ilustração 18: Corredor cadeirante em uma prova de pista.

TRÊS LIÇÕES

Apesar de este ser o texto final desse trabalho, devo admitir que meu propósito ao escrevê-lo manteve-se distante da intencionalidade de sua conclusão, até porque creio em sua característica incipiente. Acredito também, que o que foi por mim escrito nessa dissertação reflete apenas uma entre as várias formas de olhar e falar sobre os atletas com deficiência física que utilizam como prótese a cadeira de rodas.

Observá-los durante alguns acontecimentos esportivos, buscando perceber de que forma, através de suas relações com a tecnologia e com as práticas esportivas, significaram seus corpos, no mínimo, foi-me desafiador. Nos encontros e desencontros, dos ginásios às pistas, capturar suas falas foi garimpo tardio, simplista até, mas sério e obstinado. As lições apreendidas por esses garimpos, a mais preciosa das pedras.

Passado algum tempo de estudos, incontáveis reflexões, algumas centenas de horas solitárias à frente do computador, tentando o texto, forçando as palavras, resta-me agora lembrar do início, da primeira lição, de tanto estranhamento. Vem-me a lembrança o primeiro encontro com as pessoas com deficiência física que utilizam a cadeira de rodas como prótese. Chamava-as, então, com essa constrangedora formalidade: pessoas com deficiência física. Nos primeiros contatos, nem a formalidade com que teimava em tratá-los, impedia que os olhasse por fragmentos, uma visibilidade flutuando entre os rostos e as máquinas.

Pois, com surpresa, essas mesmas pessoas logo se tornaram cadeirantes, neologismo usual praticado no meio esportivo adaptado, que os nomeia. Pomposo ou não, explícito talvez, o fato é que esses cadeirantes agregam a seus corpos marcas que funcionam como códigos identitários que, a primeira vista e a primeira lição, permite-nos reconhecê-los a partir de sua monstruosidade, de sua anormalidade. Culpo-me na árdua lição de apreender a normalidade. Olhava-os com estranheza, marcava-os com ferro quente – porque o quente era o normal, assim me diziam – e, ainda constrangido, agora por meus conceitos que se formavam antecipadamente, pensava: como são diferentes!

Certo estranhamento me causou o cadeirante, repito. Um corpo sentado sobre rodas, pernas mortas, flácidas, aos pedaços. Súbita culpa de tantas outras – que não são poucas – teria sido olhar com morbidez a cadeira de rodas? Sim, ela própria, me traz por si só as marcas de uma historicidade carregada de horror e segregação, que a caracteriza culturalmente como elemento constrangedor e subjacente. A própria representação da deficiência, pensei. E, novamente, pensava: como são diferentes!

Lembro-me de uma fala capturada que me causou inquietação. Mais uma, entre tantas. Reproduzo a seguir a passagem tal como a relatei no corpo do trabalho:

“Privilegiadamente pude perceber os últimos preparativos dos atletas antes de se dirigirem aos blocos de partida, os alongamentos, a concentração de cada um, e especialmente, como se despiam de suas próteses para participarem das provas. Neste momento Jorge, um colaborador curioso com a pesquisa, de uma maneira muito significativa argumentou: *‘todos nós vivemos do esporte, mas esse pessoal [os nadadores] é diferente da gente. Nós usamos as cadeiras especiais para vencer, eles não precisam delas’*. Terminada a competição de natação, despedimo-nos”.

A partir do referencial teórico utilizado na construção dessa dissertação e a perspectiva adotada para ancorar esse estudo posso reafirmar que entendo a cadeira especial utilizada nas práticas corporais esportivas como uma prótese de performance, utilizada somente para esse fim. Acredito também, que na sua falta durante a prática esportiva, por consequência, haja um decréscimo senão, a própria ausência de rendimento. Esta lógica pode ser aplicada às práticas esportivas específicas para cadeirantes que demandam dinâmicas de movimentação e mobilidade de seus praticantes, exigindo de suas próteses, certos dispositivos de ajuste e adaptação, que atendam as necessidades de segurança e performance dos atletas.

Dessa maneira, reafirmo que a prótese de performance possibilita o desencadeamento de uma ação potencializadora no corpo desse atleta. Com seu objetivo maior voltado para um melhor rendimento, razão de ser do esporte de alto nível, o cadeirante assume a maquinização de seu corpo como elemento essencial para a aquisição da potência. Acoplar-se à prótese de performance, nessa perspectiva, representa ao cadeirante, antes mesmo de comprovar sua hibridez, construir-se atleta, assumindo para si os elementos constitutivos dessa representação.

Entretanto, o atleta nadador, objeto dessa inquietação, obviamente, por não utilizar uma prótese de performance talvez busque na construção técnica do próprio corpo, o aditivo que lhe possibilitará construir sua performance. Instrumentalizar o corpo suprimido não é tarefa simples e a dimensão da potência adquirida pelo atleta, possivelmente tenha a ver com a adaptabilidade, com o ajuste técnico corporal daquilo que lhe resta, utilizado na tarefa de produzir a ação motora específica da prática esportiva. Dessa forma arrisco pensar que esse atleta nadador, através de um processo de maquinização corporal ou de uma “consciência mecânica do corpo” (COURTINE, 1995, p.93), operacionaliza-se com técnicas, protéticas, potencializadas, capazes de assumirem a intencionalidade da ação corporal.

Por fim, apreendi outra lição sobre o corpo com deficiência. Aquele que se adita e se potencializa não mais através de sua prótese, mas através dele próprio, da aquisição de técnicas, de sua própria maquinização. Uma grande lição. Como que seu gesto, aditado pela técnica de seu corpo, produzisse potência, tornando seu corpo ou o que dele se vê, a própria prótese de performance. Um corpo-prótese que me fez pensar outra vez: como são diferentes.

Mas foi só o começo. Logo em seguida, na terceira lição apreendida, percebi nesse corpo, a intencionalidade da vida, do rendimento, da superação, da busca pela potência. Encontrei-o não mais nas sombras de sua agonia, como pensava, mas na visibilidade performática de suas práticas corporais esportivas.

Agora, veste um artifício protético, adaptado tecnologicamente às exigências de sua prática corporal esportiva, um equipamento distinto da prótese de auxílio de vida diário, porque ajustado e aditado tecnicamente para suprir uma demanda exclusivamente performática. Uma máquina de desejos, de performances e consumo.

Contemporânea e simultaneamente, esse corpo mistura-se, acopla-se, incorpora a tecnologia. Faz-se ciborgue, portanto. Por vezes máquina, outras, humano, flutua entre os limites do artifício e da natureza, do real e do fictício, do mais e do menos e do mais-ou-menos. Um corpo que ciborguiza-se confundindo ainda mais essas fronteiras, mas que se conecta parcialmente, de diferentes modos com os outros e por todas as partes. Torna-se um outro corpo, incapaz de ser idêntico a si mesmo – porque em combinação.

Através do aditamento tecnológico de sua prótese, que também é seu corpo, potencializa-se. Define-se pela busca do rendimento, lançando-se a uma performance de superação. Assume a possibilidade de tornar-se atleta, e assim o faz resignificando-se. Surge como um novo que se representa e, integrado como num circuito, se faz potente através da sua relação com práticas tecnologicamente potencializadas. Constitui-se, então um atleta híbrido: o híbrido paraolímpico. Agora penso: como sou diferente!

Não sou um cadeirante, mas sei que os significados que atribuo a esses corpos são socialmente organizados, sendo sustentados por uma variedade de linguagens, discursos e representações que circulam na sociedade e que, ao me interpelarem, buscam me dizer o que esse corpo é, o que ele deve ser e o que ele pode ser. Entretanto, apesar desses mecanismos operarem fortemente normalizando esses corpos, meu desejo foi descobrir de que forma eles representavam a si mesmos, que significados atribuíam a seus corpos.

Etapas de estudo e pesquisa levaram-me a destacar a tecnologia, a aquisição da potência e as práticas corporais esportivas, como elementos generosos na construção da representação desse corpo, tornando possível afirmar que os significados atribuídos aos atletas cadeirantes, amparam-se na forte interferência e intervenção tecnológica que atinge os corpos contemporâneos, cadeirantes ou não, ciborgues ou não.

A relação que o atleta estabelece com a máquina desenvolve uma espécie de dispositivo de ação que lhe oferece possibilidades superlativas de movimento e, nos possibilita pensar na prótese, o artefato desse corpo-máquina, como elemento da contemporaneidade que garante o discurso social da reconquista de uma identidade concebida, ao mesmo tempo, como ameaçada e ameaçadora.

Através da ação potencializadora desencadeada pelos ajustes tecnológicos processados em suas próteses de performance, esses corpos se reconstroem na relação com as práticas corporais esportivas. Assumem significados que não disfarçam nem mascaram seu hibridismo, porém lhes autorizam assumir posições de visibilidade vinculadas às possibilidades de potência, superação e rendimento.

A ação potencializadora não se estabelece apenas com a colonização tecnológica de seu corpo, mas a partir de ajustes na prótese através de dispositivos técnicos que

possibilitam a instrumentalização de sua própria performance. Por isso, acredito que o atleta cadeirante resignifique seu corpo híbrido, investindo nas possibilidades e apropriações tecnológicas, a partir da necessidade de sobreviver, nem tanto à urgência contemporânea, mas principalmente, às rotinas de sua existência.

Se, não só através da técnica, esse corpo se constitui, mas também pela e através da diferença estabelece marcas de distinção definidoras de sua materialidade, é provável que reconstrua sua subjetividade avançando pelos caminhos da performance, na busca do processo de potencialização como um aditivo.

Talvez as reflexões que trago nesse texto final ajudem a compreender como esses corpos, que são diferentes não só porque aditados pela máquina, podem ser resignificados através da ação potencializadora produzida por sua prótese de performance na relação com as práticas esportivas, ou então contribuam na construção de uma nova percepção sobre os corpos marcados pela monstruosidade de suas ausências, ou ainda, resignadamente, ajude-nos a entender um pouco mais sobre nós mesmos.

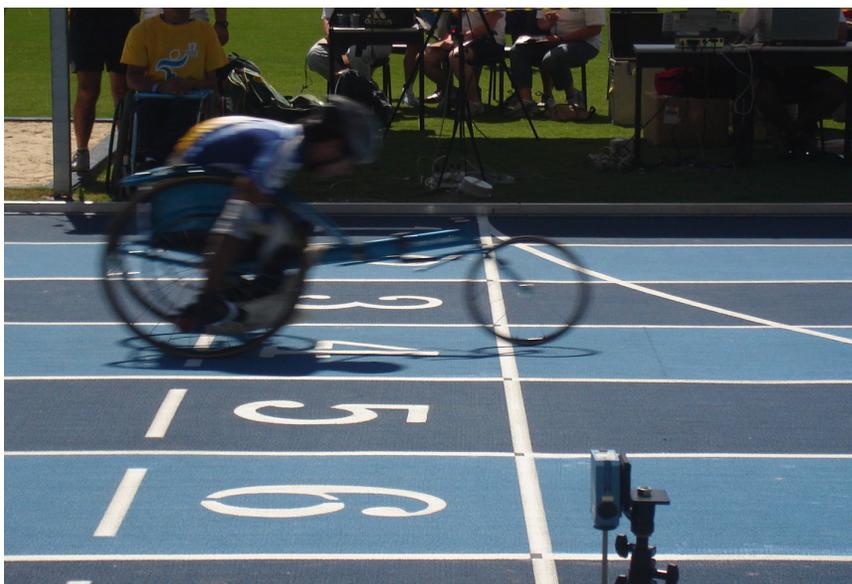


Ilustração 19: Chegada de uma prova de pista.

REFERÊNCIAS

ABRADECAR. *Associação Brasileira de Desporto em Cadeiras de Rodas*, boletim nº 73, 29/07/2003.

_____. *Associação Brasileira de Desporto em Cadeiras de Rodas*, boletim nº 97, 27/01/2004.

_____. *Associação Brasileira de Desporto em Cadeiras de Rodas*, boletim nº 131, 28/09/2004.

ARAÚJO, Paulo Ferreira de. *Desporto Adaptado no Brasil: origem, institucionalização e atualidade*. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto / INDESP, 1998.

BABO, Maria A. Do corpo protésico ao corpo híbrido. In: MARCOS, Maria L.; CASCAIS, António F. *Corpo, Técnica, Subjetividades. Revista de Comunicação e Linguagens*. Lisboa: Relógio D'Água, n.33, junho de 2004.

BAUDRILLARD, Jean. *Similacros e Simulação*. Lisboa: Relógio D'Água, 1991.

BAVCAR, Evgen. O corpo, espelho partido da história. In: NOVAES, Adauto (org.). *O homem-máquina: a ciência manipula o corpo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

BOGDAN, R; BIKLEN, S. K. *Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora, 1994.

BOURG, Dominique. *O Homem Artíficio: o sentido da técnica*. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*: promulgada em 5 de outubro de 1988. São Paulo: LTr, 2004.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO ESPORTO. Secretaria de Educação Especial. Política Nacional de Educação Especial. *Lei nº 7853/89 e Decreto nº 914/93. Os direitos das pessoas portadoras de deficiência*. Livro 1. Brasília, 1994.

BRUNO, Fernanda. Mediação e Interface: incursões tecnológicas nas fronteiras do corpo. In: DA SILVA, D. F.; FRAGOSO, S. (orgs.). *Comunicação na cibercultura*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2001, p. 191-215.

BURKE, Peter. *A Escrita da História*. São Paulo: UNESP, 1992.

CAGIGAL, Jose Maria. *Deporte y limites*. Madrid: Ed. Grupo Anaya, 1996.

CALDEIRA, Teresa Pires. A presença e a pós-modernidade em antropologia. *Novos estudos*, CEBRAP. São Paulo, v.21, 1988, p.133-157.

CARVALHO, Sérgio. *Thanise um sorriso muito especial*. Piracicaba: UNIMEP, 1996.

COSTA, Alberto Martins da; SOUSA, Sônia Bertoni. Educação Física e Esporte Adaptado: História, Avanços e Retrocessos em relação aos Princípios da Integração / Inclusão e Perspectivas para o Século XXI. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v.25, n. 3, p. 27-42, maio 2004.

COSTA, Marisa V. Estudos Culturais – para além das fronteiras disciplinares. In: COSTA, Marisa V. (org.). *Estudos culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2004, p. 13-36.

_____. Pesquisa-ação, pesquisa participativa e política cultural de identidade. In: COSTA, Marisa V. (org.). *Caminhos Investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em Educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 93-117.

COUTO, Edvaldo S. et al. Corpo. *Atrator Estranho* (São Paulo). São Paulo: , v.29, p.1 - 28, 1998.

_____. *O Homem-Satélite – estética e mutações do corpo na sociedade tecnológica*. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2000.

COUTO, Edvaldo S. Estética corporal e protecionismo técnico nas culturas higienistas e desportivas. In: GRANDO, José Carlos (org.). *A (des)construção do corpo*. Blumenau: Edifurb, 2001a.

_____. O zumbido do híbrido. A filosofia ciborgue do corpo. In: *Revista Margem*, São Paulo: Educ, nº 13, 2001b, p. 85-99.

_____. Corpos modificados – O saudável e o doente na cibercultura. In: LOURO, Guacira L.; NECKEL, Jane F.; GOELLNER, Silvana V. (orgs.). *Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003, p.172-186.

COURTINE, Jean-Jacques. Os stakhanovistas do narcisismo: body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. In: SANT'ANNA, Denise B. (org.). *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

DIPASQUALE, Giovanni. *História da Ciência e da Tecnologia: da pré-história ao renascimento*. Lisboa: Edições ASA, 2002.

DROGUETT, Juan Guillermo. Corpo, imagem e cultura. In: LYRA, Bernardete; GARCIA, Wilton (orgs.). *Corpo e Imagem*. São Paulo: Arte & Ciência, 2002.

DUSCHATZKY, Silvia; SCLIAR, Carlos. O nome dos outros. Narrando a alteridade na cultura e na educação. In: LARROSA, Jorge; SCLIAR, Carlos (orgs.). *Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 119-138.

FIDALGO, António; MOURA, Catarina. Devir (in)orgânico: entre a humanização do objecto e a desumanização do sujeito. In: MARCOS, Maria; CASCAIS, António (orgs.). *Revista de Comunicação e Linguagens*. Corpo, Técnica e Subjetividades. Lisboa: Relógio D'Água, n.33, junho de 2004.

FLICK, Uwe. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FOUCAULT, Michel. *História da Loucura*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H. e RABINOW, P. (orgs.). *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

_____. *Os anormais*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. Poder-corpo. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1996.

_____. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1997.

FRAGA, Alex B. *Corpo, identidade e bom-mocismo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

FREITAS, Giovannina G. de *O Esquema Corporal, a Imagem Corporal: a consciência corporal e a corporeidade*. Ijuí : Ed. UNIJUÍ, 1999.

GAMA, Ruy. *A Tecnologia e o Trabalho*. São Paulo: NOBEL: EDUSP, 1987.

_____. *História da Técnica e da Tecnologia*. São Paulo: EDUSP, 1985.

GARCIA DOS SANTOS, Laymert. Tecnologia, natureza e a “redescoberta” do Brasil. In: ARAÚJO, Hermetes R. (org.). *Tecnociência e Cultura: ensaios sobre o tempo presente*. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanbara Koogan, 1989.

_____. *Nova Luz sobre a Antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

GÉRARD, Vincent. Uma história do segredo? In: PROST, Antoine; GÉRARD, Vincent. *História da vida privada, vol. 5: da primeira Guerra a nossos dias*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 155-390.

GIL, A. C. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GLAT, Rosana. *A Integração Social dos Portadores de Deficiência: uma reflexão*. Rio de Janeiro: Editora Sete Letras, 2004.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira L.; NECKEL, Jane F.; GOELLNER, Silvana V. (orgs.). *Corpo, Gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003, p. 28-48.

GUARESCHI, N.; MEDEIROS, P.; BRUSCHI, M. Psicologia social e estudos culturais: rompendo fronteiras na produção do conhecimento. In: GUARESCHI, N.; BRUSCHI, M. (orgs.) *Psicologia social nos estudos culturais: perspectivas e desafios para uma nova psicologia social*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. Tradução Tomáz T. da Silva e Guacira L. Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HARAWAY, Donna J. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: SILVA, Tomáz T. (org.). *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

HELAL, Ronaldo. Mídia, construção da derrota e o mito do herói. *Motus Corporis*. Revista de Divulgação Científica do Mestrado e Doutorado em Educação Física. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, v. 5, n. 2, p. 141-155, 1998.

HOLANDA, Aurélio B. *Novo Dicionário Aurélio: Século XXI*. São Paulo: Nova Fronteira, 2002.

JACOMY, Bruno. Do Humano nas Técnicas: entrevista com Bruno Latour. In: SCHEPS, Ruth (org.). *O Império das Técnicas*. Campinas, SP: Papyrus, 1996, p. 37-46.

JANNUZI, Gilberta. *A luta pela Educação do Deficiente Mental no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 1992.

_____. Algumas Concepções de Educação do Deficiente. *Revista Brasileira de Ciência do Esporte*. Campinas, v.25, n.3, maio de 2004, p. 9-25.

JEUDY, Henri-Pierre. *O corpo como objeto de arte*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

JOHNSON, Richard. O que é, afinal, Estudos Culturais? In: SILVA, Tomaz T. *O que é, afinal, Estudos Culturais?* Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

KUNZRU, Hari. Genealogia do ciborgue. In: SILVA, Tomaz T. da (org.). *Antropologia do ciborgue – as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LATOURE, Bruno. Do Humano nas Técnicas: entrevista com Bruno Latour. In: SCHEPS, Ruth (org.). *O Império das Técnicas*. Campinas, SP: Papirus, 1996, p.155-166.

LE BRETON, David. A Síndrome de Frankenstein. In: SANT'ANNA, Denise B. (org.). *Políticas do Corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995, p. 49-67.

_____. *Adeus ao Corpo: Antropologia e Sociedade*. Campinas: Papirus, 2003.

LE GOFF, Jacques. A História do Quotidiano. In: DUBY, Georges. *História e Nova História*. Lisboa: Teorema, 1986.

LEMOS, André. *Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. PortoAlegre: Sulina, 2002.

LOURO, Guacira L. Segredos e mentiras do currículo. Sexualidade e Gênero nas práticas escolares. In: SILVA, Luiz Heron (org). *A escola cidadã no contexto da globalização*. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 33-47.

_____. Apresentação. In: MEYER, D. E. *Identidades traduzidas: cultura e docência teuto-brasileiro-evangélica no Rio Grande do Sul*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.

_____. Corpo, escola e identidade. In: *Educação e Realidade*, v.25, n.2, jul/dez 2000, p. 59-76.

LÜDKE, M; ANDRÉ, M. D. E. *A Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MANTOAN, M. T. et al. *A integração de pessoas com deficiência: contribuições para uma reflexão sobre o tema*. São Paulo: Memnon, 1997.

MARTINS, Bruno D. G. de S. *Políticas sociais na deficiência: Exclusões perpetuadas*. Disponível em: www.ces.uc.pt/publicações/oficina/228/228.pdf . Acesso em 08.08.2006.

MARQUES, Urbano S. M. A exclusão social e a actividade física. In: MARQUES, A.; PRISTA, A.; JÚNIOR, A. F. (orgs.). *Educação Física: Contexto e Inovação (vol. 1)*. *Actas do V Congresso de Educação Física e Ciências do Desporto dos Países de Língua Portuguesa*. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, Universidade do Porto, Portugal, 1998, p.161-175.

MATOS, Elisabeth de. *Classificação Funcional*. Comitê Paraolímpico Brasileiro. Disponível em : www.cpb.org.br/, acesso em 18.08.2004.

MEYER, Dagmar E. As mamas como constituintes da maternidade: uma história do passado? In: MERCADO, F. J; GASTALDO, D; CALDERÓN, C. *Paradigmas y diseños de investigación cualitativa en salud. Una antología Ibero-americana*. Guadalajara: Universidad de Guadalajara/Universidad Autónoma de Nuevo Leon, 2002, p.375-402.

MINAYO, Maria Cecília de S. (org.). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

MOLINA NETO, V. Etnografia: uma opção metodológica para alguns problemas de investigação no âmbito da educação física. In: MOLINA NETO, V; TRIVIÑOS, A. N. S. *A Pesquisa Qualitativa na Educação Física*. Porto Alegre: UFRGS/Sulina, p. 107-139, 1999.

_____ ; MOLINA, R. K. Capacidade de Escuta: questões para a formação docente em educação física. In: *Movimento*. Porto Alegre: UFRGS, v.8, n.1, p.57-66, janeiro/abril, 2002.

MOURA E CASTRO, J. A; GARCIA, R. P. O Desporto, a performance e a estética do corpo diferente. In: MARQUES, A.; PRISTA, A.; JÚNIOR, A. F. (orgs.). *Educação Física: Contexto e Inovação (vol. 1)*. *Actas do V Congresso de Educação Física e*

Ciências do Desporto dos Países de Língua Portuguesa. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, Universidade do Porto, Portugal, 1998, p. 203-213.

NEGRINE, Airton. Instrumentos de Coleta de Informações na Pesquisa Qualitativa. In: TRIVIÑOS, Augusto e col. *A Pesquisa Qualitativa na Educação Física: alternativas metodológicas*. Porto Alegre: ED. Universidade/UFRGS/Sulina, 1999.

NELSON, Cary; TREICHLER, Paula; GROSSBERG, Lawrence. Estudos Culturais: uma introdução. In: SILVA, Tadeu Tomaz da. (org.). *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos Estudos Culturais em educação*. Petrópolis: Vozes, 1995.

NEVES, Tânia R. L. Movimentos Sociais e Cidadania: Quando a pessoa com deficiência mental fala na primeira pessoa do singular. In: SILVA, Shirley; VIZIM, Marli. *Políticas Públicas: Educação, Tecnologias e Pessoas com Deficiências*. Campinas, SP: Mercado de Letras e ALB, 2003, p. 153-174

NOGUEIRA, Marco A. *Educação, saber, produção em Marx e Engels*. São Paulo: Cortez, 1990.

NOVAES, Varlei de S. Controle do corpo e consumo tecnológico: David Le Breton e as críticas a cerca das transformações do corpo na sociedade contemporânea. In: *ANALECTA*. Guarapuava: UNICENTRO, v.6 (1), jan/jun. 2005, p. 131-143.

OLIVEIRA, Luiz Alberto. Biontes, bióides e borgues. In: NOVAES, Adauto. *O homem-máquina: a ciência manipula o corpo*. São Paulo: Companhia da Letras, 2003.

PEIRANO, Mariza. *A favor da etnografia*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

RICHARDSON, Roberto J. e col. *Pesquisa Social: métodos e técnicas*. 3.ed. São Paulo, ATLASA, 1999.

ROBERTES, Ricardo. Deficiência de quem? In: *DISCORPO*. São Paulo: Revista do Departamento de Educação Física e Esportes da PUC-SP, n.6, p.17-27, jan./jun. 1996.

RODRIGUES, José Carlos. *O Corpo na História*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1999.

RUBIO, Kátia. *O imaginário esportivo contemporâneo: o atleta e o mito do herói*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

SAMULSKY, Dietmar Martin. *Psicologia do esporte*. São Paulo: Manole, 2002.

SANT'ANNA, Denise B. Educação Física e História. In: CARVALHO, Y e RÚBIA, K. *Educação Física e Ciências Humanas*. São Paulo: Hucitec, 2001b.

_____. (Apresentação). *Políticas do Corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, p. 11-18, 1995.

_____. As infinitas descobertas do corpo. *Revista do Núcleo de Estudos de Gênero*. Unicamp: Cadernos Pagu (14) 2000.

_____. *Corpos de Passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001a.

_____. Do culto da performance à cultura da cortesia. In: SILVA, Ana M.; DAMIANI, Iara R. *Práticas Corporais: Gênese de um Movimento Investigativo em Educação Física*. Vol.1. Florianópolis: Nauembla Ciência & Arte, 2005, p. 65-72.

SANTOS, Luis Henrique S. Algumas anotações (quase-livres) acerca do texto: A disciplina e a prática da Pesquisa Qualitativa. In: DEZNIN, Norman, K; LINCOLN, Yvonna S. (Eds.). *Handbook of Qualitative Research*. London: Sage, 2000 (2nd Edition). Aula 5 do Curso de Especialização – 6/set/2003 – ULBRA.

_____. Sobre o etnógrafo-turista e seus modos de ver. In: COSTA, M. V.; BUJES, M. I. E. *Caminhos Investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

SCHEPS, Ruth. *O império das técnicas*. Campinas: Papyrus, 1996.

SÉRGIO, Manuel. *Educação Física ou ciência da motricidade?* Campinas: Papyrus, 1989.

SERRES, Michel. *Os Cinco Sentidos: filosofia dos corpos misturados-1*. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2001.

SIBILIA, Paula. *O Homem Pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.

SILVA, M. Lúcia; RUBIO, Kátia. Superação no Esporte: limites individuais ou sociais? *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, vol.3, nº 3 (69-76), 2003.

SILVA, Tomáz T. A produção social da Identidade e da Diferença. In: SILVA, Tomáz T. (org.). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 73-102.

_____. O Adeus às Metanarrativas Educacionais. In: SILVA, Tomáz T. (org.). *O Sujeito da Educação: Estudos Foucaultianos*. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 247-258.

_____. *O Currículo Como Fetiche: a poética e a política do texto curricular*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SLOTERDIJK, Peter. *Regras para o parque humano*. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

SOARES, Carmen L. e FRAGA, Alex B. Pedagogias dos corpos retos: das morfologias disformes às carnes humanas alinhadas. In: *Pro-Posições*. Faculdade de Educação/Universidade Estadual de Campinas, v.14, n.2 (41) – maio/ago. 2003.

SOARES, Carmen. Apresentação. In: SOARES, Carmen. *Corpo e História*. Campinas: Autores Associados, 2001.

SOUZA, Nádya Silveira de. Representação de corpo-identidade em histórias de vida. In: *Educação e Realidade*, v.25, n.2, jul/dez 2000. Porto Alegre: FAGED/UFRGS, p. 95-116.

SOUZA, Pedro Américo de. *O Esporte na Paraplegia e Tetraplegia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1994.

SPINK, Mary Jane (org.); MENEGON, Vera. A Pesquisa como Prática Discursiva: superando os horrores metodológicos. In: _____. *Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2000.

STELARC. Das Estratégias Psicológicas às Ciberestratégias: A Protética, a Robótica e a Existência Remota. In: DOMINGUES, Diana (org.). *A arte no século XXI: a humanização das tecnologias*. São Paulo: Ed. UNESP, 1997, p. 52-62.

STIGGER, Marco P. *Educação física, esporte e diversidade*. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

_____. Relações entre o esporte de rendimento e o esporte da escola. *Movimento*. Publicação da Escola de Educação Física/UFRGS. Ano VII, nº 14, julho de 2001, p. 67-86.

STIGLER, Bernard. A tecnologia contemporânea: rupturas e continuidades. In: SCHEPS, Ruth. *O império das técnicas*. Campinas: Papirus, 1996.

TEVES, N. Corpo e esporte: símbolos da sociedade contemporânea. In: MOREIRA, W.W.; SIMÕES, R. *Fenômeno esportivo no início de um novo milênio*. Piracicaba: Editora Unimep, 2000.

TOQUE A TOQUE. Revista de divulgação da Associação Brasileira de Desporto em Cadeira de Rodas – ABRADecAR, ano XI, n. 62, 2003.

TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à Pesquisa Qualitativa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

TUCHERMAN, Ieda. *Breve história do corpo e de seus monstros*. Lisboa: Ed. Passagens, 1999.

VARGAS, Mara Ambrosina de Oliveira. *Corpus ex machina: a ciborguização da enfermeira no contexto da terapia intensiva*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PPGEDU/UFRGS, 2002.

VAZ, Alexandre F. Técnica, Esporte, Rendimento. *Movimento*. Publicação da Escola de Educação Física/UFRGS. Ano VII, nº 14, julho de 2001, p. 87-99.

VEIGA-NETO, Alfredo. Incluir para excluir. In: LARROSA, Jorge e SKLIAR, Carlos (orgs.). *Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 105-118.

_____. Michel Foucault e os Estudos Culturais. In: COSTA, M.V. (org.). *Estudos Culturais em educação – mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000, p. 37-72.

VÍCTORA, Ceres G. *Pesquisa Qualitativa em Saúde: uma introdução ao tema*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000.

VIEIRA, Ivaldo Brandão. *Classificação Funcional de Atletismo para Atletas em Cadeiras de Rodas*. Disponível em www.aduba.org.br/regrasesportivas/class.html, acesso em 10/10/05.

VIGARELLO, Georges. *O limpo e o sujo: a higiene do corpo desde a Idade Média*. Lisboa: Fragmentos, 1988.

_____. Panóplias Corretoras: Balizas para uma história. In: SANT'ANNA, Denise B. (org.). *Políticas do Corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995, p. 21-38.

VILLAÇA, Nízia; GÓES, Fred. *Em nome do corpo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

VIRILIO, Paul. *A arte do motor*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

WIACEK, Juslaine de F. N. *Fora do ar, o devir-outro. E, na mídia, a (d)eficiência em cena em mais um programa para normalizar a diferença*. Dissertação (Mestrado) Universidade Estadual de Maringá. Maringá: UEM, 2004.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 39-50.